UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 01769761 6

Gomes, Joaquim da Conceicao
O monumento de Mafra

DP
802
M25G6

DESCRIPÇÃO MINUCIOSA

DO

MONUMENTO DE MAFRA

TERCEIRA EDIÇÃO

COM UMA

NOTICIA DE CINTRA

SEUS EDIFICIOS E ARREDORES

POR

JOAQUIM DA CONCEIÇÃO GOMES

EDITADO POR

AUGUSTO TAVEIRA PINTO

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1876

O MONUMENTO DE MAFRA

A estas nobres villas submettidas
Ajunta tambem Mafra em pouco espaço,
E nas serras da lua conhecidas
Subjuga a fria Cintra o duro braço.

CAMÕES.

O MONUMENTO DE MAFRA

DESCRIPÇÃO MINUCIOSA D'ESTE EDIFICIO

IDEA GERAL DA SUA ORIGEM E CONSTRUCÇÃO
E DOS OBJECTOS MAIS IMPORTANTES QUE O CONSTITUEM

3.ª EDIÇÃO CORRECTA E AUGMENTADA COM MUITAS NOTAS

E COM UMA

NOTICIA DE CINTRA, SEUS EDIFICIOS E ARREDORES

POR

JOAQUIM DA CONCEIÇÃO GOMES

Empregado no edificio de Mafra, socio correspondente da real associação
dos architectos civis e archeologos portuguezes

EDITADO POR

AUGUSTO TAVEIRA PINTO

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1876

QP
502
H25 G6

PROLOGO

É esta a terceira edição de uma obra que o publico acolheu benevolamente. Não foi uma louca vaidade o que me levou a esta empreza. Homens eminentemente distinctos dignaram-se dispensar-lhe alguns louvores e a imprensa concedeu-lhe tambem juizos favoraveis; tudo isto me persuadiu que lhe não ficaram tantos defeitos como a principio temêra. Esses respeitaveis caracteres, comtudo, lançaram sobre minhas faltas uma vista favoravel, em consideração aos esforços que fiz para as evitar: por tão generosas e elevadas attenções consigno aqui a todos sinceros votos de agradecimento.

Nunca presumi escrever uma historia; fiz simplesmente um livro, que ainda assim, não sei em que categoria se deva collocar—é uma descripção apenas; e a descripção não é uma obra philosophica, é um quadro—assim mesmo é preciso desenhar, e pintar juntamente; eis em que me achei embaraçado—reconheço a pequenez de meus conhecimentos para empreza de tal ordem. Servirá este meu trabalho, ao menos, para auxiliar os individuos que entram n'esses edificios grandiosos, para destruir preconceitos e prevenir a deficiencia das explicações que se não alcançam como se deseja, ao percorrer as salas ou os corredores d'esses monumentos, cujos nomes apenas conhecemos. A este respeito falla comnosco um auctor conhecido[1]:

«Um parisiense, diz elle, não saírá de Napoles sem visi-

[1] A. Dumas, *Os Mohicanos.*

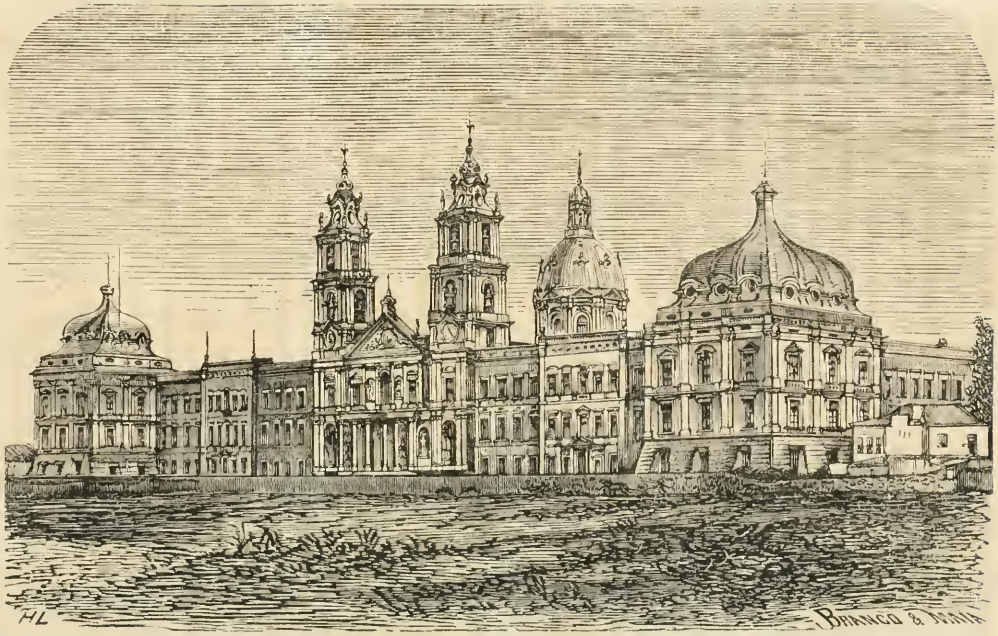
tar as ruinas de Pompeia, não obstante não ter visitado as catacumbas de Port-Mahon, não sei a rasão... O parisiense não conhece na sua cidade senão o seu bairro; no seu bairro a sua rua; na sua rua a sua casa; na sua casa o seu andar.»

Dir-se-ha talvez que o meu escripto e as minhas idéas já se acham demonstradas. Que importa? Não é pouco conhecel-as, e a tal respeito dizia Voltaire:

Les esprits les plus originaux empruntent; il en est des livres comme du feu dans nos foyers; on va prendre du feu chez son voisin, on allume chez soi, on le communique à d'autres, et il appartient à tous.

Fico convencido da indulgencia e da justiça que continuarão a fazer-me os homens de sentimentos nobres e generosos, ao reconhecerem que eu sou apaixonado pelas cousas que dão gloria ao paiz, e que é só esse amor sincero o que respira no meu escripto. Prestando em tudo devido culto e admiração aos talentos que me coadjuvaram, posso, como Herodoto, dizer que só escrevo com o fim de engrandecer as cousas da minha patria.

J. G.


HL
BRANCA & DAIN

O MONUMENTO DE MAFRA

I

Idéa geral

> Não me mandas contar estranha historia,
> Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.
>
> CAMÕES

A 35 kilometros ao norte de Lisboa e 20 ao nordeste de Cintra está situada Mafra, povoação antiquissima, tomada por D. Affonso Henriques aos mouros em 1146. D. Diniz lhe deu o foral de villa em 1304, e foram d'ella senhores os condes de Penella[1]. Não tem a poesia de Cintra; mas alguns bellos arvoredos e regatos, e a perspectiva das campinas e do oceano, a 6 kilometros a oeste, dão-lhe uma apparencia agradavel e pittoresca. Cercada de montanhas pelo sul e leste, está a descoberto do norte, sendo por isso fria e constantemente lavada dos ventos; comtudo é abundante de aguas magnificas, que a tornam muito salubre.

É ahi que existe o mais gigantesco edificio de Portugal, e talvez um dos mais bellos e gigantescos da Europa. Comquanto seja fria e melancholica a primeira impressão que o viajante recebe ao ver aquella massa descommunal, não póde todavia eximir-se de prestar-lhe homenagem, quando passa a examinar os seus pormenores. Parece impossivel como, apesar da força de vontade inexcedivel do monarcha e dos muitos milhões de cruzados ali empregados, se pôde no curto espaço de treze annos concluir uma construcção tão grandiosa e soberba.

[1] Em 1339, por carta regia datada de Salvaterra, foi, entre outras, concedida esta villa a D. João Fernandes de Lima.

Em 1513 foi reformado o foral por D. Manuel, e existe no archivo da camara.

Um edificio que occupa uma area de 40:000 metros quadrados, com quatro mil e quinhentas portas e janellas, oitocentas e oitenta salas, duas torres de 68 metros de altura, dois soberbos torreões, um zimborio magestoso e rico, de bello calcareo, considerado tudo juntamente, pareça embora uma edificação viciosa, tenha mesmo alguns defeitos, não póde todavia deixar de excitar respeito e admiração; devendo ainda notar-se a attendivel circumstancia de que os mesmos homens, quero dizer, o mesmo monarcha e o mesmo architecto que comprehenderam, executaram essa empreza, circumstancia esta que concorre para a unidade de pensamento que se nota nas suas fórmas, sendo estas sempre grandes, sempre ricas, e as mais das vezes de maravilhoso primor.

Quanto á despeza que se fez na edificação total d'esta immensa fabrica, não se sabe precisamente qual foi. Ha quem diga 28 milhões de cruzados, ha quem assevere menos, e ha quem a eleve a 54 milhões. Seu fundador não quiz de certo que se fizesse conta geral, pretendendo talvez a si mesmo illudir-se ácerca da grande somma que lhe deveria custar. Realmente para um paiz como Portugal foi uma obra assás dispendiosa; mas é um rico monumento de architectura, cheio de belleza e primores de arte[1].

A respeito da origem da fundação d'este grande colosso, diz-se que D. João V, para haver successão, fizera voto de erigir um convento para frades arrabidos na villa de Mafra, onde elles tinham um pobre hospicio[2]. Postoque o convento fosse começado em 1717, depois do nascimento de D. Maria Barbara, D. José, D. Carlos e D. Pedro, o que deu logar a duvidar-se da existencia do voto, não se segue que o não houvesse. D. João V havia-se desposado em 1708, e dois annos depois ordenava elle a Fr. Antonio de S. José, frade de reconhecida virtude, rogasse a Deus pela successão ao throno, que elle promettia fazer em Mafra um convento á sua corporação; e em 1711 nasceu D. Maria Barbara: ficou portanto o rei ligado ao voto[3].

[1] Marcial, fallando do Capitolio, das suas riquezas e luxo, disse que Jupiter vendendo o Olympo não pagaria a vigesima parte da somma que ali se gastou. Com maior rasão o diria de Mafra.

Nam tibi quod solvat non habet arca Jovis.

[2] Em 1834 ainda existiam de pé as cellas, refeitorio e suas dependencias. Hoje existe sómente a capella, pequena e pobre de ornamentação e obra de arte.

[3] A veracidade do facto prova-se com as inscripções gravadas nas pedras lançadas nos alicerces, como adiante se mostrará.

E certo que em 1717 teve logar a inauguração d'esta tão grandiosa fabrica, onde se agruparam com incrivel rapidez milhares de individuos para edificarem essa soberba colonia de todas as artes, profissões e officios, edificio magestoso, cujas fórmas cheias de nobreza e proporções colossaes recordam não só a nossa riqueza de outr'ora, como a piedosa gratidão do monarcha para com a Divindade, a quem foi primordialmente dedicado o monumento.

Seja muito embora censurada esta edificação por dispendiosa e improductiva, como muitas outras que de antigas eras nos ficaram, e que bem mal conservâmos; mas, alem das nobres origens que as produziram, devemos tambem confessar que serviram ellas por muitas vezes para fazer reviver as industrias e as sciencias; sendo certo que cada monumento é uma pagina da historia de um povo.

Quando se construiu o edificio de Mafra estava em Portugal esquecida a arte de trabalhar em pedra. O architecto começou por instituir uma escola de cabouqueiros, canteiros e esculptores; e é da escola de Mafra, continuada na Ajuda, que descendem os mestres dos mestres que hoje temos trabalhando em pedra, sem duvida com grande perfeição. Acatemos pois este monumento precioso que representa uma epocha grandiosa, e que em compensação do desperdicio nos deixou muitas edificações e obras uteis, taes como o aqueducto das aguas livres, a reedificação do hospital das Caldas e a instituição da academia da historia portugueza, bases certamente para o desenvolvimento progressista que hoje notâmos em todas as sciencias, artes, industrias e officios, que o nosso monarcha tão decididamente protegia.

Ninguem contesta a D. João V seu genio emprehendedor, constancia e força; e o amor ás artes é uma gloria como qualquer outra, pelo menos não faz desgraças.

Cada epocha tem o seu caracteristico. Tempos houve em que se tratava de levantar edificios notaveis, como o de Mafra, Batalha e Alcobaça; agora tratâmos das vias ferreas e telegraphia electrica. Aos vindouros pertence ajuizar de nós. E assim como agora fazemos observações ácerca dos actos de nossos antepassados, já louvando, já censurando, assim tambem um dia virá em que os nossos monumentos de marmore e bronze, os viaductos, as pontes, as estradas, e finalmente todas as obras de arte, magnificos testemunhos do nosso gosto e genio progressista, sejam expostos no museu de algum povo hoje selvagem, n'um deserto ainda agora desconhecido, ou no seio de algum impenetravel bosque.

Povos de então farão por sua vez dissertações e defenderão seus systemas; e da mesma sorte que as construcções de D. João V parecem já hoje um sonho, attenta a sua magnificencia, bellezas e custo, assim tambem as nossas obras actuaes parecerão fabula depois da historia.

II

Começo das obras — inauguração — continuação de obras — sagração — conclusão dos trabalhos

Tendo el-rei designado o local para o edificio no sitio denominado a *Vela,* junto a Mafra, commetteu o desenho d'elle a differentes, ficando approvado o de João Frederico Ludovice, architecto allemão educado em Roma, e que então se achava em Lisboa dirigindo trabalhos dos padres da Companhia[1].

Ordenou o monarcha as precisas expropriações, que pagou na importancia de 358$000 réis. A edificação que então estava em projecto era convento e igreja, cujas dimensões e riqueza em nada se alteraram posteriormente, quando el-rei mudou o seu plano.

[1] João Frederico Ludovice, natural de Ratisbonna, nasceu em 1670. Foi educado em Roma, onde recebeu uma educação esmerada, sendo muito variados os seus conhecimentos, não só em artes, mas em sciencias. Quando se realisou a liga de Augsbourg tinha elle praça n'um corpo de engenheiros; feita a paz voltou á Italia. Em 1707 veiu a Lisboa tratar de certas obras no collegio de Santo Antão. Em 1711 concorre com Juvara e Canevari para a execução do projecto de D. João V. O seu desenho foi o preferido, não obstante, dizem, não ser o mais gracioso. Ludovice modelava e esculpia com perfeição; e, ainda alem do grande monumento, ha d'elle a capella mór de S. Domingos de Lisboa, e a da Sé de Evora. Tendo recebido muitas honras de D. João V, não foi menos respeitado por D. José, que, nomeando-o architecto mór do reino, deu-lhe a patente e o soldo de brigadeiro de infanteria. Ludovice foi casado duas vezes; deixou filhos, e falleceu em 1752. A associação dos architectos civis portuguezes possue o retrato, a oleo, d'este homem notavel, acquisição importantissima, devida ao distincto architecto sr. Joaquim P. N. da Silva.

Começaram pois os trabalhos, abrindo-se alicerces de 5^{m},3 de profundidade; grande numero de homens ali trabalhavam, tendo começado por cortar a montanha que fica ao sul do edificio, a fim de nivelar o terreno onde devia construir-se a grande fabrica[1].

Em 17 de novembro de 1717 teve logar a inauguração do edificio, a cujo acto assistiu el-rei e toda a familia real, o cardeal patriarcha, e curia patriarchal, grande numero de fidalgos, uma força militar de cavallaria e infanteria, e grande multidão de povo.

No local onde devia ser a capella mór lançou el-rei a primeira pedra, de figura quadrangular, que continha a seguinte inscripção:

DEO OPTIMO MAXIMO
DIVO QUE ANTONIO LUSITANO
TEMPLUM HOC DICATUM,
JOANNES V LUSITANORUM REX
VOTI COMPOS OB SUSCEPTOS LIBEROS,
PRIMUM QUE FUNDAVIT LAPIDEM
THOMAZ I PATRIARCHA OLYSSIP. OCCID.
SOLEMNI RITU
SACRAVIT POSUIT QUE:
ANNO DOMINI CIↃICCCXVII
XIV KAL. DECEMBRIS.

Ahi foi igualmente lançada uma urna de prata que continha 12 medalhas, 4 das quaes eram de oiro, 4 de prata e 4 de cobre; estas medalhas continham a seguinte inscripção:

JOANNES V PORTUGALIAE ET ALGARBIORUM REX
ET MARIANNA DE AUSTRIA CONJUX.

Lançaram-se mais 12 pedras e 12 dinheiros, commemorando os 12 apostolos; uma outra caixa ou cofre contendo 2 vidros de oleo santo, que se cobriu com uma pedra, na qual se via outra inscripção que certificava o voto; sobre ella lançou o esmoler mór 12 moedas de oiro, 12 meias moedas e 12 quartos; de prata, 12 moedas de 480 réis, 12 ditas de 240 réis, 12 de 120 réis; de cobre, 12 moedas de 20 réis, 12 ditas de 10 réis, 12 de 5 réis, 12 de 3 réis e

[1] O terreno onde assenta o edificio está acima da superficie do mar 214 metros.

12 de 1 1/2 real; colhér e trolha de prata, cestos doirados e prateados foram os objectos de que el-rei se serviu n'esta ceremonia; acabada a qual, n'uma capella primorosamente ornada, se celebrou missa de pontifical, durando todo o acto desde as oito horas da manhã até ás tres da tarde [1].

Continuaram os trabalhos com a maior actividade possivel, ficando d'elles encarregado o architecto F. Ludovice, sendo mestres de alvenéus e de canteiros Carlos e Antonio Garvo, milanezes.

Achavam-se já bastante adiantados os trabalhos e construcção da igreja, quando el-rei projectou augmentar o edificio; novas expropriações se fizeram e se pagaram na importancia de 12:842$000 réis. N'estas expropriações se comprehende o cerco [2]. Este projecto, que só teve por fim augmentar o convento, para conter 300 frades, foi tão intempestivo, que produziu trabalhos e despezas incalculaveis.

Treze annos decorreram na edificação d'esta fabrica, em que se empregavam (termo medio) 20:000 homens de todas as artes; centenares de carros, de bois e cavalgaduras de carga eram occupados em remover entulhos e acarretar materiaes. Para cortar e destruir a montanha que fica ao sul do edificio, a fim de nivelar o terreno, davam-se diariamente mil tiros, em que se consumiam 400 kilogrammas de polvora. Toda a madeira de construcção veiu do Bra-

[1] A ceremonia solemne da inauguração é uma manifestação publica de fé, é um reconhecimento do soberano dominio de Deus, é um acto brilhante de adoração dirigido á magestade suprema d'aquelle de quem todas as cousas têem o ser, o movimento e a vida. É ver o que o mundo tem de maior, isto é, poder, coragem e genio, inclinar-se diante de Deus que os tem creado, ceremonia imponente para obter o concurso necessario da protecção divina sobre a obra mais brilhante do espirito humano.

[2] Em 1747, nas notas do tabellião Martinho Roussado, na villa de Mafra, foram lavradas trinta e tres escripturas das expropriações do terreno occupado pelo edificio, pela cerca e tapada. Era procurador, por parte de el-rei, o desembargador Euzebio Tavares de Sequeira, corregedor do bairro alto de Lisboa. Consta dos mesmos titulos, que, n'aquelle acto não só se pagou a importancia do terreno, mas ainda mais os juros vencidos desde a epocha da expropriação até á data da celebração das mesmas escripturas. O terreno tinha sido no devido tempo avaliado por louvados que as duas partes haviam nomeado; *justas causas*, diz a procuração regia, obstaram a que mais cedo se tivessem feito as escripturas e satisfeito as importancias devidas. Em compensação deram-se tambem muitos materiaes das obras.

Consta mais de uma relação que existe no archivo da camara, que a 21 individuos dos desapossados se mandou dar certos baldios situados na Portella da Villa, Murgeira e Barreir'Alva.

zil, e do norte vieram todas as cordas precisas para os trabalhos.

Em 1727 determinou el-rei que a sagração do templo tivesse impreterivelmente logar em 22 de outubro de 1730. Foi a rasão: manda o ritual que as sagrações solemnes dos templos sejam ao domingo, e el-rei fazia quarenta e um annos em 22 de outubro, que n'esse anno caía em um domingo; esta coincidencia não quiz D. João V desprezar.

Em 1728, comquanto a igreja estivesse bastante adiantada, abriam-se então os alicerces para o convento propriamente dito, segundo a reforma que se fez ao primeiro pensamento e projecto do edificio; bastantes difficuldades se apresentaram para executar a ordem regia: tratou-se de as vencer. Expediram-se ordens ás auctoridades de todo o paiz, para mandarem gente para Mafra, em consequencia do que chegaram ahi a juntar-se 50:000 homens; mas, como muita d'essa gente era inutil, immediatamente se despediu. Por esta alternativa não se sabe precisamente o numero dos que trabalhavam; parece todavia que não excedeu a 35:000: para conter esta multidão e manter a ordem, havia uma força militar de 7:000 homens de cavallaria e infanteria.

A casa real empregava então 1:270 bois nas conducções e os particulares eram obrigados (pagando-se) a dar dois dias por semana; muitos dias houve de se encontrarem na estrada mil carros, e muitas pedras eram tiradas por 30 a 40 juntas de bois; a pedra que forma a varanda da janella grande da casa chamada *de benedictione* foi tirada por 100 juntas de bois, e seis dias se gastou em chegar das pedreiras de Pero Pinheiro a Mafra.

Muitas pontes de madeira se fizeram para mais facilmente poderem chegar os objectos ao local onde deviam collocar-se; 450 homens a pau e corda se occupavam diáriamente nas conducções que por esta fórma se podiam fazer.

Fizeram-se tambem muitas barracas de madeira não só para accommodar a gente, mas para recolher os animaes, e para officinas de todas artes e arrecadações de ferramentas, cujo numero seria incalculavel; ainda hoje existe grande quantidade de picolas, picões, escadas e macetas de canteiro. O numero de fornos de cal e tijolo não se sabe, mas encontravam-se centenares d'elles de Cascaes até Mafra (20 kilometros).

Construiram-se algumas enfermarias, que podiam conter 550 doentes, alem de duas para convalescentes e uma para

officiaes militares e pessoas de distincção; nas pedreiras de Pero Pinheiro tambem se estabeleceu uma enfermaria para os que ali adoecessem: 2 medicos, 2 cirurgiões, 4 sangradores, 3 boticarios, 8 cozinheiros e sufficiente numero de enfermeiros e serventes eram empregados no tratamento dos doentes, não querendo el-rei que lhes faltasse a menor cousa. Das enfermarias, como de tudo o mais, não existe estatistica verdadeira, nem mesmo conta da despeza; parece comtudo que de 1728, em que o serviço das enfermarias se montou regularmente, até 1733, em que o restante dos trabalhos foi dado por empreitada, se gastaram no tratamento dos doentes 89:200$000 réis, havendo entrado 17:098 doentes, morrido 1:338 e saído curados 15:760[1].

Postoque se fizessem as maiores diligencias, e se empregassem todos os meios para completar o convento nos dois annos, não foi possivel; acabou-se a igreja (menos o zimborio e a sacristia, se bem que abobada ficava ainda por guarnecer, sendo preciso então cobril-a de panno pintado de colla. E do convento estava concluido sómente o refeitorio, cozinha e casa *de profundis*.

Comtudo, no dia 22 de outubro de 1730 teve effectivamente logar a sagração[2], ceremonia religiosa e imponente, que infunde na alma humana impressões de veneração e respeito. Assistiram a este acto o rei, a rainha, toda a familia real, grandes do reino, e uma força militar; 2 cardeaes, o patriarcha, 4 bispos e 320 frades fizeram o ceremonial religioso com o maior esplendor e magestade possiveis. Oito dias duraram as festas. No dia primeiro, havendo começado o acto pelas nove horas da manhã, acabou ás tres da noite. Tinha a igreja trezentos e cincoenta lumes.

Ligar as idéas e actos religiosos ás grandes emprezas é certamente um pensamento de grande força e grande alcance, e na verdade as festas religiosas da Igreja têem im-

[1] Por alguns roes incompletos que existem, vê-se que os ordenados dos medicos eram de 300$000 réis. Consultados os preços dos generos tarifados pelas camaras acha-se que: o trigo regulava por 300 réis o alqueire; a cevada por 160 réis o alqueire; carne de vacca por 35 réis o arratel; carne de porco por 50 réis o arratel; vinho por 720 réis o almude; azeite por 180 réis a canada. A cal vendia-se por 600 réis o moio; a telha por 480 réis o cento; e o tijolo por 240 réis o cento.

Os jornaes de pedreiros e carpinteiros regulavam por 300 a 500 réis.

[2] A ceremonia religiosa da sagração é antiquissima, data do quarto seculo da Igreja. A basilica Lateranense foi a primeira igreja sagrada por S. Silvestre, papa.

menso poder, devido talvez menos á sua pompa exterior do que á sua natureza intima. Ha no coração humano duas fibras, cujo estremecimento abala profundamente todas as outras; o dor e a esperança, agitadas separadamente, exercem poderosa acção; agitadas ao mesmo tempo, levam a impressão á mais alta energia. Ora, pôr em acção simultanea as duas molas da alma, eis o privilegio das solemnidades religiosas.

Terminada pois a solemne festa da sagração, ordenou el-rei que 300 frades da Ordem Terceira de S. Francisco ficassem desde logo no convento, mandando dar-lhes 300 pares de sandalias, roupas de cama, louças e trem de cozinha; igualmente lhes foi entregue grande numero de alvas e cotas lisas e de renda, 270 toalhas de altar, 90 missaes grandes, 40 ditos pequenos, 30 calices de prata, grande quantidade de castiçaes, galhetas, pratos lisos e lavrados, salvas e outros muitos objectos magnificos, taes como os riquissimos paramentos de damasco bordados a *fil de soie* de Italia.

Grande parte do edificio estava ainda por acabar; queria el-rei quo se concluisse com toda a promptidão, e determinou-se a dar empreitadas. A conclusão do zimborio foi logo dada em arrematação pela importancia de réis 160:000$000; isto era sómente a mão de obra, e devia completar-se em tres annos. Effectivamente em 1735 os exteriores de todo o edificio ficaram concluidos[1].

Concluida a edificação geral do grande monumento, convocou el-rei por editaes todos os credores a apresentarem na vedoria seus documentos, a fim de serem indemnisados; e com effeito se pagou a todas as pessoas que appareceram devidamente habilitadas. Todo o gado que existia foi então distribuido pelos lavradores, em compensação de quantias que por seus trabalhos se lhes deviam, ficando sómente o preciso para serviço dos arrematantes, a quem se dava uma consignação mensal, que pontualmente lhes era entregue[2].

Eis-aqui resumidamente uma idéa geral do famoso mo-

[1] Foram os mesmos mestres das obras que tomaram por empreitada o acabamento dos trabalhos, que se dividiram em nove lanços por igual numero de individuos, no que se despendia 20:000$000 réis mensalmente. O acabamento do zimborio era um trabalho especial, cuja despeza não saía d'esta verba.

[2] Não consta que se ficasse devendo cousa alguma, e familias houve que ficaram percebendo tenças vitalicias, e algumas com sobrevivencia, por não se terem podido liquidar os seus creditos.

numento, proprio por suas dimensões gigantescas para uma das maiores nações do globo, fabrica descommunal tão digna de consideração e apenas hoje lembrada. Se bem que a este edificio não estejam, como ao da Batalha, ligadas sublimes e patrioticas recordações, cumpre todavia mostrar o amor das artes, o patriotismo e orgulho nacional; é este uma preciosa herança de familias, uma garantia de honra e de prosperidade para os estados. E com que orgulho não exclamaria D. João V ás legiões de seus artistas, como Napoleão ao seu exercito, quando, depois da batalha de Moskowa, lhes dizia: «Soldados, quando voltardes a vossas casas, basta dizerdes — *Eu estive na batalha de Moskowa* — para que se responda — *Eis-ahi um bravo!* — » Com quanto maior orgulho, digo, e gloria não exclamaria tambem o nosso monarcha: « Camaradas, quando voltardes a vossas casas, basta dizerdes — *Eu trabalhei no edificio de Mafra* — para que se responda — *Eis-aqui um grande artista!* — »

E quaes serão as alegres e consoladoras recordações de Moskowa? Quaes as tristes e desoladoras de Mafra? Talvez haja, não questiono.

III

Frontespicio — torres — relogios e carrilhões — torreões faces lateraes — parallela da linha de frente exterior do templo e zimborio

O edificio tem a fórma de um rectangulo, e occupa uma área de 40:000 metros quadrados; a linha de frente é tirada de norte a sul; a sua projecção horisontal é de 220 metros, e forma a face principal do edificio.

É ella composta da fachada do templo ornada pelas duas torres, e do palacio que, prolongando-se aos lados das torres, é ornado pelos torreões que ficam nos pontos extremos da linha. O grande corpo formado pela projecção d'esta linha tem 27 metros de altura, terminando no terraço guarnecido de uma formosa platibanda de marmore.

No centro das torres, que entre si medeiam 42 metros, está a fachada da igreja; tem um soberbo peristilo de marmore, formado de seis columnas jonicas de $8^{m},8$ de altura, que, dividindo tres arcos magestosos, constituem o portico do vestibulo do templo. Cancellos de ferro de primoroso trabalho fecham os arcos do vestibulo.

Tres lanços de escadas de sete degraus de marmore dão lateralmente accesso para o portico, e na frente ha para o mesmo fim um bem feito plano inclinado, formando um semicirculo fechado por marcos de pedra.

Sobre as columnas do arco do centro assenta a varanda da casa denominada *de benedictione*, com tres magestosas janellas de $5^{m},3$ de altura, com sacadas de balaustres de marmore. Estas janellas estão divididas por seis columnas compositas, tendo cada uma $6^{m},4$ de altura; entre os capiteis vêem-se anjos e flores de primoroso trabalho; aos lados

da janella do centro ha duas estatuas de marmore de Carrara, que representam S. Domingos e S. Francisco.

Um soberbo frontão de calcareo branco, rematado por uma grande cruz de ferro, corôa a fachada do templo. O tympano do frontão é uma lamina de jaspe, de figura elliptica, cujo eixo maior mede $3^m,3$, e representa, em meio relevo, a Virgem, o Menino e Santo Antonio[1]. Aos lados da cruz que remata o frontão estão duas pyramides de marmore, assentes sobre acroterios.

As torres são, como já disse, o grande ornamento da fachada do templo. A sua figura é pyramidal, e tem cada uma 68 metros de altura, devendo considerar-se desde o solo; embora ellas se confundam com o corpo do edificio até aos terraços, podem-se-lhe até ahi contar tres corpos distinctos.

Na sua base ha um grande portico que dá passagem para os lados externos da igreja. O segundo corpo, que se confunde com o atrio, tem um soberbo arco, igual aos do vestibulo, com uma varanda de balaustres de marmore, e é guarnecido de quatro pilastras jonicas de $4^m,3$ de altura. Aos lados dos arcos apparecem, em nichos, duas estatuas de marmore de Carrara, que representam Santa Izabel Rainha, e Santa Clara. Os nichos são coroados por frontões triangulares, em cujo tympano ha uma cabeça de anjo.

No plano do palacio está o terceiro corpo; tem uma formosa janella com sacada entre duas columnas e duas pilastras de ordem composita de $6^m,4$; e é sobre o entablamento d'esta ordem que se eleva o primeiro corpo acima do terraço.

N'este corpo, que pertence á ordem dorica, apparece o mostrador do relogio n'um bello circulo de $4^m,3$ de diametro, guarnecido de festões de marmore, e coroado por um frontão, cujo tympano é uma cabeça de anjo. O da torre do norte tem as horas marcadas pelo systema romano, e o da do sul pelo systema portuguez. Em qualquer dos mostradores o ponteiro tem $2^m,2$ de comprimento, e cada uma das letras $0^m,65$. No interior d'este corpo de cada torre estão os importantes *machinismos dos relogios.*

O segundo corpo ou segundo pavimento acima do terraço é guarnecido de columnas de ordem corinthia de 6 metros de altura. Estão ahi alojados os sinos que formam o carrilhão.

[1] O frontão é triangular, e a base mede $20^m,8$; tanto esta como os lados são guarnecidos de denticulos. Uma grinalda do mesmo marmore, circumdando graciosamente o tympano, preenche todo o frontão.

Sobre o entablamento d'este corpo assenta o terceiro, de ordem composita, cujos arcos são divididos por columnas de $5^m,3$ de altura. Estão ahi os sinos para serviço da igreja.

Sobre a cimalha eleva-se a cupula; dos quatro angulos erguem-se quatro grandes pyramides dando muita elegancia a este corpo, que corôa todos os mais, e é rematado por uma esphera de $1^m,2$ de diametro. Um eixo de ferro, passando pelo centro da esphera, entra na abobada, onde é segura por uma rosca de bronze[1].

Os quatro corpos que se elevam acima do terraço têem 41 metros de altura.

Ha em cada uma das torres cincoenta e sete sinos de differentes dimensões; o maior pesa 12:000 kilogrammas. Cumpre notar que ha dois iguaes, um em cada torre, e servem para dar as horas aos respectivos relogios; cada um d'estes sinos tem $2^m,8$ de diametro e $2^m,4$ de altura. São feridos por martellos de ferro, cada um dos quaes pesa 280 kilogrammas, vigas de ferro de $0^m,32$ em quadrado sustentam aquelles colossos de bronze.

No mesmo pavimento, mas pela parte de baixo d'aquelles sinos, estão os dos quartos e os de serviço da igreja.

Não deve passar despercebido o que se acha na torre do norte denominado o *Bizarro,* refundido em Mafra por um artista portuguez chamado Antonio Manuel[1], no reinado do senhor D. João VI, como consta da inscripção.

REPARATO SALUTIS ANNO IMPERANTE JOANNE VI
FIDELISSIMO REGE DOMINO NOSTRO
MDCCCXXIV—ANTONIUS EMMANUELIS
SCALALI NATUS FECIT.

Este e outros sinos dobram conjunctamente nas festas religiosas: o effeito não é agradavel, mas é respeitoso. Massas enormes de bronze, feridas por badalos de ferro de grandeza correspondente, agitam e movem o ar com uma força espantosa, e ouvem-se a 15 kilometros de distancia.

No segundo pavimento está o composto de sinos denominado o *carrilhão,* de quatro oitavas, formadas por quarenta e oito sinos de differentes grandezas, suspensos em vigas de madeira de $0^m,33$ de grossura em quadrado; a escala é chro-

[1] Outr'ora havia sobre a esphera uma cruz; todo este apparelho quando completo pesava 3:390 kilogrammas.

[2] Fallecido em Lisboa em 1854, por occasião da cholera morbus.

matica e perfeitamente afinada; o 1.º sino é *sol*, tem 10:000 kilogrammas de peso, $2^m,4$ de diametro e $2^m,2$ de altura. Os mais vão diminuindo até ao 48.º em volume e peso; o menor tem 30 kilogrammas. Os sons de todos elles são maravilhosos.

Cento e quatorze é o numero total de sinos distribuidos pelas duas torres; os que formam o carrilhão são feridos por martellos ou por badalos de ferro; estes por meio de arames de latão são tocados por um teclado similhante ao de um piano; e aquelles pelo mesmo meio são movidos e tocados por cylindros pelo systema de caixa de musica: os processos são differentes, mas o effeito é igual, por isso que o sino ferido interior ou exteriormente produz o mesmo som.

Cada torre tem um teclado; aindaque similhantes aos de piano, divergem todavia na execução. Apresentam duas ordens distinctas de teclas; a primeira, collocada superiormente, é tocada com as duas mãos, cuja acção corresponde á da mão direita do piano; a segunda, na parte inferior, é tocada com os pés, e corresponde á mão esquerda no mesmo instrumento.

O carrilhanor, sentado, compulsa os dois teclados; como em outro qualquer instrumento, segundo a sua construcção, podem aqui executar-se todas as musicas; é preciso porém simplifica-las, por isso que o instrumento é pesado. Os tons que mais felizmente se empregam são os de *sol*, *do*, *re*, *fa*, e seus relativos; a musica, bem como para piano, escreve-se em duas claves de *sol* e *fa*, havendo notas graves, medias e agudas.

Um grande tecido de arames conduzidos por movimentos de ferro, pelo systema de alavancas de primeira especie, formam um todo complicadissimo, mas perfeitamente combinado; quarenta e oito badalos são por este meio presos a outras tantas teclas que formam o teclado, e noventa e seis martellos pela mesma fórma são levados aos cylindros.

Quatro orificios praticados na abobada dão passagem a um numero de arames igual ao dos martellos, correspondente cada um a uma tecla dos cylindros que fazem parte dos machinismos dos relogios.

Unicos n'este genero, são elles duas excellentes machinas, duas fabricas riquissimas pelo seu trabalho artistico.

Um conjuncto de rodas de bronze, unidas a eixos de ferro primorosamente trabalhados e polidos, circumdados de figuras e outros bellos ornatos tambem de bronze, dois enormes cylindros do mesmo metal e um lindo teclado de

aço junto d'elles, um grande pendulo, e outras muitas e variadas peças de differentes metaes, formando cinco jogos distinctos de *movimento, quartos, horas e dois cylindros para musicas,* movidos por enormes pesos de chumbo ligados a fortissimas cadeias de ferro, compõem e formam essas machinas.

Todo o machinismo é contido n'um barramento de ferro que, projectando-se horisontalmente, forma um quadrado de 4 metros por lado.

Sobre elle elevam-se, dos angulos, quatro columnas octogonaes, de ferro polido, de $2^m,2$ de altura, com capiteis de bronze compositos; do centro elevam-se pilastras de ferro de igual altura e de $0^m,12$ de largura: sobre isto assenta outro barramento de ferro; e no espaço por elle fechado se contém a machina. Eixos de ferro oitavados de $1^m,2$ de comprimento operam simultaneamente com outras muitas peças relativas e indispensaveis a um relogio. Ha n'este machinismo rodas de bronze de $0^m,96$ de diametro, e o pendulo é uma haste de ferro de $3^m,8$ de comprimento, tendo na extremidade inferior um corpo de bronze de 22 kilogrammas de peso. As oscillações são de 20°. Um escape de ancora muito bem construido dá a esta machina uma bella apparencia.

Os cylindros do carrilhão são dois corpos de bronze de $1^m,8$ de diametro, e o eixo mede $2^m,4$; o systema d'estes cylindros é o de uma caixa de musica. Por um methodo adaptado a elles podem ali collocar-se todas as musicas que não excederem a quatro oitavas, contando de *sol* no 3.° espaço abaixo das linhas naturaes. Bem como para o teclado escrevem-se para aqui as musicas em duas claves; é preciso, todavia, apropria-las aos cylindros, não só na força, mas na extensão.

Por meio de desarmes proprios em contacto com o relogio, tocam elles a todos os quartos e horas[1]. Cada cylindro tem dois registos, e toca quatro differentes peças de musica de cincoenta compassos quaternarios cada uma; junto aos cylindros está o teclado, o mais extenso tem noventa e seis teclas; da extremidade de cada uma parte um arame de latão, que, depois de passar por alguns jogos de alavancas, vae prender nos martellos juntos dos sinos. Eixos de ferro polidos de $2^m,4$ de comprimento, rodas e bellos ornatos de bronze, entre os quaes são muito notaveis as caixas

[1] Isto só tem logar quando o rei está em Mafra, ou em dias de anniversarios.

dos teclados apoiadas sobre cariatides do mesmo metal, completam estes importantes objectos.

Dois pesos de 800 kilogrammas cada um são os motores dos dois cylindros; os dos jogos de movimento, quartos e horas são menores; por meio de rodas de balanço, movidas por manivellas, ligadas a eixos de differentes rodagens, se montam os pesos motores, cujas cordas enrolam nos respectivos cylindros.

Os dois machinismos são iguaes, e só divergem em dar as horas. Emquanto que o da torre do sul dá doze horas segundo o uso commum, o da torre do norte só dá seis pelo systema romano, de fórma que, tanto ao meio dia como á meia noite, o respectivo sino só produz seis sons.

Quanto ao preço d'estas maravilhosas fabricas diz-se que custaram 2 milhões de cruzados (800:000$000 réis) nas officinas de Antuerpia, na Belgica. Os machinistas foram Nicolau Levache e Guilherme Withlockx.

Corre por tradição que, tendo D. João V encommendado um carrilhão com as dimensões que desejava, lhe responderam que era uma obra importante, e não custava menos de 400:000$000 réis; reflexão esta que, offendendo o amor proprio do nosso monarcha, o levou a responder: *Não julguei que era tão barato; quero dois*[1].

Postoque essa quantia seja enorme, são elles todavia duas peças importantissimas, e têem mesmo muito valor intrinseco; 217:000 kilogrammas de metal em cada torre não deixam de merecer bastante; e se o edificio é digno de taes machinas, as machinas são igualmente dignas do edificio.

Talvez me afaste um pouco da ordem das cousas, não dando já a descripção da igreja, d'onde tão perto estamos: mas pensei que seria melhor concluir a da fachada, onde temos ainda os torreões e as linhas que os unem ao frontespicio do templo.

[1] Alguns vultos respeitaveis têem contestado, tanto a resposta do rei, como o preço da obra; eu só refiro a tradição, nem estou longe de acreditar. É bem conhecido o genio de D. João V, e quem tiver observado com verdadeira attenção as machinas e seus accessorios, quem conhece os preços dos metaes, e o valor da mão de obra, a profusão e acabamento dos muitos ornatos, crê mais facilmente que o custo de cada um carrilhão fosse de 400 contos, do que de 240 contos, como eu já li. Tambem se disse que os sinos foram fundidos em Paris; ora elles proprios o negam, porque da fundição ficaram-lhes impressas as seguintes inscripções: *Guilhelmus Withlockx me fecit Autuerpiae, anno 1730* — ou *Nicolaus Levache Leodiensis me fecit anno 1730.*

Dois corpos de alvenaria de 25^{m},3 ornados de pilastras de marmore, com um pavimento terreo, dois pavimentos nobres e o cadastro das abobadas do terraço, guarnecido de uma platibanda de balaustres de calcareo branco, e contendo cento e vinte duas portas e janellas, ligam a fachada do templo aos torreões.

No centro do pavimento terreo d'estes corpos estão as duas entradas principaes do palacio, ornadas de columnas doricas que guarnecem tres portas, que dão ingresso para o vestibulo; o segundo pavimento d'este corpo comprehende casas de serviço da igreja ou do palacio, e o terceiro pavimento é o do palacio propriamente dito; as janellas que dão luz a estes pavimentos são de bellas e engraçadas fórmas.

Os torreões, em cujo centro tocam aquelles corpos, são dois soberbos colossos de marmore de figura quadrada, tendo cada lado 26 metros; terminam no terraço por uma varanda de balaustres de calcareo; sobre a varanda eleva-se a magestosa cupula que cobre os aposentos reaes: a cupula tem a fórma de uma corôa. Os pavimentos d'estes corpos coincidem com os d'aquelles a que se acham ligados.

N'um saguão, 3^{m},8 abaixo do solo, assenta a base dos torreões em talude, de ordem toscana, cujas casas subterraneas foram outr'ora as cozinhas da casa real. No pavimento terreo, de ordem dorica, eram as ucharias. O segundo pavimento contém aposentos e camaras especiaes; e no terceiro, de ordem composita, são os aposentos e camaras reaes.

É sobre o entablamento d'esta ordem que assentam as cimalhas guarnecidas de denticulos, e sobre as quaes se erguem as cupulas que coroam estes corpos, cuja projecção vertical é de 50 metros; cada torreão conta sessenta e duas janellas de differentes e bellas fórmas, sendo as do ultimo pavimento ornadas de frontões triangulares.

Fazendo angulo recto com a linha de frente, partem dos torreões duas linhas que, projectando-se na extensão de 205 metros, formam os lados do parallelogrammo, terminando cada um d'elles n'um pequeno corpo de marmore, que fica na extremidade; bellos, porém, pela sua architectura, servem de cobrir e illuminar por meio de janellas abertas nas suas faces lateraes as escadas que do terraço, tocando em todos os pavimentos, communicam com o solo.

Estas duas linhas formando, como se vê, dois corpos, um

olhando o norte, outro o sul, são interrompidas a 45 metros de distancia dos torreões, em que a linha de projecção, recolhendo-se $7^{m},8$, forma um angulo recto, e continua[1].

É d'aqui até ao final que se considera o convento propriamente dito. No centro d'estes corpos formados pela interrupção das linhas horisontaes, eram outr'ora as portarias do convento.

Do lado do sul, um magestoso portico de tres arcos dá entrada para um soberbo vestibulo de marmore, sendo todo o corpo em geral de alvenaria.

Este corpo é revestido de pilastras de calcareo branco até aos terraços, que são guarnecidos de platibandas de 1 metro de altura; junto d'ellas ha um cano aberto no marmore para conduzir as aguas pluviaes ás gotteiras tambem de marmore.

O terraço, aindaque variando n'alguns pontos, tem 16 metros de largura.

Cumpre notar que na frente do norte, comquanto ella seja em tudo igual á do sul, encontram-se muitas casas subterraneas com janellas ao rez do chão, resultado do grande aterro que se fez ali, desaterrando o lado opposto. Era tambem d'este lado que ficavam as cozinhas do convento e seus accessorios, tendo agua em todos os pontos precisos.

A quarta linha que forma o rectangulo e é parallela á da frente, tem 203 metros de extensão. No centro do grande corpo, formado pela projecção d'esta linha, ha um outro, saliente, sustentado por uma soberba arcada de marmore.

Este pequeno corpo formado pelo desvio da linha recta, bem longe de alterar ou interromper a belleza da perspectiva, pelo contrario foi perfeitamente concebido, é mesmo parte integrante do grande corpo, e contribue para dar á bibliotheca a magestosa apparencia que ella tem[2]. Toda a frente conta duzentas e trinta portas e janellas.

O espaço interno do rectangulo é na maior parte occupado pelo convento, propriamente dito, que contém o pavimento terreo e tres pavimentos nobres, sendo o ultimo como ca-

[1] Qualquer d'estes corpos, que constituem as duas faces lateraes, comprehendendo o pavimento terreo, tres pavimentos nobres e os mezaninos, tem cento e oitenta e cinco portas e janellas.

[2] Parece que sobre este corpo se devia collocar o escudo das armas reaes. Um acroterio que não se eleva a mais altura do terraço, devia ser a base onde descansaria o escudo n'um espaço de 4 metros. Dois elegantes vasos de marmore guarnecem os lados.

dastro das abobadas dos terraços, que são cobertura do convento e suas dependencias.

No centro d'esta fica o jardim, que occupa uma área de 3:660 metros quadrados; por ultimo o corpo cruciforme da igreja acaba de encher o espaço do grande rectangulo.

Totalmente separado do edificio, o templo, essa grande e maravilhosa massa de marmore, é exteriormente ornado do mais bello trabalho architectonico. O corpo central é lateralmente reforçado por dois corpos de inferior altura que se prolongam em torno d'elle.

Sobre aquelles dois corpos lateraes se apoia a elevação cruciforme por uma successão de pilares de cantaria que sustentam a cimalha, sobre a qual está a platibanda do terraço, formada de uma balaustrada de 1 metro de altura.

A superficie do terraço é convexa, a fim de não demorar as aguas pluviaes, que por meio de canos abertos na cantaria são conduzidas ás gotteiras. Grandes janellas abertas entre os pilares, que supportam a cimalha do grande corpo, communicam a luz ao recinto do templo; quatro escadas em helice dão serventia do terraço para a igreja.

Sobre o terraço ergue-se o zimborio, de calcareo branco, magestoso e bello por suas fórmas nobres e engraçadas; póde elle considerar-se dividido em cinco corpos distinctos.

O primeiro é a base. O segundo é o corpo propriamente dito do zimborio, de figura octogonal, tendo em cada lado uma janella ornada de florões, em alto relevo. Sobre o arco de cada janella ha uma grinalda de engraçada folhagem de calcareo branco, sendo cada uma orlada de um alto relevo, allusivo a alguns versiculos da ladainha. Cada janella é coroada por um frontão, cujo tympano é occupado por uma cabeça de anjo.

Este corpo é guarnecido por dezeseis columnas corinthias de marmore, que sustentam o entablamento onde se apoia a cupula, que forma o terceiro corpo terminado por uma varanda guarnecida de grades de bronze, para a qual se sobe do terraço por uma escada de noventa e oito degraus. Descobre-se da varanda um extenso horisonte, e é o ponto d'onde se domina todo o edificio[1].

[1] É realmente maravilhoso o ponto de vista que d'ali se gosa: descobre-se ao sul, Cintra e toda a serra desde a extrema esquerda, onde se eleva o castello da Pena, até á extrema direita, onde apparece o cabo da Roca. A oeste vêem-se agradaveis campinas até ao oceano, distante 6 kilometros. Ao norte avista-se, alem de muitos arvoredos,

Oito fachas moldadas sobre o convexo da abobada a cingem até ao remate. Entre as fachas ha dezeseis janellas circulares em duas ordens; os sobrearcos são ornados de pyramides de marmore.

Sobre a varanda eleva-se o lanternim que forma o quarto corpo; é de figura octogonal, com oito caixilhos de bronze adaptados á sua figura polygonal, e guarnecido de dezeseis columnas jonicas. O quinto e ultimo corpo é a cupula, cujo remate, formado de uma só pedra, sustenta uma esphera de bronze de 1^{m},5 de diametro.

Ergue-se sobre ella a cruz do mesmo metal de 2^{m},4 de altura. Uma peanha tambem de bronze sustenta a esphera, e passando pelo centro da abobada, é ahi segura por uma enorme rosca. Todo este apparelho é coroado por um pára-raios, e pesa 2:880 kilogrammas.

Taes são os principaes pontos externos que formam esta massa descommunal. A igreja, sacristia e casa de lavatorio, casa de fazenda, bibliotheca, refeitorio, cozinha, enfermaria, capella funeraria, antiga portaria mór, sala de actos, casa de capitulo, galeria do palacio, antiga sala de audiencia, camaras reaes e os importantes machinismos de relogios e carrilhões, são os principaes pontos internos d'este edificio.

As dimensões colossaes de todos estes objectos estão em relação com o grande todo. Sua belleza, fórmas variadas e ricas do melhor gosto artistico arrebatam e fazem por um pouco duvidar de sua existencia.

Não é menos attendivel a famosa combinação das escadas que dão accesso para todos os pavimentos; as duas principaes do palacio, de quatro lanços de vinte e um degraus, as duas do convento que, partindo de pontos oppostos, se encontram em todos os patamares; e as duas que vão da igreja para o antigo corredor das aulas, são na verdade magestosas e perfeitamente illuminadas. Alem d'essas, ha outras muitas, algumas das quaes se prolongam em toda a extensão vertical do edificio.

Á vista d'esta fabrica descommunal e magestosa, no centro de uma cidade de marmore, de um labyrinto tão judiciosamente organisado, onde o observador se acha cercado de um milhão de objectos assás primorosos, que, succeden-

o cabo de Peniche e as Berlengas. A leste só se encontram as altas montanhas da tapada real, e ainda outras mais distantes, e os restos d'esses reductos famosos que se oppozeram á passagem do exercito francez em 1810.

do-se uns aos outros, vem disputar a primazia, como deixar de lhes prestar consideração e respeito?...

Ao penetrar o recinto do grande monumento é impossivel que o observador não fique subjugado por pensamentos igualmente arrebatadores e contemplativos.

As dimensões gigantescas dos membros que constituem o grande todo, a famosa combinação dos marmores, um povo numeroso de estatuas de jaspe, as mais delicadas esculpturas, os arabescos, os festões, todas essas producções do genio e da arte, tornam, inquestionavelmente, ebrios os sentidos, pela graça e variedade.

IV

Atrio e vestibulo do templo — templo e cupula do zimborio accessorios ao templo — jogo de luz

Seigneur, dans ton temple adorable
Quel mortel est digne d'entrer?

Já disse que o atrio ou maravilhoso vestibulo do templo é fechado pelas portas de ferro, collocadas nos soberbos arcos que formam o portico. Penetrando este respeitavel recinto, fica extasiado o observador ao ver, apesar de suas proporções colossaes, um todo perfeitamente harmonico, formado de preciosos marmores e mosaicos inexcediveis em belleza, o que constitue tantos e tão primorosos objectos de arte[1].

A projecção horisontal do vestibulo é de 28 metros por 7 metros. Nas extremidades tem dois arcos iguaes e similhantes aos da fachada, que communicam com o vão das torres nas suas bases[1]. O pavimento apresenta um bello xadrez, e a abobada é apainelada de marmores de diversas cores. Quatorze nichos abertos nas faces lateraes encerram outras tantas estatuas de marmore de Carrara de dimen-

[1] O mosaico *(opus musivum)*, obra digna das musas, é antiquissimo. Mais religiosos em muitas cousas que os modernos, attribuiam os antigos aos deuses ou á sua inspiração o que parecia ultrapassar o engenho do homem, tal é a belleza do mosaico; trabalho de luxo e de genio, parece haver passado dos persas para os gregos, e d'estes para os romanos, que os empregaram no adorno dos templos.

[2] Este espaço denomina-se a *Galilé*, por isso que, na primitiva, tinha pela parte de baixo as catacumbas.

sões gigantescas, devendo notar-se, com especialidade, as de S. Vicente e S. Sebastião, de $4^m,8$ de altura[1].

Todas as outras têem $2^m,8$; d'entre estas deve especialisar-se a de S. Bruno, cuja cabeça attinge o natural. As roupas, ora apanhadas, ora naturalmente caidas, e a bella expressão que geralmente em todas se nota, mostra a pericia dos artistas romanos que as cinzelaram[2].

Tres portas magestosas, no centro do vestibulo, dão ingresso para o templo. A porta principal, cujas dimensões são de $4^m,9$ por $2^m,9$, é ornada por duas columnas compositas, caneladas, de $4^m,5$ de altura. Sobre esta porta ha um frontão, cujo tympano de famoso trabalho, é uma lamina circular de jaspe, representando em baixo relevo a Virgem, o Menino e Santo Antonio, titulares da igreja. As portas dos lados são menores, mas guarnecidas tambem de lindos e primorosos festões de marmore.

Tres degraus, que cingem as tres portas, dão accesso para o templo, santuario precioso de ricas producções artisticas, primoroso modelo de architectura romana, onde não é possivel entrar sem que se sinta uma impressão de respeito e alegria, e sem que a alma, absorta por um tropel de pensamentos igualmente arrebatadores, fique subjugada por sentimentos tão suaves como profundos.

D'este grande templo poderiamos afoutamente dizer como Ganganelli a respeito de Roma: *Que mil vezes se veria com um prazer sempre novo.*

Um maravilhoso conjuncto de marmores de differentes cores, soberbos e magnificos retabulos e estatuas de marmore de Carrara, obra prima em graça e expressão; a grande nave central ornada de pilastras compositas, caneladas; duas naves lateraes, communicando-se entre si pelos altivos porticos de marmore preto preciosamente polido; o cruzeiro formado de quatro soberbos arcos guarnecidos de lindos florões, que sustentam a cimalha onde se apoia o zimborio; seis orgãos colossaes com bellos ornatos dourados; os dois grandes retabulos das capellas lateraes do cruzeiro; as grades de ferro da capella da coroação[3]; os candelabros

[1] Os nichos têem o fundo revestido de marmore azul, e são coroados de frontões regulares.

[2] As estatuas, pela maior parte, representam heroes do christianismo, fundadores de ordens religiosas. Todas foram feitas na Italia, e algumas d'ellas estão assignadas, taes são: a de Santo Ignacio e a de S. João de Deus por *Agostinho Corsini:* a de S. Caetano e a de S. Francisco de Paula por *Bernardinus Ludovicius;* a de S. Pedro Nolasco por *Petrus Bracci;* a de Santa Thereza por *C. M. R.*°

[3] N'esta capella está o Sacramento.

de bronze de um gosto artistico inexcedivel: eis em resumo os principaes objectos que se admiram n'este local sagrado.

Quem não viu a igreja não póde fazer idéa da sua magnificencia; por toda a parte, desde o solo até ás abobabas, brilham os mais bellos e finos mosaicos e bronzes, animados pelo cinzel de habeis artistas. Graciosos desenhos vêem-se em todo o espaço, formados pelos marmores os mais variados. O mesmo pavimento é feito de um riquissimo xadrez, e no centro do cruzeiro ha um grande circulo, cujo desenho forma um mosaico de tão primoroso matiz, que tomar-se-ia por um tapete[1].

A abobada é igualmente apainelada de marmores de varias cores, e apoia-se sobre o entablamento de ordem composita que guarnece o templo.

Exceptuando as estatuas, tudo o mais é marmore do paiz. O bello calcareo branco, o azul, o amarello liso ou com veios, o côr de rosa mesclado, o pardo e preto, taes são os diversos marmores ali empregados[1].

A igreja tem a fórma de uma cruz latina. A nave principal, de 33^{m},5 de comprimento por 12 metros de largura, forma o pé da cruz; o cruzeiro, cuja projecção horisontal é de 46^{m},3, forma os braços; e a capella mór, de 16^{m},3, servindo de prolongamento, completa o remate da cruz; finalmente, toda a linha de projecção horisontal, contada da porta de entrada ao fundo da capella mór, tem 63 metros, e a linha vertical, tirada do eixo da abobada, tem 21^{m},5. No centro do cruzeiro eleva-se o zimborio.

Como se vê, a parte cruciforme, formada pela nave, cruzeiro e capella mór, fica totalmente separada do resto do edificio, e por isso sufficientemente banhada por todos os lados pela luz plena que a circunda até ao plano superior; recebida assim convenientemente a luz, é ella destinada a esclarecer todo o espaço interno, superior e inferior.

A nave principal tem, nas suas faces lateraes, oito janellas sobre a cobertura das naves, onde se acham as capellas tambem lateraes, que abrem grandes arcos sobre a nave

[1] Opus vermiculatum. Opus minutis adeo lapillis formatum ut vermium aspectum cominus repraesentet, qui dorsum variegata macularum serie tot veluti punctis depictum habent. Ciampini, *Monim. veter*, tom. I.

[1] Os marmores coloridos, que ali produzem tão bello effeito, são: *calcareo alpino*, azul; *grés à Oolites, grés de Nebra, porphyro feldspathico, espatho fetido, e mica preta.*

central. Uma balaustrada de marmore fecha junto ao plano o espaço dos arcos.

No topo d'esta, e sobre a porta principal da entrada, ha um celebre quadro de marmore que, em baixo relevo, apresenta esculpidos os paramentos precisos a um pontifical. Vê-se ali a imagem de Christo crucificado, castiçaes, thuribulo, naveta, caldeirinha, hyssope, campainha e toalhas com renda. Todos estes objectos, como que agglomerados sem ordem, n'um pequeno espaço, e tão distinctos entre si, formam certamente um objecto assás grandioso para eternisar o nome do seu auctor.

Aos lados estão duas estatuas de jaspe que representam a *Fé* e a *Religião*. Superior a estas figuras ha tres tribunas para a familia real, que communicam com o palacio. Uma soberba e magestosa janella, ornada de festões, corôa todos estes objectos.

Toda a grande nave é lateralmente guarnecida de pilastras caneladas, de calcareo branco e de ordem composita, apoiadas em sócos de marmore côr de rosa com veios brancos; divididas pelos intervallos das janellas, sustentam o entablamento, onde se apoiam os arcos que formam a abobada[1].

Esta mesma ordenança se vê no cruzeiro e capella mór.

Duas naves lateraes, estendendo-se parallelamente á grande nave central e finalisando no cruzeiro, reforçam a elevação cruciforme, e pelo prolongamento em torno do cruzeiro e da capella mór formam, aos lados d'esta, duas capellas collateraes, communicando-se tudo por arcos e portas symetricamente distribuidos.

Cada nave lateral tem tres capellas separadas, que se communicam entre si pelos soberbos porticos de marmore preto polido, com ornatos de diversas cores. Os porticos, alem de ricos festões, apresentam no sobrearco e em cada uma de suas faces um semicirculo com um baixo relevo de marmore de Carrara, allusivo a certas passagens da Escriptura.

Cada capella tem um altar com um bello retabulo de marmore e quatro estatuas collocadas em nichos abertos nos respectivos angulos. As estatuas representam os doutores, apostolos, evangelistas, etc. Tem cada um $2^{m},8$ de altura. Dois bellos castiçaes e cruz de bronze, uma formosa lampada do mesmo metal suspensa da abobada, e dois grandes tochei-

[1] A abobada é cylindrica, o friso é revestido de marmore côr de rosa de quartzo branco, e a cimalha é guarnecida de denticulos.

ros tambem de bronze de 2 metros de altura com 120 kilogrammas de peso, completam o adorno de cada altar, a que um frontão serve de docel.

Cada uma das capellas tem $8^m,8$ por $6^m,8$. Os retabulos têem $3^m,5$ de altura por $2^m,2$ de largura, entre duas columnas de marmore côr de rosa de $3^m,3$ de altura. Sobre a parte superior do retabulo ha uma janella semicircular que corresponde verticalmente ás da nave. As capellas terminam junto ao cruzeiro por uma especie de vestibulo, tendo nos quatro angulos outras tantas estatuas de marmore.

Todos os retabulos que coroam os respectivos altares são de calcareo branco finissimo. O retabulo da primeira capella da nave lateral direita, entrando no templo, apresenta em meio relevo um grupo de figuras, entre as quaes sobresáem, com admiravel expressão, Santa Izabel, rainha de Portugal, Santa Izabel, rainha de Hungria, e Santa Clara. Na parte superior do quadro apparece a Virgem, que com o manto cobre o grupo. Dois anjos coroam a Virgem, emtanto que outros se projectam entre as nuvens. Esta capella denomina-se das *Virgens*.

A segunda capella, denominada dos *Confessores*, apresenta no seu bello quadro S. Luiz, rei de França, Santo Ivo, S. Bernardino e outros. A cabeça d'este ultimo e o trabalho das roupas são maravilhosos. Na parte superior está a Virgem com o Menino Jesus nos braços, rodeada de anjos, um dos quaes lhe offerece um açafate de flores.

A terceira capella é denominada dos *Martyres;* um grupo d'estes heroes do christianismo constitue o quadro; na parte superior apparece a Virgem com o Menino, cercada de anjos com açafates de flores, corôas e palmas.

A primeira capella da nave lateral esquerda é denominada do *Santo Christo*. O respectivo retabulo apresenta em baixo relevo Christo crucificado, junto da cruz a Virgem, S. João, as tres Marias, uma das quaes, abraçada á cruz, mostra a mais viva expressão de dor. É talvez o melhor retabulo d'estas capellas[1].

A segunda capella denomina-se dos *Bispos*. O respectivo quadro é composto de um grupo d'esses homens eminentes, tendo na parte superior a Virgem com o Menino, aos lados

[1] É tão pathetico o effeito, que não póde deixar de sentir-se. As mulheres chorando, mostram, pela dor que exprimem, o que o amor é capaz de produzir no coração que ama e soffre.

Este retabulo é copiado de um quadro, pintura a oleo, de Francisco Solimena.

muitos anjos sustentando as insignias episcopaes. O trabalho das roupas e o delicado das rendas é magnifico.

A terceira capella é do *Rosario*. Vê-se ali, com a mais bella expressão, a Virgem dando o rosario a S. Domingos. Ao lado S. Francisco em devota posição. Muitos anjos, d'entre os quaes um offerece á Senhora um açafate de flores.

Eis os brilhantes objectos de arte, ante os quaes têem passado tantos sorrisos approvadores e exclamações admirativas.

Representar as qualidades divinas, as virtudes, os sentimentos celestes de todos esses typos augustos, juntando a isso a belleza da fórma, é elevar a arte ao seu mais alto poder. Mas a inspiração christã é realmente o verdadeiro typo do bello.

Em todas as figuras que formam os differentes grupos dos quadros encontram-se, entre o encanto singelo, a doce serenidade, a graça pudica, a santidade finalmente, esse reflexo divino que tanto brilha em todas as inspirações do christianismo. Não se admira só a doçura, o brilho, o primor do trabalho, mas tambem a regularidade das proporções e a naturalidade das attitudes.

Da mesma sorte, as flores são notaveis pelo bem cinzelado das petalas, pelo delicado das folhas, pela posição da haste, tudo representado com grande exactidão, graça e vivacidade. Nos assumptos religiosos (creio eu) a arte é um sacerdocio[1].

Vamos ao cruzeiro. O cruzeiro é formado pelos quatro soberbos e magestosos arcos, cujas voltas são guarnecidas de lindos florões em alto relevo, e sustentam a cimalha, apoiada sobre grande quantidade de misulas, onde assenta o corpo do zimborio. É ella circular, fechada por uma grade de ferro e tem $13^{m},3$ de diametro.

[1] Os retabulos foram feitos em Mafra sob a direcção do egregio estatuario Alexandre Giusti, que creou a escola de esculptura no edificio. Ainda que artistas romanos tiveram grande parte na execução dos retabulos, não cabe menos gloria aos artistas portuguezes, discipulos de Giusti, que continuaram a escola; entre outros foram notaveis: D. José Patricio, ultimamente conego regrante, fallecido em Mafra em 1840, grande homem a quem muito devo pelas lições que me dispensou. Braz Toscano de Mello, ultimo director da escola, fallecido em Mafra, tem familia no Rio de Janeiro; Joaquim Machado de Castro, bem conhecido; João José Elveni, José Joaquim Leitão. Antonio Pecoraro, Alexandre Gomes, Francisco Leal Garcia, Salvador Franco, Joaquim Antonio Macedo, e alguns outros que menos se distinguiram.

O zimborio póde interiormente dividir-se em quatro corpos distinctos: o primeiro é a base; o segundo o corpo do zimborio; o terceiro a cupula; e o quarto o lanternim apoiado sobre o annel da cupula.

A base é formada pelos sócos de marmore vermelho, onde se apoiam as columnas que guarnecem o segundo corpo. Dezeseis columnas corinthias de calcareo branco, divididas em oito grupos, adornam magestosamente este corpo octogonal, que contém um numero de janellas igual ao numero de seus lados. Cada janella tem $4^m,4$ de altura por $2^m,2$ de largura. Uma cabeça de anjo, circumdada de arabescos, forma a chave do arco das janellas; na parte inferior de cada uma ha lindas cornucopias do mesmo calcareo.

As columnas são caneladas, bem como oito pilastras distribuidas nos intervallos de cada grupo de duas columnas, tendo cada uma $5^m,8$ de altura: sustentam ellas o entablamento onde se apoia a magestosa cupula.

Oito grandes fachas, começando na cimalha, vão terminar no annel que sustenta o lanternim; são ellas formadas de uma linda folhagem de marmore de cores, entre a qual apparecem bagas pretas preciosamente distribuidas; a variedade e judiciosa combinação dos marmores, produzem maravilhoso effeito. No centro d'estes festões ha riquissimos paineis formados de florões tambem de marmore, cujas fórmas engraçadas arrebatam.

O excellente mosaico de marmores de que se compõe esta cupula tornam-a um objecto singular. O zimborio só de per si constitue, para assim dizer, um monumento digno de ser visitado.

Como a abobada não é fechada, apresenta por isso um annel, sobre o qual se elevam oito pilares que sustentam a cupula externa. Uma escada de dez degraus dá accesso para a varanda formada sobre esta abobada.

O lanternim, finalmente, é guarnecido interior e exteriormente por columnas jonicas, com oito janellas adaptadas á sua figura polygonal. Na cupula do lanternim vê-se, em alto relevo, uma pomba, figura symbolica do Espirito Santo, medindo de uma a outra extremidade das azas $1^m,5$.

A respeito do zimborio não ha descripção possivel. Não sei, não posso, nem é possivel, repito, levar a imaginação a ponto de conceber precisamente a fórma e bellezas artisticas da construcção d'esta parte do templo, onde duas abobadas concentricas, formadas por grandes aduelas de mar-

more que sustentam o lanternim, constituem um corpo tão soberbo, tão descommunal, quanto elegante e magestoso.

Passemos ao cruzeiro.

Já disse que os braços do espaço cruciforme continham duas capellas, a do lado direito denomina-se da *Coroação,* a do lado esquerdo da *Sacra Familia.*

Aquella é fechada por uma excellente grade de ferro com ornatos de bronze, sobre a qual ha collocados oito tocheiros de um gosto artistico igual ao das grades [1].

O retabulo que corôa o altar é de jaspe, representa em relevo a coroação da Virgem, e tem $5^m,5$ de altura por $2^m,7$ de largura. Aos lados do altar ha duas columnas compositas, de marmore vermelho de $9^m,5$ de altura; ante o altar vê-se um grande e bello candelabro com sete lampadas de bronze, suspenso da abobada por tres grossos fios de metal; as lampadas pendem da bôca de sete serpentes de bronze, entrelaçadas n'um engraçado composto de ramagem em ferro, guarnecida de muitos ornatos de metal.

Aos lados do subpedaneo ha duas portas que communicam com o prolongamento lateral; sobre ellas, duas tribunas de sacada com docel para as pessoas reaes.

A capella da *Sacra Familia,* no lado esquerdo do cruzeiro, contém um retabulo de jaspe de $5^m,5$ de altura por $2^m,7$ de largura.

Na parte superior do retabulo vê-se entre nuvens a primeira e a terceira pessoas da Trindade rodeadas de anjos; na parte inferior a Virgem, o Menino, S. José, S. Joaquim, Santa Anna e outros santos varões d'esta familia.

Bem como na capella do *Sacramento* ou *Coroação,* tem esta capella duas columnas de marmore côr de rosa de $9^m,5$ de altura, que lhe ornam o altar.

Aos lados do subpedaneo ha duas portas, e sobre ellas duas tribunas de sacada; todavia não é fechada por gradamento como a capella da *Coroação,* mas tem uma linda balaustrada de marmore que a circumda. O candelabro ante o altar é de tres lampadas.

Magnificos e colossaes apparecem no cruzeiro quatro orgãos, distribuidos igualmente nos lados das duas capellas do *Sacramento* e *Sacra Familia;* servem-lhes de pedestal tribunas de marmore sustentadas por columnas jonicas de $5^m,2$ de altura; os teclados d'estes orgãos têem quatro oitavas de extensão e quatorze registos; toda a madeira de que

[1] Os cancellos, como todas as obras de bronze, foram feitas nas officinas de Antuerpia e Liege.

se compõem é do Brazil, primorosamente trabalhada e polida; muitos ornatos de bronze dourados dão-lhes uma apparencia deslumbrante. Apresentam igualmente innumera quantidade de tubos de chumbo, alguns dos quaes têem 6 metros de comprido por $0^m,28$ de diametro; produzem um effeito maravilhoso, que excede a uma banda marcial de grande força.

Nos quatro angulos do cruzeiro ha quatro tribunas.

A capella mór, collocada no remate da cruz, era fechada por um gradamento, cujos desenhos e bellezas artisticas são em tudo iguaes ao da capella do Sacramento [1]: $16^m,3$ de fundo por 12 metros de largura são as dimensões da capella mór.

O altar é coroado por um bello quadro de pintura da escola romana, representando a Virgem, o Menino e Santo Antonio [2]; o caixilho do quadro é de marmore preto guarnecido de um filete de metal: sobre o frontão que serve de docel ao altar ergue-se um crucifixo de jaspe, de $4^m,2$ de altura; na parte inferior e sobre o frontão, onde se apoia a cruz vêem-se, aos lados d'esta, dois anjos em adoração [3].

Duas columnas de marmore côr de rosa de $9^m,5$ de altura ornam o altar, que é de jaspe. Um candelabro de sete lampadas, em tudo igual ao da capella do Sacramento, está pendente ante o altar, que é adornado com um crucifixo e seis castiçaes de bronze: tanto a cruz como os castiçaes têem cada um 1 metro de altura e 21 kilogrammas de peso.

Aos lados do altar e encostadas ás faces lateraes da capella existem duas ricas bancadas de madeira do Brazil.

Os dois orgãos que adornam esta capella são muito superiores aos do cruzeiro, não só no trabalho artistico, mas no effeito que produzem; têem uma grande quantidade de

[1] Em 1868 tirou-se o gradamento, que foi substituido por uma balaustrada de marmores differentes, como todas as outras; os balaustres são de *grés*, os acroterios de *calcareo branco*, e a cimalha de *calcareo alpino*. O gradamento existe hoje no museu da associação dos architectos civis portuguezes.

[2] Este quadro é obra do pincel de Trevisani. Este celebre artista, discipulo de Zanchi, nasceu em Capo d'Istria em 1680; satisfazia igualmente na historia, na paizagem e no retrato, e com o mesmo exito imitava admiravelmente todos os estylos; a sua obra prima é a *Crucificação*, que se encontra em Forli; o Louvre tambem possue d'elle um quadro da Virgem cobrindo com uma tapeçaria o Menino Jesus adormecido.

[3] Todos os altares tiveram doceis que se tiraram em 1868.

Nada justificava, me parece, a existencia d'elles; enchiam de sombra os quadros, e encobriam os graciosissimos arabescos que ali se vêem brilhar agora. Os frontões são o mais primoroso docel; duas cabeças de anjo preenchem os tympanos dos frontões.

ornatos de bronze dourados, entre os quaes muitos emblemas de musica; cada um dos teclados tem quatro oitavas de extensão e dezeseis registos [1].

Quatro tribunas de marmore, collocadas em altura conveniente nas faces lateraes da capella, communicam-se entre si por corredores praticados no interior das paredes do templo; têem estes sufficiente amplitude; e depois de passarem aos lados do cruzeiro, segundo o prolongamento das naves e descrevendo todas as curvas, estendem-se aos lados da nave e terminam na galeria do palacio.

Aos lados da capella mór estão as duas capellas collateraes, formadas pelo prolongamento que circumda a figura cruciforme, e collocadas na transepto das sacristias.

A do lado direito, denominada de *S. Pedro de Alcantara*, em rasão do quadro de pintura que orna o altar, tem $14^{m},3$ de fundo por 7 metros de largura. Duas columnas compositas, de marmore côr de rosa, com 3 metros de altura, crucifixo, castiçaes e dois tocheiros de bronze, completam o adorno do altar. Ante elle vê-se uma lampada pendente de um fio de ferro, cuja extremidade prende no eixo da cupula, que, elevando-se no centro da abobada, serve de illuminar a capella.

Ricos paineis de marmores de varias cores guarnecem as paredes, quatro estatuas de jaspe [2], quatro pilastras jonicas, um quadro da *Ceia*, pintura da escola romana, coroado por um semicirculo, cujo desenho é a passagem do cordeiro do apocalypse, e um portico de marmore preto, que communica com a sacristia ou *corredor dos frontaes*, completam o adorno d'esta capella.

Um systema de quatro columnas jonicas de $5^{m},2$ de altura, sustentando um dos pedestaes dos orgãos, forma o portico que dá sobre o cruzeiro.

[1] Estes orgãos, como os do cruzeiro, não são os da primitiva: estes mandou D. João VI desmanchar, e construir os que agora existem, sob a direcção de Joaquim Antonio Peres Fontana, e Antonio Xavier Machado. Os trabalhos de construcção, ou antes reconstrucção dos seis orgãos, pelo systema de Lichtenthal, porém modificado, foram começados em 1792, e concluidos em 1807; comprova-se a despeza de 30:000$000 réis, mas excedem muito a isso, porquanto o custo da ornamentação metallica, de que não ha documentos, é de grande valor. Quatro orgãos tocaram conjunctamente por muitas vezes, e existem musicas preparadas até mesmo para os seis.

[2] Estas estatuas são os quatro anjos: S. Miguel, S. Rafael, S. Gabriel e o Custodio do reino, cujas armas mostra n'um escudo. O S. Miguel é maravilhoso, foi modelado por um quadro de Rafael d'Urbino. O anjo está em acção de ferir o demonio, cuja figura tem debaixo dos pés.

A capella collateral da esquerda, denominada da *Conceição,* pelo retabulo de marmore, em baixo relevo, que orna o altar, tem iguaes dimensões, fórma e ornatos da capella correspondente [1].

O retabulo, obra do cinzel de artistas portuguezes, representa a Virgem com o Menino nos braços, que, tendo na mão uma cruz, mette a extremidade d'ella na bôca de uma serpente, que está sob os pés da Virgem. Ao lado, vê-se o quadro da *Annunciação,* que, produzido pela mesma fórma como o retabulo, constitue igualmente um objecto de grande merito. Este quadro foi tirado da copia de um outro de Corregio.

O portico da face lateral dá ingresso para o corredor da sacristia [2].

Postoque se achem reunidas ao templo e como appensas algumas construcções d'elle dependentes, taes como, do lado direito da capella mór, o *corredor dos frontaes, escada da enfermaria e capella funeraria;* do lado esquerdo, *corredor da sacristia e sacristia, casa do lavatorio, capella das Graças, escada para o corredor das aulas,* e por detrás da mesma capella mór, o *corredor das aulas e todo o convento,* todavia todos estes objectos são partes integrantes do edificio, e têem entre si communicações precisas; estão elles por tal fórma dispostos e bem combinados, que a sua existencia em nada perturba a formosa symetria ou belleza do templo.

Estes membros necessarios, cumpre notar, não interceptam de fórma alguma o jogo de luz que tão regularmente esclarece o espaço interno do mesmo templo.

Subindo a qualquer dos pontos superiores do monumento, vêem-se muitos terraços cobrindo diversos corpos ligados entre si, mas por tal fórma combinados, que a luz entra habilmente em todas as casas, quer estejam situadas nos pavimentos superiores, quer nos inferiores, e até mesmo nos subterraneos.

Sobre os terraços erguem-se não só claraboias destinadas a esclarecer differentes escadas, mas tambem as chaminés

[1] As estatuas que adornam esta capella são as de S. Joaquim, Santa Anna, S. José e S. João.

[2] Grandes casas subterraneas, illuminadas por janellas ao rez do chão, judiciosamente distribuidas pela mesma ordem das janellas superiores, cercam as capellas lateraes do cruzeiro, as adjacentes e a capella mór; estas casas, todas de marmore e perfeitamente abobadadas, eram na primitiva a communicação entre o convento e a igreja. Actualmente é nulla a sua applicação.

das cozinhas do palacio e do convento, e muitas pyramides collocadas como ornamentos sobre as platibandas, ou atticos.

Vê-se igualmente grande numero de pateos e saguões simultaneamente destinados a illuminar muitas casas e corredores, e a receber aguas pluviaes, que vão entrar na canalisação subterranea; todos estes objectos, tão necessarios e importantes, em nada alteram ou offuscam a ordem geral; contribuem, pelo contrario, para apresentar a variedade de aspecto que se admira no espaço interno do grande todo, sem perder sua fórma symetrica ou interceptar sequer a menor parte de seus membros.

Tudo é bello e colossal, e nada parece grande, porque a harmonia de suas proporções é a causa da illusão.

V

Sacristia — casa do lavatorio — casa da fazenda
corredor das aulas — sala de actos — casa do capitulo
campo santo — refeitorio — cozinha
enfermaria — portaria mór — escada do convento
jardim

A sacristia, cuja projecção horisontal forma um rectangulo de $25^m,2$ por $9^m,3$, communica com o templo pelo corredor que existe entre ella e a capella denominada da *Conceição,* adjacente ao cruzeiro.

Tem este corredor 29 metros de comprimento por $5^m,2$ de largura; as paredes são guarnecidas de um apainelado de marmores de differentes cores; o chão é igualmente formado de um bello xadrez; quatro janellas em cada face illumina o corredor, no fim do qual uma porta de $4^m,5$ de altura por $2^m,2$ de largura dá ingresso para a sacristia, cujas faces lateraes, bem como o pavimento, são formados de diversos marmores; a abobada é apainelada de estuque [1].

No topo da casa ha uma linda capella de marmore; o quadro que orna o altar é de pintura, e representa S. Francisco recebendo as chagas [2]; duas columnas compositas, sustentando um bonito frontão, adornam o altar, onde se encontram, em variados e bellos marmores, os trabalhos mais mimosos e da maior phantasia. É notavel o frontal, por ser o unico que ha de mosaico em toda a igreja.

A casa, guarnecida lateralmente por pilastras jonicas de calcareo branco, é muito clara, porque tem vinte e quatro

[1] N'esta casa encontra-se toda a variedade de marmores que brilham no templo. São admiraveis, entre elles, dois paineis de porphyro na face lateral da capella.

[2] Este quadro é obra de Ignacio de Oliveira Bernardes.

janellas nas duas faces lateraes. Cumpre notar do lado direito oito janellas com vidros de espelho, cujo effeito contribue para figurar uma outra casa similhante ao lado d'esta.

O estylo que ali se observa tem tanto de simples como de elegante; não ha ornamentos superfluos; só as pilastras interrompem a lisura das paredes, sem que demorem ou embaracem a vista em toda a sua altura. A capella, porém, brilha com os mais preciosos e delicados ornatos e lavores.

Encontram-se n'esta casa quatro grandes caixões de mogno com muito bom trabalho de talha; cada um d'elles tem vinte gavetas ornadas de argolas e fechos de metal. Servem para guardar paramentos e alfaias.

Contigua á sacristia está a casa do lavatorio.

Tem esta casa $16^{m},2$ de comprimento por $5^{m},6$ de largura; no centro ha uma bella mesa de marmore côr de rosa, e sobre ella, suspenso da abobada, um candieiro de metal de quatro lumes; tem aos lados quatro formosas urnas de marmore ornadas de grinaldas, festões e outros differentes lavores; ha em cada uma d'ellas seis torneiras de bronze para ministrarem agua, quando precisa.

Junto d'esta casa existe uma capella denominada das *Graças*[1], onde hoje se guardam os modelos de todos os retabulos e estatuas que ornam o templo.

Ao lado da capella ha uma escada que dá accesso para a casa da fazenda.

Antes de entrar n'esta casa, que encerra as preciosas alfaias, está uma outra denominada da *Areação*. Deve aqui notar-se a atrevida construcção de uma escada de marmore que, partindo d'esta casa, vae findar junto á abobada, e dá serventia para differentes casas de arrecadações.

O grande armazem ou deposito chamado a *Casa da fazenda*, é composto de diversas casas ou divisões de uma casa.

A primeira é toda cheia de armarios fechados com vidraças, onde se guarda um grande numero de castiçaes e cornucopias de bronze, vasos que serviam ao lava-pés, etc.

A segunda casa á direita, cheia tambem de armarios e vidraças, contém grande numero de relicarios, banquetas, lanternas, thuribulos e outros objectos identicos. Admira-se ali o enorme cirio paschal, o candieiro de trevas e

[1] Assim chamada, porque os frades íam ali orar depois de celebrarem a missa.

serpentinas, tudo de bronze e do melhor gosto artistico[1]. Em outra casa contigua guarda-se cera e livros.

A primeira casa á esquerda da de entrada contém quatro grandes caixões que encerram doceis, porteiras, pavilhões, etc. Mais tres armarios guardam paramentos brancos bordados, alcatifas e roupas brancas. Vê-se ali o throno grande que leva duzentos lumes e a cruz que serviu á inauguração do edificio[2]. Uma outra casa contigua, com grandes caixões e gavetas, guarda pallios, sanefas, almofadas e outros paramentos.

São ricos e preciosos objectos de arte as alfaias que pertencem ao templo. D'elles farei uma descripção como me seja possivel.

Existe um riquissimo paramento branco de gorgorão todo bordado a *fil de soie* de Italia, destinado outr'ora sómente para a festa de *Corpus Christi*. Consta elle de vinte e cinco casulas, oito dalmaticas, oito tunicellas, quatro quadratos, quatro muniquelas, tres manipulos, duas estolas, um véu de calix, um véu de hombros, um panno de pulpito, tres pannos de livros, doze capas, um panno de faldistorio, setenta pluviaes lisos, um pluvial branco todo bordado, uma dalmatica de damasco, uma umbella de damasco com galão de oiro, uma almofada branca bordada.

Ha um ornamento de gorgorão branco todo bordado, para servir em dias mais solemnes; e um outro de setim da mesma côr feito em Genova, para servir em dias menos solemnes.

Existe um paramento de côr carmesim, todo bordado, feito tambem em Genova; e um outro da mesma côr meio bor-

1 Os relicarios são graciosamente ornamentados; tem cada um $1^{m},3$ de altura. A banqueta grande é de primoroso trabalho; a sua ornamentação consiste em folhas de vide e espigas de trigo levantadas em relevo; tem de comprimento $3^{m},5$; pertencem-lhe mais duas cariatides, tambem de metal, igualmente polidas e ornamentadas; servem-lhe de apoio quando se colloca sobre o altar. Esta importante peça e algumas outras foram feitas no arsenal do exercito por João José de Aguiar. O cyrio paschal compõe-se de base, fuste redondo e cimalha, onde está o bocal que recebe a véla; o diametro do bocal é de $0^{m},16$; todo o corpo tem $2^{m},86$ de altura, e pesará proximamente 235 kilogrammas. Os apagadores são taes, que o sr. visconde de Castilho ha annos, ao apalpal-os, exclamou: *Oh! são certamente os apagadores do sol!!*

O candieiro das trevas compõe-se de base, fuste canellado, e o corpo triangular que recebe as vélas; todas estas peças são macissas; o todo mede $2^{m},6$ e pesa proximamente 295 kilogrammas.

2 O throno grande é de madeira dourada, tem $3^{m},6$ de altura, igual base, e dez degraus. A cruz da sagração é de prancha de madeira do Brazil, e tem 5 metros de altura.

dado com flores de liz soltas, feito em França. Alem d'estes mais um liso, e dez casulas, dez véus de calices, dez manipulos, dez estolas e dez bolsas de corporaes.

Ha um ornamento de setim verde, meio bordado, feito em Milão, e bem assim um outro liso.

Um ornamento roxo de setim meio bordado, feito tambem em Milão, e outro liso.

Um ornamento de setim preto meio bordado, para missas solemnes de defuntos, e um outro liso.

Ha tambem ornamentos especiaes, roxos e pretos, para servirem sómente na semana santa.

Não devem passar despercebidas as combinações das differentes côres de retroz com as diversas côres dos setins ou damascos.

Ha tres riquissimos doceis grandes, feitos em França, todos bordados, com franja de retroz e requife de $0^m,29$, pesando cada um 105 kilogrammas. Mais seis porteiras de gorgorão, bordadas, oito ditas lisas e duas especiaes de côr branca, todas bordadas, para servirem na capella do Sacramento; um espaldar branco todo bordado, de $7^m,9$ de alto por $2^m,8$ de largo; mais onze espaldares carmezins todos bordados, quatro porteiras da mesma côr, onze doceis lisos de damasco encarnado, onze ditos roxos, um pallio branco todo bordado feito em França, um outro meio bordado feito em Genova; mais dois lisos, um branco e outro roxo. Um riquissimo pavilhão de sacrario, de gorgorão branco todo bordado, feito em França; ha mais tres, meio bordados, das cores verde, roxo e encarnado.

Existem igualmente, para todos os altares, frontaes de tres classes; a saber: todos bordados, meio bordados e lisos; das cinco cores, branca, encarnada, verde, roxa e preta.

Ha tambem grande quantidade de roupas brancas, taes como, alvas de linho finissimo com rendas de $0^m,22$, cotas, amictos, corporaes, toalhas, palas, sanguinhos, purificadores, cordões, missaes, etc.

Não ha objectos de oiro ou prata, a não serem os vasos sagrados. Todas as alfaias são bordadas a retroz e todas as peças do serviço são de bronze[1]. É impossivel descrever precisamente a belleza de todos esses objectos preciosos, onde se admira, não só o genio sublime, mas o trabalho minucioso do artista.

[1] O espaldar da maquineta é o unico objecto que ha bordado a oiro.

Os crucifixos, os castiçaes, as columnatas, os apagadores, as estantes, as lampadas, as lanternas, os thuribulos e navetas, as cornucopias para tres lumes e para um, as serpentinas, finalmente, as ricas banquetas, cirio, candelabro, tudo de metal, primorosamente trabalhado e de pesos fabulosos!... Eis, em resumo, os principaes objectos e primores de arte que constituem as alfaias, cujas bellezas hão passado, como brilhante panorama, ante a vista do observador[1].

Voltando da casa da fazenda á sacristia, temos em seguida a magestosa escada de calcareo branco que communica com o *corredor das aulas,* magnifico por sua extensão e perfeição de sua vasta abobada; 187 metros de comprimento por 5 metros de largura, taes são as dimensões d'este soberbo corredor, todo banhado de luz por innumera quantidade de janellas de $3^m,8$ de altura. Nos extremos, tem duas portas, cada uma de $4^m,5$ de altura por $2^m,2$ de largura.

Citarei os objectos mais notaveis que ali se encontram.

Da parte do sul ha a *sala de actos* e *casa do capitulo;* a primeira é magestosa e respeitavel; tem 25 metros de comprimento por $9^m,4$ de largura. Nas duas faces lateraes ha uma balaustrada de marmore, guarnecendo duas bancadas que se elevam do plano por tres degraus; no topo está a cadeira do mestre, sobre a qual ha uma legenda, encimada por uma folhagem de marmores de cores[2], em frente um bello quadro de pintura da escola romana de 6 metros de altura, circumdado de uma moldura de marmore preto. O quadro representa a Virgem em pé com o Menino nos braços, que, tendo na mão uma cruz, mette a extremidade d'ella na bôca da serpente que está sob os pés da Virgem. Na parte superior do quadro vê-se, sobre as nuvens, o Padre Eterno e anjos aos lados[3].

A casa é perfeitamente illuminada por tres janellas que ficam ao topo. Sobre a porta da entrada e no lado fronteiro ha duas tribunas; o chão apresenta um lindo xadrez de

[1] O valor d'estes objectos tão preciosos é desconhecido. Diz-se que D. João V ao entregal-as declarára que as alfaias lhe haviam custado tanto dinheiro como todo o edificio. Não sei; mas não duvido, se considerarmos que foram obra do estrangeiro, a quem de certo se deveria pagar generosamente, e se notarmos que talvez poderão pesar mais de um milhão de grammas, e que tudo é seda, damasco, etc. Quanto ao metal é finissimo.

[2] A legenda é em latim, e dedicada pela academia a D. José I, em 1752.

[3] O quadro é obra do cavalheiro Sebastião Conca.

marmore, uma cimalha guarnece superiormente a casa, cuja abobada é apainelada de estuque.

A casa do *capitulo*, aindaque totalmente despida de ornatos e flores, que embellezam tantas outras casas do edificio, é todavia notavel e digna de consideração pela sua figura elliptica, cujo eixo maior é de $26^m,5$ e o menor de 7 metros. A sua projecção vertical contada do eixo da abobada é de 14 metros; vinte e oito soberbas janellas illuminam consideravelmente esta casa, unica por sua fórma no edificio.

Sobre a porta da entrada ha uma tribuna de marmore. A abobada é apainelada de estuque e o chão tem um bello xadrez[1].

Do lado do norte do corredor ha a capella do *Campo santo*, de $26^m,5$ por $10^m,8$.

Era ali que se depositavam os corpos dos frades. Ella por si mesma indica o fim para que foi instituida; duas bellas columnas de marmore preto de $4^m,8$ de altura, com as bases e capiteis de marmore amarello, adornam o altar, cujo retabulo é de pintura, ornado por um caixilho de marmore preto[2]; tem o pavimento um bello xadrez de marmores amarello e preto, e a abobada é apainelada de estuque; n'um e n'outro topo da casa ha duas grandes tribunas de calcareo branco; da parte de fóra da capella estão as campas sepulchraes.

É tambem do lado do norte que existem o *refeitorio*, *casa de profundis*, *lavatorio* e *cozinha*[3]. A casa do refeitorio, aindaque simples, sem ornatos ou lavores, é comtudo magestosa e respeitavel; a sua projecção horisontal forma um rectangulo de $48^m,8$ por $9^m,5$; pelo centro e encostadas ás faces lateraes ha em toda a extensão da casa trinta e seis mesas de $4^m,5$ de comprimento por $0^m,66$ de largura, todas de madeira do Brazil, apoiadas em pilares de calcareo, e onde se accommodavam 300 frades. Ha na cabeceira uma mesa travéssa e sobre ella um painel de pintura que representa a *Ceia*. Tem dois pulpitos ou tribunas para a leitura do evangelho durante a comida; vinte janellas,

[1] Esta casa, em rasão da sua fórma, tem a particularidade de reproduzir as vozes.

[2] Este quadro, que representa a *Ceia*, é obra de Pedro Antonio Quillard, nascido em Paris em 1700; foi discipulo de Wateau; e na idade de onze annos era já tão distincto, que Luiz XV o recompensou por suas obras. Veiu a Portugal, onde executou importantes trabalhos; falleceu em Lisboa em 1733.

[3] Hoje a casa *de profundis* é a sala de theatro, a casa do lavatorio é o salão, e da cozinha faz agora uso a casa real.

n'uma das faces lateraes e n'um dos topos, illuminam esta casa, mas não sufficientemente; nove candieiros de metal de quatro lumes, suspensos da abobada, eram accesos durante a refeição da noite. Tem tres portas: duas nas faces lateraes e uma no topo; esta communica immediatamente com a *casa de profundis,* de 25m,5 de comprimento por 9m,5 de largura.

Em seguida a ella está a casa do *lavatorio,* de figura octogonal, medindo 12m,2 de uma a outra face do polygono; tem quatro bellas urnas de calcareo com seis torneiras de bronze cada uma. Não se encontram n'estas casas columnas, pilastras ou outro qualquer adorno que interrompa a lisura das paredes, apenas guarnecidas por uma cimalha no ponto onde começam a descrever-se as curvas das abobadas.

A cozinha communica-se com o refeitorio por uma de suas portas lateraes, e prolonga-se ao lado d'elle. A sua projecção horisontal é de 21 metros de comprimento por 10m,5 de largura.

Nos topos da casa tem duas grandes chaminés, fogão e engenho para levantar os caldeirões. Grandes pias de pedra, por via de torneiras de bronze convenientemente collocadas, recebem abundancia de agua. No centro da casa ha quatro mesas de calcareo de 3m,4 por 2m,2; toda a parede é guarnecida de azulejos.

Muitas casas havia contiguas á cozinha, que eram seus accessorios, e aindaque hoje necessariamente existam, estão inteiramente desfiguradas; taes eram a denominada *cozinha pequena ou do collegio, casa de lavar hortaliças e peixe,* com sete alguidares de pedra, igual numero de torneiras e uma mesa, tambem de pedra, no centro da casa; *pastelaria,* com tres grandes mesas e pias de pedra e dois fornos; *casa do azeite,* com duas grandes pias de pedra; e o *lavatorio dos habitos,* com dezoito alguidares tambem de pedra, e numero igual de torneiras de bronze.

As dimensões d'estas casas variam entre 19 e 13 metros de comprimento e 6 metros de largura; nos intermedios d'ellas ha muitos e vastos corredores industriosamente combinados e repartidos para o serviço e facil communicação. Todos elles, bem como as casas, recebem sufficiente luz, ou pelas janellas das faces externas, ou pela dos saguões[1].

N'estes corredores ficam as antigas cellas dos frades. De differentes pontos partem escadas de marmore muito espa-

[1] Os saguões estão judiciosamente distribuidos, e servem para dar luz a casas internas e receber as aguas pluviaes.

çosas, que vão tocar em todos os pavimentos ou dormitorios, e algumas d'ellas vão dar saída para os terraços.

É ainda do lado do norte do *corredor das aulas* que se encontra uma outra escada em tudo igual e similhante áquella que da sacristia dá passagem para este corredor.

Esta escada communica com a antiga enfermaria dos frades, tem esta casa 32 metros por 9 metros, e é lateralmente cercada de beliches. No topo tem um altar ornado por um quadro em pintura, que representa a Virgem, o Menino, S. José e Anjos; duas bellas columnas de marmore vermelho e lindos festões completam o adorno do altar, coroado por um bello frontão[1].

Um dos objectos do convento, propriamente dito, que merece toda a attenção por sua belleza, é a portaria mór. Um magestoso portico elevado do solo por uma escada de quatro degraus, tudo de marmore, e fechado por tres cancellos de ferro, dá entrada para o vestibulo de $12^{m},3$ por $6^{m},6$; bancos do mesmo marmore guarnecem lateralmente a casa. Não apresenta ella columnas ou pilastras, mas o chão é formado de xadrez.

Uma porta, aberta na face lateral em frente da do centro do vestibulo, dá passagem para um pequeno corredor, no fim do qual uma outra de primorosa construcção, coroada por uma lamina de marmore ornada de festões, e dá ingresso para o salão (casa de entrada da portaria mór), cuja apparencia é nobre e magestosa.

A sua projecção horisontal é de 19 metros por 9 metros. Bem como o vestibulo, não é ella carregada de ornatos; a abobada é lisa; os arcos apoiam-se sobre uma cimalha ornada de filetes, que circumda superiormente a casa; o chão apresenta um variado xadrez de marmores.

Dois riquissimos quadros da escola romana, circumdados de molduras de marmore azul, occupam os dois topos da casa; um dos quadros representa a Virgem, o Menino e Santo Antonio; o segundo mostra, com a mais viva expressão, Christo irado contra o mundo, a Virgem em acção de supplica, e S. Domingos e S. Francisco orando de joelhos[2].

[1] Aos lados d'esta casa havia ainda enfermarias para convalescentes.

[2] O quadro da Virgem, o Menino e Santo Antonio é obra do pintor portuguez Ignacio de Oliveira Bernardes O quadro que representa Christo irado contra o mundo é obra de Pedro Bianchi, nascido em Roma em 1694, onde morreu em 1740. As suas obras distinguem-se pela correcção do desenho e vigor do colorido.

A casa é lateralmente ornada de bancos de madeira do Brazil. Como em todas as mais partes do edificio, a luz é aqui judiciosamente distribuida. No centro, suspenso da abobada, existe um formoso lampeão.

Em frente da porta de entrada ha uma outra que communica com a escada principal do convento.

Muito celebre pela sua construcção, é ella dividida em lanços de nove degraus de marmore, que, partindo em sentidos oppostos, e encontrando-se em todos os patamares, formam nos pontos de reunião vastos taboleiros, cujo peso é sustentado por fortes pilares de pedra de 4 metros de altura.

Uma linda balaustrada de marmore guarnece sem interrupção toda a escada desde o solo até ao final d'ella. Grandes janellas em todos os patamares e duas magnificas e soberbas lanternas collocadas sobre o terraço banham de sufficiente luz todo este corpo; do centro das duas lanternas pendem fios ou cadeias de ferro, que sustentam dois grandes candieiros de metal.

Todos os dormitorios communicam com esta escada, não a unica, mas a principal do convento.

Muitos objectos ha ainda pertencentes a esta parte do edificio; postoque sejam admiraveis, todavia não excitam a attenção, em vista d'aquelles, onde tão grande numero de bellezas captivam o observador.

Os extensos corredores de 170 metros, que constituiam os dormitorios occupados pelas cellas[1]; a combinação e perfeita harmonia entre os mesmos corredores ou dormitorios dos tres pavimentos nobres e pavimento terreo, para a facilidade de communicação; as escadas judiciosamente estabelecidas, as sentinas distribuidas em todos os pontos, os expulgatorios[2], as muitas casas para arrecadação; em todos estes objectos, comquanto não tenham bellezas architectonicas, admira-se a sua perfeita distribuição, por isso que se conhece facilmente não terem soffrido a menor alteração ou emenda por causa de um pequeno equivoco na planta; embora sejam em grande quantidade e collocados em diversos pontos, foram certamente concebidos e executados sem que apparecesse a menor duvida.

Muitas e diversas casas havia tambem no pavimento ter-

[1] As cellas são quartos de figura quadrada de 6 metros por lado; e cada uma tem sua janella.

[2] Chamava-se expulgatorio a uma casa que em logar de solho tinha uma grade de pau, onde subia o individuo a fim de sacudir a roupa; havia um em cada dormitorio.

reo com diversas applicações, hoje inteiramente desfiguradas, e por isso não merecem maior attenção[1].

Havendo pois tratado de todas as partes mais essenciaes do antigo convento, cumpre-me agora fallar do jardim.

Occupa elle o centro do convento propriamente dito, e forma um quadrado regular de $60^m,5$ por cada lado; oito ruas cuidadosamente traçadas, convergindo ao ponto central, constituem outras tantas divisões ou canteiros ornados de buxo pelo antigo gosto francez; um lago de marmore de $5^m,3$ de diametro, occupa o ponto central; aos lados vêem-se quatro conchas tambem de marmore e grande numero de vasos symetricamente collocados; quatro portas, praticadas nas quatro faces lateraes, communicam com o convento, que contém o pavimento terreo e mais tres pavimentos superiores; muitos bancos de pedra circumdam lateralmente o jardim, são elles porém de uma fórma tão carregada, que parece só terem sido feitos para os franzidos habitos dos frades.

Um espaçoso terraço, guarnecido de platibandas ou atticos de marmore, forma a cobertura do convento; duzentas quarenta e seis portas e janellas olham sobre o jardim; duzentas e sete correspondem a igual numero de quartos ou cellas, e trinta e nove pertencem á bibliotheca que, passando sobre o convento, está incluida na linha do grande rectangulo.

Tal é em resumo a habitação, que por espaço de cento e quatro annos foi occupada por differentes religiosos; o seu numero não era certo e determinado; 300 ficaram ali na primitiva, recebendo uma consignação do thesouro para seu sustento; mas no reinado do senhor D. José, ou por evitar a grande despeza, ou por se entender que este edificio deveria ter outros habitadores, foram para ali mandados os conegos regrantes de Santo Agostinho, saindo pois os religiosos de S. Francisco. Grandes serviços prestaram aquelles ao edificio pelos muitos e variados melhoramentos que lhe fizeram.

Senhores de grandes recursos, gastavam prodigamente em embellezar o monumento.

Deve-se-lhes a conclusão da bibliotheca[2], e a reedificação

[1] No pavimento terreo existiam os carceres, casas quadradas de 6 metros, com pequena altura; junto ás grades de ferro das janellas tinham uma lage, que só deixava uma pequena abertura na parte superior, para entrar a luz.

[2] Esta casa, segundo parece, não fôra primitivamente destinada para esse fim; foram os conegos que mandaram executar os impor-

do lanternim do zimborio demolido por um raio; o que lhes suscitou o pensamento da collocação do grande numero de pára-raios que ali existem; e substituiram a grade e caixilhos de ferro do zimborio por objectos identicos de bronze[1]. Como homens puramente artistas e emprehendedores, verdadeiros amantes das artes e das sciencias, estabeleceram aulas e officinas, não olvidando a pintura e esculptura.

No reinado da senhora D. Maria I entendeu-se que estes não eram os habitadores que pertenciam á casa, porquanto, tendo ella por origem um voto, qual era o de erigir um convento para frades menores, estava assim alterada a vontade do edificador.

É certo que os conegos regrantes voltaram para S. Vicente de Fóra, e foram reintegrados os religiosos arrabidos, os quaes se conservaram em Mafra até 1834, em que o senhor D. Pedro IV tornou a collocar ali os conegos regrantes, tão dignos da casa, quanto a casa digna d'elles; tive eu ainda a felicidade de os conhecer, e de receber de um d'elles, D. João do Coração de Maria, denominado o *Perfeito*, os pequenos conhecimentos que possuo; pequenos, não por culpa d'elle, d'esse homem, varão eminente que deveria ser eterno, mas porque a natureza não me dotou com a intelligencia que a tantos dispensa.

Voltemos ao ponto.

tantes trabalhos que hoje ali se acham, e tencionavam mandar dourar as estantes quando foram mandados retirar de Mafra.

[1] Em 18 de fevereiro de 1765 caíu no zimborio um raio, que damnificou consideravelmente o lanternim, esmigalhando as columnas e todos os ornatos. As lascas de pedra que, pelo annel do fecho, caíram na igreja, carregaram muitos carros, quando se procedeu á limpeza; o raio, apesar de ter tocado os candelabros e outros objectos de metal, não fez mais estragos. Os pára-raios foram estabelecidos em todo o edificio em 1787.

VI

Vestibulo do palacio — escada principal — mezzaninos palacio propriamente dito — aposentos reaes bibliotheca — cerca — jardim — tapada

Nec relato effabiles, nec rursus mortalibus appetendos.

Tendo de fallar do palacio seja-me permittido repetir ainda alguma cousa com relação aos vestibulos das duas entradas principaes.

Já disse que os porticos eram guarnecidos de columnas doricas de $5^m,5$, entre as quaes se acha a porta principal de $5^m,2$ de altura por $2^m,6$ de largura, coroada por um frontão.

O vestibulo, formando um rectangulo de $17^m,3$ por 12 metros, é guarnecido de quatro arcos que, por meio de seus respectivos pilares de marmore, sustentam a abobada.

Completa o embellezamento do vestibulo o famoso claustro ennobrecido por uma arcada de marmore, no centro da qual ha um pateo, cuja projecção horisontal forma um quadrado regular, medindo cada face lateral 27 metros. Estas faces são fechadas por sete arcos, cujos pilares guarnecidos de hemicylindros doricos sustentam o entablamento ornado de triglyphos da mesma ordem, e sobre o qual assenta o terraço que, guarnecido de uma platibanda de marmore, serve de cobertura ao claustro [1].

Na face lateral do vestibulo acha-se a magestosa escada principal do palacio de quatro lanços de vinte e um degraus de marmore. No fim do primeiro lanço ha duas janellas de

[1] Quer n'um ou n'outro vestibulo encontram-se objectos identicos. As escadas têem a mesma fórma, a mesma luz, as mesmas divisões, e finalmente a mesma direcção. O vestibulo do lado do sul é (quando el-rei está em Mafra) a entrada principal.

grandes dimensões, que illuminam consideravelmente este e o segundo lanço; no primeiro patamar, á direita, está uma porta que dá passagem para o strio por uma casa denominada da *via sacra,* de $16^{m},5$ por $6^{m},6$.

O segundo lanço, lateral ao primeiro, termina no segundo patamar, onde ha tres portas que dão entrada para quartos de empregados, para a antiga enfermaria e respectiva capella.

No patamar do terceiro lanço ha duas janellas em tudo iguaes e similhantes ás do primeiro.

No patamar do quarto e ultimo lanço estão quatro portas, uma das quaes abre para a escada que vae aos ultimos pavimentos, onde existe a innumeravel multidão de pequenas casas dos *mezzaninos,* que contornam todo o edificio [1].

É quasi nulla a applicação e aproveitamento d'estas casas pela sua pequena altura. Creio mesmo que o architecto não teve em vista que ellas tivessem outra utilidade a não ser o servirem simultaneamente de cadastro, base ou apoio ás extensas abobadas dos terraços, e de forro ás das salas, a fim de que todo o peso superior caísse sobre as paredes do edificio, e que as salas ficassem ao abrigo do calor e da humidade.

Ora, debaixo d'este ponto de vista, os *mezzaninos* merecem toda a consideração.

Aindaque se não preste attenção aos cubiculos internos que formam esse ultimo pavimento, são todavia objecto interessante para o individuo pensador que examinar essas extensas galerias, onde não é possivel desviar-se do eixo da abobada; tudo porém tão cuidadosamente acabado e com tanto esmero, que prova exuberantemente até que ponto chegava o gosto artistico.

Voltemos ao palacio.

As outras tres portas, que ficam no quarto patamar da escada em que fallámos, dão entrada para o palacio propriamente dito.

Entrando a galeria, fica o observador arrebatado ao ver uma extensa linha de salas, que occupam toda a frente do edificio na sua maxima extensão (220 metros), terminando nos torreões pelos aposentos reaes. Collocado n'um dos pontos extremos, e lançando o raio visual ao ponto opposto,

[1] Mezzanino, do italiano mezzo (meio), termo com que os architectos italianos designam certos pavimentos de mediano pé direito, collocados entre os pavimentos mais elevados e grandiosos de um edificio, e quasi sempre por cima de todos os andares de um palacio.

fica certamente extasiado pelo effeito maravilhoso que a illusão tão naturalmente produz.

No centro da galeria está a casa denominada *de benedictione*, toda de bello marmore de differentes cores. A abobada apresenta um riquissimo apainelado de marmores, cuja variada combinação constitue um objecto surprehendente e arrebatador pelo brilhantismo dos seus mosaicos.

Superiormente guarnecida de uma cimalha, é esta apoiada sobre um systema de pilastras de calcareo branco, que ornam lateralmente a casa, e cujos capiteis são engraçados. O chão igualmente formado de um lindo e variado xadrez, que revela a brilhante mão que, como brincando, semeou ali tantos primores de arte.

Esta casa, a melhor do palacio, tem a fórma de um rectangulo de $26^{m},5$ por $6^{m},6$; a sua projecção vertical tem $9^{m},8$ e é illuminada por tres janellas de sacada, cujos parapeitos são apoiados em balaustres de calcareo branco. A janella do centro tem 6 metros de altura; a pedra que constitue a varanda d'esta janella mede 8 metros de comprimento, 4 metros de largura, $0^{m},68$ de grossura (proximamente 22 metros cubicos) [1].

Ao centro da casa e na face lateral da igreja ha tres tribunas que ficam sobre as portas do templo e em frente da capella mór. É d'ahi que Suas Magestades actualmente assistem á missa.

Nos dois angulos internos ha duas escadas que communicam com os corredores que vão aos orgãos, ás tribunas do corpo da igreja, e capellas do cruzeiro, e habilmente praticadas nos interiores das paredes do templo, como n'outro logar disse.

Como vestibulo da grande sala, ficam aos lados d'ella duas casas de figura octogonal, cujo revestimento é tambem de marmore de cores. No eixo da abobada têem um engraçado florão, e o pavimento é formado de um igual xadrez.

Junto d'estas casas partem duas escadas, celebres pela sua construcção, por serem concentricas ás que do atrio dão serviço para as torres; estão ellas por tal fórma dispostas e bem combinadas, que dois individuos, subindo ou descendo ao mesmo tempo por uma e outra, fallam-se sem que se vejam. Estas escadas vem dar ao topo das naves lateraes do templo [2].

[1] Consta pesar esta pedra 30:844 kilogrammas.

[2] Duas espiraes partindo de um ponto vertical correspondente, e distando entre si 2 metros, formam duas escadas concentricas, cujo

As outras salas da galeria nada têem de notavel; apenas nas abobadas ha algumas pinturas mythologicas, allusivas ás nossas descobertas na India e na America. Comquanto seja bello o colorido dos differentes personagens, e ainda mesmo a sua invenção, todavia não é feliz a disposição que n'ellas se observa. As suas allegorias porém formam um hieroglyphico facil de comprehender pelo estudo dos *Lusiadas* e historia do nosso paiz.

Estas salas foram outr'ora decoradas por quadros, cujos titulos ainda ali existem; acompanharam elles o senhor D. João VI para o Rio de Janeiro, e lá ficaram [1].

Os aposentos da familia real nos torreões apresentam pinturas modernas, mas muito simples, por isso que as camaras têem soffrido diversas alterações na sua divisão interna.

Em cada um dos torreões ha uma capella ou oratorio; a sua projecção horisontal é de 8 metros por 4 metros.

Os quadros que ornam os respectivos altares são de pintura. O do lado do sul representa a Virgem com o Menino Jesus nos braços. O da capella do lado do norte é de melhor effeito; mostra com a mais bella expressão S. José trabalhando de carpinteiro, a Virgem sentada e com ar pensativo, recebendo da mão de seu Filho uma cruz que indica ter sido por elle feita. Junto do banco vêem-se differentes peças do officio [2].

Ao lado do sul, proximo dos aposentos reaes, acham-se a sala nova de recepção, ante-sala, casa da mesa e finalmente uma outra de menor consideração.

Ao lado do norte, proximo da capella de que já fallei, ha a *sala de audiencia, sala da tocha* e *sala da guarda.* As duas primeiras são pintadas a fresco e apresentam figuras allegoricas ou mythologicas; a pintura da abobada da primeira sala é mythologica: representa o olympo. Nas paredes vêem-se em grandeza natural figuras allegoricas das virtudes moraes [3]; na parte inferior d'estas allegorias

traçado e projecção continúa com igualdade até finalisar nos seus respectivos patamares. Uma das escadas communica o atrio com as torres; a outra communica o palacio com a igreja.

[1] Os quadros deviam ser magnificos em rasão dos seus auctores e pelos factos que recordavam; eram elles de Taborda, Foschini, Callisto, Sequeira e Cyrillo; tinham por assumpto as façanhas historicas de Vasco da Gama, de Silveira, de D. João de Castro, dos Almeidas, de Pacheco e de Affonso de Albuquerque.

[2] Estes quadros são obra de Ignacio de Oliveira Bernardes.

[3] As virtudes representadas por estas allegorias são: *Diligencia, Constancia, Concordia, Generosidade, Sciencia, Docilidade, Perfeição e Tranquillidade.*

ha uns pequenos quadros, cuja feliz execução illude um baixo relevo. Os quadros são obra de Domingos Sequeira.

Esta sala, cuja projecção horisontal forma um rectangulo de 18 metros por 8 metros, é illuminada por tres janellas de grande altura. A fim de conservar a symetria, ha na face lateral opposta outras tantas portas fingidas, cuja illusão é maravilhosa.

A sala da tocha apresenta na abobada, com soffrivel colorido, divindades da primeira e segunda ordem; uma caçada de Diana, nymphas no banho, satyros, etc. [1]

Na galeria do lado do norte está a *capella real;* postoque as faces lateraes sejam por extremo simples, a abobada porém é apainelada de estuque, e o altar que brilha no fundo da capella é fechado por uma balaustrada de marmore de cores, e decorada pelos mais primorosos arabescos e festões; duas columnas de marmore côr de rosa, com capiteis a capricho, sustentam um frontão de mosaico que corôa o quadro da Virgem; na parte inferior do quadro ha uma linda cornucopia de calcareo branco, levantada sobre um fundo de porphyro feldspathico, d'onde sáem fructos e flores; a banqueta é um verdadeiro eurite, e o frontal do altar apresenta um mosaico de maravilhoso effeito. Magestosos frontões sobre as portas completam o adorno d'esta capella, cuja projecção horisontal é de 33 metros por 9 metros [2].

Se bem que o palacio seja immenso, e apesar mesmo de suas longas enfiadas de camaras, não se encontram n'elle accommodações vantajosas, nem mesmo ainda uma sala que corresponda a tanta grandeza [3].

Cumpre porém notar que as abobadas são perfeitas e cuidadosamente acabadas, e os pilares de marmore de todas as portas estão construidos com todo o esmero, e até mesmo alguns d'elles guarnecidos de engraçados festões. As janel-

[1] Alguns dos tectos d'estas salas são pintados por Cyrillo Volkmar Machado. Tambem ha pinturas de Goes e de Manuel da Costa.

[2] A fim de ornar a capella, collocaram-se ali alguns quadros de pintura que na primitiva decoraram os altares do templo, e foram depois substituidos pelos de marmore. Entre elles são os mais notaveis: o da *Coroação da Virgem,* por Giaquinto Corrado; o da *Sacra Familia,* por Vieira Lusitano; o do *Lava pés,* por Quillard; o de *Nossa Senhora e os martyres,* por Agostinho Massuci; o da *Conceição,* pelo cavalheiro Sebastião Conca.

A visita a esta capella torna-se muito recommendavel.

[3] Em consequencia da falta de accommodações vantajosas, acha-se reunida ao palacio, desde longa data, a parte do convento denominada *coristado e noviciado,* bem como a casa de convalescença, proxima da enfermaria: ultimamente têem-se preparado algumas salas e quartos, na verdade com muito bom gosto.

las e portas, quer externas ou internas, são de madeira do Brazil.

É igualmente judiciosa a distribuição das escadas em todo o palacio; todas de marmore e summamente espaçosas dão facil accesso para todos os pavimentos, quer superiores quer inferiores. Nos quatro angulos do edificio tem o palacio escadas para communicar directamente com os terraços e com o solo; perfeitamente illuminadas, não ha uma só de entre ellas cuja applicação não seja util e vantajosa [1].

A variedade de todos estes objectos mais ou menos primorosos, mas sempre grandes e admiraveis, incitam a alma, mesmo involuntariamente, a tributar homenagens de respeito ao genio que tão judiciosamente os concebeu e coordenou. A parte a que chamarmos menos interessante é sumptuosa e rica, quando não seja pelos primores de arte, é pela sua arrojada construcção. Essas longas enfiadas de salas, a que não ligâmos importancia, deixam porventura de ser admiraveis? Sua vastidão, pelo menos, a perfeição de suas abobadas e a regularidade de luz que as banha, merecem toda a consideração.

Nos dois pontos extremos, oppostos aos torreões, ha um pequeno numero de quartos conhecidos pelo nome de *palacete;* junto d'elles ha duas grandes casas que servem como de vestibulo á *bibliotheca.*

É esta a mais bella e magestosa sala de todo o edificio, se não unica no seu genero; nem será facil encontrar uma casa que, por si só, inculque mais grandeza e magestade.

Tudo ali é nobre e grandioso. A magnifica proporção de suas fórmas, sua simplicidade magestosa, a mais bem combinada distribuição de luz, considerado tudo juntamente tem uma força altamente impressiva sobre o individuo que pela vez primeira penetrou no seu recinto.

Tem esta sala 88 metros de comprimento por $9^{m},5$ de largura. A linha de projecção horisontal d'este rectangulo, afastando-se no centro d'elle 10 metros a cada lado, descreve como dois braços de cruz que guardam a mesma largura do espaço rectangular; este desenho é tão simples, quanto é rico e nobre; quatro arcos soberbos, que susten-

[1] As escadas mais extensas do edificio são as dos quatro angulos; as dos torreões na linha de frente têem duzentos e cinco degraus cada uma; partindo do solo, tocam nos quartos de el-rei, dão saída para o terraço, e terminam finalmente junto á cupula d'esses grandes corpos; as outras duas dos angulos oppostos na linha parallela de frente têem cento cincoenta e cinco degraus, contados igualmente desde o solo até aos terraços, onde terminam.

tam a abobada, marcam igualmente os angulos produzidos pelo desvio da projecção das linhas do rectangulo.

Todo o pavimento é formado de um xadrez de marmores variados, cujo effeito é maravilhoso; o do centro da casa poder-se-ía facilmente confundir com uma alcatifa preciosamente bordada; a abobada é apainelada de estuque, e no centro da arcada apparece uma formosa lamina circular, ornada de festões, tendo no ponto central um sol despedindo raios. A projecção vertical, contada d'este ponto onde a abobada é mais elevada, é de 13 metros.

Toda a casa está lateralmente guarnecida de estantes; e 4 metros acima do pavimento uma formosa varanda ornada de uma linda balaustrada de madeira, com primorosa obra de talha, forma uma galeria que circumda igualmente as faces lateraes, acompanhando tambem a projecção da linha horisontal na sua figura cruciforme.

Trinta mil volumes escriptos em todas as linguas, e sobre todas as sciencias, industrias, profissões, artes e officios, preenchem cento e cincoenta estantes collocadas sobre o pavimento e a galeria.

Todas as obras estão systematicamente distribuidas por sciencias e disciplinas, e alphabeticamente catalogadas [1].

Notam-se especialmente entre ellas, riquissimas edições de 1470 a 1480 dos melhores classicos latinos, e admiraveis pela belleza do typo e estampas. Realmente a edição de Virgilio e de Ovidio, as *Metamorphoses,* excedem o que ha de mais bello n'este genero.

Encontram-se tambem preciosas edições de nossas chronicas de Portugal. Os *Lusiadas* do morgado de Matheus, com estampas [2]; museus de pintura das medalhas e moedas as mais antigas; physica sagrada com requissimas estampas; grande variedade e collecção de biblias antigas e modernas em varios idiomas, entre estas, a polyglotta com um diccionario polyglotto, que os bibliographos reputam de grande valor.

Alguns manuscriptos religiosos em pergaminho, com letras a capricho perfeitamente illuminadas, e com um formato tão igual que illude o typo; as cores são igualmente tão bem

[1] O catalogo é datado de 1819, e foi coordenado por Fr. João de Sant'Anna.

[2] D. José Maria de Sousa Botelho, conhecido pelo nome de morgado de Matheus, immortalisou seu nome com a celebre edição dos *Lusiadas,* que se considera a unica edição correcta, e que não se acha á venda, por isso que elle reteve a maior parte dos exemplares, e d'elles fazia presente ás grandes bibliothecas.

combinadas e compostas, que, sendo antiquissimas, conservam-se como recentes.

Alem d'isso, muitas obras theologicas e moraes, producções d'esses homens bemfeitores da humanidade, cujo nome esquece o materialismo moderno, ao mesmo tempo que gosa do fructo de seus trabalhos.

Um systema de cincoenta janellas divididas em duas ordens, superior e inferior, illuminam perfeitamente a casa; de entre ellas merecem especial attenção as do cruzeiro; maiores do que as suas lateraes medem ellas $5^{m},5$ por 2 metros; têem sacadas, cujos parapeitos são apoiados sobre balaustres de calcareo branco.

Duas portas praticadas na face lateral interna abrem sobre duas escadas de marmore que communicam com todos os pavimentos do convento; e finalmente, duas portas em cada um dos topos communicam com o palacio [1].

Ha objectos difficeis de descrever, e a escassez de meus conhecimentos é ainda grave embaraço que me não permitte dar uma descripção satisfactoria d'esta tão imponente e magestosa sala do edificio, que por si só constituiria um precioso monumento. A belleza de suas abobadas, a riqueza do pavimento, a nobreza de sua fórma, as preciosidades que em si contém, podem ellas descrever-se? Talvez, porque tambem ha homens monumentaes.

Tenho dito um pouco do edificio, fiz um esforço e esgotei a minha sciencia; conheço que nunca deveria ter intentado a difficil empreza da descripção d'este grandioso monumento, obra superior ás minhas forças, e acaso serei eu perdoado? Continúo todavia a admirar enthusiasticamente, não só o genio sublime do architecto, mas o bello e primoroso trabalho da mão do artista; e se me é permittido, sustentarei ainda, que não ha descripção possivel d'esta portentosa fabrica.

Para se conhecer o edificio não basta uma visita, especialmente áquelles que não forem por alguma fórma auxiliados. É mister muitas vezes dirigir-se aos mesmos pontos,

[1] Não se sabe precisamente qual o destino que o fundador tinha em vista dar a esta sala. É certo que não se destinára para bibliotheca, porque os frades franciscanos tiveram a sua livraria estabelecida n'outra casa muito distante, e que os conegos regrantes aproveitaram tambem quando occuparam o convento em 1771. Foram estes então que applicaram a formosa sala para a bibliotheca; e os trabalhos que ahi se executaram foram dirigidos pelo architecto Manuel Caetano.

Quando os conegos saíram em 1792, ainda ali não estava definitivamente a livraria. Em 1794 é que começou a servir.

estudar os mesmos objectos para os comprehender, e admirar a perfeita concepção na mente do architecto, e a judiciosa combinação de todos os membros que constituem o grande todo.

Restam ainda alguns objectos que são accessorios do edificio, pelo menos concebidos na mesma epocha, e dos quaes me cumpre tratar; são elles a *cerca* e a *tapada*.

A cerca constitue um bosque systematicamente formado, cortado por espaçosas ruas guarnecidas de arbustos; no seu recinto ha um lago de calcareo branco de $17^{m},8$ de diametro; um magnifico jogo de bola, cuja projecção horisontal é de 50 metros por 9 metros, guarnecido de assentos e muralhas de marmore; um pequeno jardim, que hoje serve de guardar plantas mimosas, uma grande nora, e finalmente o grande jardim recentemente formado, e cujo esmerado tratamento tem dado ás plantas e arbustos o maior desenvolvimento possivel, havendo ainda alem d'isso estufas para plantas dos tropicos.

A *tapada* (parque) é constituida por uma grande porção de terreno fechado por um muro de alvenaria de $3^{m},5$ de altura, e tem proximamente 20 kilometros de circumferencia[1]. Parte do terreno é cultivado, e outra parte occupado por matos, e muitos e bellos arvoredos para servirem de abrigo, e sustentarem a caça que ali ha para recreio do monarcha nos intervallos de sua laboriosa tarefa.

É a tapada tambem muito abundante de excellentes aguas potaveis, que, por meio de bem construida canalisação, são conduzidas ao edificio e á villa. Existe ainda, dividida por um muro, a antiga horta dos frades, onde se encontra um tanque de 58 metros de comprimento por 22 metros de largura, bem como pomares de fructas de todas as qualidades. Ao lado da horta encontra-se o *jardim das lagoas* recentemente formado sobre collinas, banhado por lagos informes, mas que tornam este sitio pittoresco e agradavel.

No centro da tapada ha um palacete denominado o *Celebredo,* que serve para o rei descansar nos dias de caçada. Assente no fundo de um valle, entre duas montanhas

[1] Por escriptura celebrada em 7 de agosto de 1744 nas notas do tabellião Martinho Roussado, de Mafra, se vê que a feitura dos muros da tapada foi dada em arrematação pelo preço de 2$600 réis a braça a Gregorio Coelho, e pelo preço de 2$750 réis a Felicio Nunes. Pelo differente local do trabalho é que proveiu a differença dos preços. As terras da tapada conservam ainda os nomes dos antigos casaes.

que se elevam a uma altura excessiva, e no meio de um macisso de verdura, banhado por estreita ribeira que lhe assenta como fita de prata em ramalhete, este palacinho proporciona o termo de um agradavel passeio e distracção. O espirito abre-se ali a todos os sentimentos de amor e de prazer diante do risonho e magestoso espectaculo d'essas montanhas abruptas, das collinas, dos prados e dos bosques que o cercam.

Alem d'este aprazivel logar e alguns outros que convidam a passeio, a tapada não offerece objectos de interesse.

Tenho circumstanciadamente dado uma idéa d'essa grande construcção de um dos nossos monarchas. Bem longe de exagerar não fiz mais do que um pequeno esboço d'esse precioso monumento que possuimos, e que rivalisa com os melhores da Europa.

Sem receiar a nota de exagerador, asseguro que não acontece na visita d'este edificio o que acontece ácerca de outros que gosam de uma decidida reputação européa, e de que talvez excessivamente se tem fallado.

O viajante encontrará París e Londres mais pequenos do que concebêra na sua mente, achará os Alpes menos elevados, o Rheno ou o Danubio mais estreitos; eis porém o que lhe não acontece á vista do colossal edificio de Mafra. Apparece ali um milhão de objectos mais do que o observador esperava, e com uma perfeição, um gosto, um esmero inexcediveis; só vendo-se poderá ser comprehendida esta arrojada construcção: as descripções são apenas uma simples indicação das maravilhas que ali se encontram e se admiram.

Nem é mais a obra que dou ao publico.

Quanto á fórma, parece-me que uma descripção nem deve ser um conjuncto de dissertações, nem uma serie monotona de meditações abstractas. É uma narração. Julgo pois que o modo e o estylo simples e variado, longe de cansar a attenção, a excita e sustenta, especialmente quando os factos são palpaveis, como acontece no objecto que descrevo.

Terminarei com Santo Agostinho: «*Si quid incondite atque inculte dictum legeris, vel si totum ita esse perspexeris, doctrinæ da operam, linguæ veniam*». Se ao lerdes, encontrardes incorrecções e faltas, ainda mesmo numerosas, dae desculpa á palavra a favor da materia.

VII

Reflexões — pára-raios — canalisação considerações — notas

Chaque monument d'un peuple est une page de son histoire.

Ahi fica descripta essa pagina da nossa historia no monumento, que ao mesmo tempo attesta o genio emprehendedor e corajoso de nossos monarchas.

Ao saír d'esse palacio encantado, d'esse mundo de bellezas que constituem o brilhante panorama, onde o genio do homem elevado ao mais alto grau resplandece, scintilla de todas as partes, e forma nas suas manifestações multiplices como uma visão de um mundo superior que absorve e embriaga... que dizer?...

Quem, ao penetrar o recinto d'esse santuario das artes, se não sentirá impressionado?...

A narração é nada. Que idéa póde fazer do templo quem o não viu? Que se póde julgar de mosaicos tão ricos e tão brilhantes? Como descrever-lhes o variado e primoroso matiz?

Quem poderá calcular as dimensões d'essas columnas gigantescas, junto das quaes o homem se acha como abatido e apenas parece um atomo?

Com que comparar a expressão d'esses bellos quadros e estatuas? A animação dos bronzes e dos marmores, a imitação tão sublime dos festões?...

Como é possivel fazer comprehender a obra mais primorosa que jamais saíu da mão do homem, e se admira no zimborio?... Ainda mesmo a sua elevação magestosa no centro das torres, cuja projecção é igualmente tão arrojada, quanto bella e elegante?

Que se póde dizer da immensidade do palacio? Da bibliotheca, na phrase de alguns, «*uma das melhores casas*

do mundo!» Que pintura ou descripção se póde fazer das alfaias?

Quem, sem ter subido a um dos pontos culminantes do edificio, póde ajuizar da multidão uniforme dos terraços que cobrem outros tantos corpos que constituem o grande todo?

Como explicar os importantes e colossaes machinismos dos relogios e carrilhões? Quem imagina enormes cylindros, movendo-se como os de uma caixa de musica, e executando differentes peças? Quem póde julgar dos sons tão harmoniosos e tão bellos?

A respeito d'este soberbo todo poder-se-ía dizer como Ammiano Marcellino a respeito do Forum e columna de Trajano, que «*não era de desejar se tornasse a fazer uma obra similhante*[1].»

Mas o nosso monumento, bem longe de se comparar com esses de triste memoria, teve por origem o patriotico desejo de um monarcha que, através de muitos seculos, exclamará ainda ao seu povo: «*A geração renascida em 1640 deve ir ao infinito, para o complemento d'este desejo recorri á Divindade, ahi tendes o documento, conservae-o*».

Diga-se embora que este edificio é excessivamente grande para um paiz como Portugal; mas note-se que a nossa riqueza passada excitava-nos, em harmonia com os pensamentos das differentes epochas, ás mais arrojadas e difficeis emprezas. Com justa rasão mediamos nossas vastas possessões na Asia, Africa e America, e, reunindo-as á metropole, dava-nos uma extensão tão consideravel de territorio, que afoutamente nos podiamos comparar com as maiores nações da Europa[2].

Bem longe de serem vaidosa mania as nossas construcções de outr'ora, eram ellas documentos incontestaveis de nossa grandeza e coragem; e se isso era crime, muitos monarchas d'essa fórma commetteram crimes imperdoaveis. Como todos os grandes povos, eramos um povo religioso, e

[1] Cum ad Trajani forum venisset (Constantinus) singulari ab omni cœlo structarum, ut opinamur, etiam numinum assertione mirabilem, hœrebat attonitus per giganteos contextus circumferens mentem, nec relatu effabiles, nec rursus mortalibus appetendos. Lib. XVI.

[2] Cumpre notar que desde 1722 até 1745 enviou o Brazil á metropole 46.203:612$000 réis, alem de 94:250 kilogrammas de oiro e diamantes, 4:785 kilogrammas de prata e 229:130 kilogrammas de cobre. Ora se a D. João V fosse possivel ainda hoje existir, e continuasse a receber os taes 46.203:000$000 réis, não acompanharia as idéas das epochas que se fossem succedendo?...

por isso nossos melhores monumentos são os monumentos sagrados.

E quem duvida que foi o christianismo que, tendo purificado o mundo das infamias pagãs, e salvado do vandalismo, ergueu a moderna sociedade a tamanha superioridade de luzes, inspirando-lhe ao mesmo tempo o genio das artes?

No fogo sempre vivo de seus altares, nos clarões sempre divinos de seus mysterios, accenderam seus fachos o pintor, o esculptor, o architecto, o poeta, o orador, bebendo ao mesmo tempo santas inspirações.

Por isso viu o mundo (todo admirado) seus pensamentos traduzirem-se em monumentos de toda a especie, de uma elevação, graça e castidade, e de um espiritualismo que a antiguidade desconhecia; filhas da fé, caminham por isso sempre na via do progresso que lhes é proprio, as nações onde o desenvolvimento de sua religião, de seus costumes, de suas idéas são baseadas no christianismo. E eis a rasão por que no monumento de Mafra se encontram figuras traçadas de enthusiasmo, e segundo o impulso de um coração nobre e dedicado; em todas ellas se traduzem facilmente as impressões naturaes produzidas pelo prazer ou pela dor, conforme o caracter que representam. Os arabescos, os festões, os mosaicos são outros tantos objectos arrebatadores, analogos aos corpos a que se acham ligados.

Postoque o edificio ficasse completamente acabado e nada deixe a desejar, todavia umas pequenas cousas se notam, que (a meu ver) se não ultimaram.

Nos vestibulos do palacio ha grandes nichos abertos nas paredes, que parece serem destinados para collocação de estatuas. No centro da linha parallela da frente, sobre a bibliotheca, o terraço não tem platibanda, e vê-se n'este ponto uma grande base que era destinada para ahi se collocar o escudo das armas reaes, que não se encontra em parte alguma do edificio.

A parte interna do convento tem soffrido algumas modificações, por isso que os estabelecimentos, que por vezes ali se têem alojado, precisaram alterar a seu modo ou segundo as conveniencias differentes casas.

Notam-se no templo alguns quadros de pintura, mesmo nos altares, quando a maior parte d'elles têem retabulos de marmore branco[1]; mas cumpre observar que, não sendo

[1] Nunca houve grande quantidade de quadros; e alguns se encontram ainda na casa da fazenda, que mostram terem sido estudos. Mas

possivel por occasião da sagração ter todos os altares ornados com retabulos de marmore, se fizeram os quadros de pintura, que pelo correr dos tempos se foram substituindo pelos de calcareo que hoje existem.

Se este calcareo, aliás bello, não é o primitivo (como alguns pretendem), é certamente o secundario, ou mais propriamente o lioz fino; esta pedra nada tem de commum com o grés[1], em que são feitos na Pena os entalhados, na verdade muito perfeitos, nem mesmo com o calcareo da Batalha e de Alcobaça. O lioz que se empregou na construcção do edificio de Mafra é o mais duro marmore calcareo; não o tem o tempo endurecido mais, mas tem-o revestido de uma côr sombria que dá ao edificio uma apparencia respeitavel[2].

Não será destituido de todo o interesse notar que todos esses bellos retabulos foram feitos em Mafra, e que o cinzel do artista portuguez teve grande parte na execução d'essas maravilhas[3].

havia nas cellas e em outros muitos pontos do convento grande numero de gravuras, algumas das quaes existem; taes são:

Quadros de Rubens, *gravuras de Campion.*—A ceia, Resurreição de Lazaro, Apresentação no templo, Adoração dos Magos, a Veronica encontrando o Senhor com a cruz ás costas, Calvario, Descendimento da cruz, Assumpção da Virgem.

Quadros de Wandick, *gravuras.*—Ecce Homo, Coroação de espinhos, Crucificação, *Mosin sculp.*

Quadros de Annibal Carache, *chez Mariette.*—A Virgem com o Menino ao collo, junto S. José, e paizagem ao longe.

Quadros de Pedro Beretin de Cortonna, *chez Mariette.*—Natividade *(segundo o original que existe na igreja de S. Salvatore in Lauro);* o Presepio.

Claudio Isaac, *sculpsit.*—Annunciação, Ecce Homo.

Jourdan, *pinxit.*—Descida do Espirito Santo sobre os apostolos.

Champagne, *pinxit.*—Menino dormindo nos braços da Virgem.

Langot, *sculp.*—Anjo da guarda.

[1] Grés, da antiga palavra celtica *craig*, tem quatro variedades principaes, o grés lustroso de um brilho vivo, o grés branco, o grés vermelho e o grés mosqueado de cores.

[2] O lioz é o mais duro marmore calcareo susceptivel de receber polimento; o marmore branco é a materia prima; as variedades de cores, os veios e as nodoas devem sua origem a substancias estranhas geralmente metallicas infiltradas primitivamente entre as moleculas. Vêem-se no edificio em grande abundancia os mais bellos marmores, que rivalisam com o branco de Carrara, com o amarello de Verona, com o pardo de Toledo, com o preto de Mancha, com o roxo de Sevilha e com o côr de rosa de S. Thiago, todos extrahidos das minas de Portugal.

[3] Concluido o edificio, ficou estabelecida em Mafra, sob a direcção de Giusti uma officina para aquelle fim, que foi extincta em 1820,

Os pára-raios constituem igualmente um objecto de consideração; posteriores á construcção do edificio, são elles obra dos conegos regrantes, quando no reinado do senhor D. José ali estiveram[1].

O lanternim do zimborio havia sido destruido por um raio; viram-se os mesmos conegos na necessidade de o reconstruir. Aquella maravilhosa invenção de Francklin não podia ser olvidada por esses homens de genio e de arte; abraçaram immediatamente o systema e fizeram collocar nos pontos culminantes do monumento dezoito pára-raios, que hoje existem, e que por mais de uma vez o têem defendido dos estragos que outros edificios hão soffrido.

É comtudo forçoso dizer que, comquanto elles satisfaçam, precisam porém de certas modificações e melhoramentos, segundo os estudos ultimamente feitos. É certo tambem que depois da sua collocação o edificio não soffreu mais prejuizos.

Ha na frente do edificio quatro pára-raios; os dos torreões, collocados nos pontos culminantes, dão-lhes mesmo uma apparencia agradavel, constam da tige central de $5^{m},8$ de al-

sendo então dirigida por Braz Toscano de Mello; no tempo em que os conegos occuparam o convento teve ella o maior desenvolvimento possivel. Fr. José Patricio, filho do celebre estatuario Pedro Lucques, teve grande parte n'esses trabalhos; foi artista eminente, cujas ultimas lições ainda recebi.

[1] Os pára-raios foram estabelecidos em todo o edificio em 1787, sob a direcção do conego D. Joaquim de Assumpção Velho. Desde 1731 até 1786 haviam caído no edificio cinco raios, alguns dos quaes produziram bastantes estragos. O primeiro em 1731 caíu junto á torre do sul, o segundo caíu em 1740 na mesma torre por occasião em que se tocavam os sinos, com o fim de afastarem a trovoada, antigo costume barbaro, que muito custou aos conegos a destruir; o terceiro foi o que em 1765 caíu no zimborio, destruindo-o; o quarto caíu na torre do norte em 1772; os conegos haviam prohibido o toque dos sinos na occasião de trovoadas; o povo mostrou desagrado, julgando desprezada a divindade; dois operarios insubordinados correram a tocar o sino de Santa Barbara; não tardou muito que a descarga electrica os não fizesse desistir, felizmente não tiveram perigo; o quinto caíu em 1786, tambem por occasião de toque de sinos á festa de S. José; a nuvem descarregou a certa distancia do edificio, e despediu dois raios em linha obliqua, que indo dar á torre do sul, vieram á igreja, e dirigiram-se á capella mór, onde os conegos estavam officiando; os que se achavam ao altar caíram por effeito do choque, e ficaram-lhes impressos no corpo signaes correspondentes aos ornatos do candelabro. Mais tarde caíu outro na escada do palacete do sul, que deslocou todo o corpo. Depois de estabelecidos os pára-raios não houve mais prejuizos; mas em 1844 caíu um raio no zimborio, que despedaçou todos os fios conductores, chegando mesmo a fundir o bronze, e o cobre ficou torcido e consistente, como se fôra ferro temperado. Poucos exemplos se terão dado d'esta ordem.

tura, guarnecida a terço de outras hastes, de 2 metros que formam 45° com a linha do horisonte; na extremidade inferior prende o fio conductor que vae á terra.

Os das torres não têem tige conica, ao contrario, a que ali existe apresenta uma fórma espherica: julgo-os por isso imperfeitos. São os restos das hastes da cruz que outr'ora havia sobre as espheras[1].

O do zimborio é o mais perfeito, se bem que precise igualmente de modificações; está complicadissimo, o que póde dar inesperadamente funestos resultados. A tige central é collocada sobre a cruz guarnecida lateralmente de outras hastes, formando com ellas angulos agados; os fios conductores cercam interiormente a abobada do zimborio, e depois de percorrerem a figura cruciforme da igreja descem verticalmente á terra[2].

As faces lateraes do edificio são defendidas cada uma por quatro hastes verticaes conicas, tendo, na extremidade inferior, o fio conductor que vae á terra. A linha parallela da frente é defendida tambem por quatro hastes iguaes; estas communicam-se todas entre si, e pela mesma fórma se communicam com a terra por via de seus fios conductores, que descem verticalmente encostados ás paredes do edificio[3].

Repetirei, finalmente, que em toda esta fabrica descommunal as cousas que parecem menos consideraveis são dignas de toda a attenção. Nos pontos ainda os mais reconditos se encontram bellezas e se notam os objectos cuidadosamente acabados. Mas quantos individuos passam ali de um a outro lado, que ou ignorantes ou desprezadores lhes não prestam a menor attenção? *Ce sont des borgnes.*

Nada ficou a desejar n'este maravilhoso monumento; e

[1] Pára-raios é uma barra ou haste metallica que se eleva acima do edificio; deve ser de figura conica e ter a extremidade dourada; é a fórma mais conveniente, porque derrama ao ar debaixo da influencia da nuvem tempestuosa uma torrente continua de materia electrica; o fio conductor deve ter sufficiente grossura, e devem evitar-se metaes heterogeneos e cadeias, porque o raio acha difficuldade na passagem, e lança-se a outro corpo mais perfeito. A influencia de um pára-raios bem construido estende-se a uma distancia dobrada de sua altura.

[2] Devendo procurar-se a via mais curta para conduzir o raio á terra, acho summamente nociva a grande complicação que ali ha de conductores que tanto lhes alonga a extensão, e retardam por consequencia a saída do raio.

[3] Os pára-raios são um objecto assás importante, que em todos os edificios, mesmo particulares, se deveriam adoptar. Este apparelho tão simples e tão barato pouparia milhares de prejuizos que diariamente se succedem, e tão faceis aliás de prevenir. Convem conhecer sua alta importancia, a fim de serem geralmente adoptados.

a canalisação subterranea constitue ainda um outro objecto de grande merecimento.

Debaixo da grande fabrica, em quasi tanta profundidade como a dos alicerces, ha muitas galerias, immensas cavidades praticadas em differentes sentidos, communicando-se todas entre si com muita regularidade, a fim de receberem e conduzirem as aguas limpas e as immundas.

A famosa combinação e ordem com que são construidas prova exuberantemente que, quando se começou o edificio, já estavam delineadas na planta, e traçados os logares por onde deviam rigorosamente passar.

É arrojada a sua construcção, não só pela solidez e espaço que occupam, mas porque são abobadadas e tão espaçosas, que pela maior parte d'ellas póde bem andar um carro.

É notavel porém que, no meio de tão boa ordem e disposição geral, se não encontre um local conveniente e proporcionado d'onde se possa contemplar a perspectiva exterior do edificio. A povoação agglomerou-se em torno d'elle, e limitou o espaço de tal sorte, que o raio visual ainda mesmo da maior distancia a que o observador póde afastar-se apenas abrange pequenas partes. Não foi culpa do fundador; pois ainda se encontram marcos de pedra, cuja disposição semicircular muito afastada do edificio prova que nem uma só habitação deveria ultrapassar aquelles limites; mas abusos ou desleixos posteriores permittiram as mesquinhas edificações que ali se encontram, e tanto mais, que fazem um contraste desgraçadissimo, ficando o individuo, por assim dizer, esmagado sob a grande massa.

Mas se os defeitos são inseparaveis de todas as instituições humanas, imprudencia é censural-os. Outros terão os vindouros que desculpar-nos, e talvez com menos compensações.

Mais sensivel e mais doloroso é que este soberbo monumento apresente ruinas externas que a parte interior já vae sentindo. Ha em muitos pontos grande numero de intersticios, que dão passagem ás aguas pluviaes, o que dá logar a terem ahi vegetado não só plantas ou hervas, mas troncos vivaces e arbustivos, como a silva e a figueira. É pena!

«Quando a acção da natureza altera os artefactos do homem, quando as ruinas são o resultado do correr dos tempos, aquelle que as contempla sente certa impressão de respeito, que produz sentimentos, ainda que melancolicos, suaves e contemplativos: os primores da arte quando alte-

rados pela natureza têem certa graça inimitavel; porém quando esses mesmos primores se acham perdidos ou adulterados por causa da inercia, excitam o desgosto e a dor, e é contra o genio da arte um peccado imperdoavel», disse um grande portuguez a respeito da Batalha[1].

Evitar a introducção das aguas pluviaes nos differentes pontos do edificio onde se vê penetrarem, é objecto de consideração, a fim de conservar esse gigantesco monumento.

Conheço que esta massa descommunal é de custosa conservação, e que se as sommas ali enterradas houvessem tido uma applicação mais util, as vantagens seriam conhecidas. Mas hoje que fazer? Derrocar?...

Em todos os tempos se esmeraram os povos mais illustrados em conservar seus monumentos como padrões da sua gloria; e foi só quando esquecidos de seus brios nacionaes, e abandonados os vinculos moraes da sociedade, que esses seus monumentos caíram tambem em ruinas.

Assim pensavam nossos maiores. Nós do seculo XIX, todos entregues á locomotiva, conhecemos porventura o mysterioso futuro de nossas vias ferreas e barcos a vapor? A mão que os cria não tem outro fim que fazel-os servir para interesses materiaes: porém nas vistas superiores da Providencia não seriam elles meios de accelerar e realisar n'uma escala immensa a dupla unidade do bem e do mal annunciada para os derradeiros tempos?

Quando os romanos construiram as suas vias de grandes lageas, a fim de abrirem rapido passo ás suas legiões para irem ás extremidades do mundo plantar o pendão dos Cesares, e voltarem depois carregadas dos despojos das nações vencidas, nunca pensaram que ellas serviriam igualmente para darem passagem aos godos, aos vandalos e a todos esses enxames de barbaros que inundaram a Europa, e, conhecendo o caminho de Roma, foram por junto procurar as riquezas que os romanos haviam tomado por miudo.

Ao calçar uma das mais bellas vias, não suspeitava Cassio que aplanava a estrada aos vencedores da sua patria.

Hoje, como sempre, o homem põe e Deus dispõe.

O viajante estrangeiro que vem a Portugal não póde nem deve deixar de visitar o edificio de Mafra, e os nossos con-

[1] Mousinho de Albuquerque.

terraneos deveriam impor-se esse dever por tal fórma, como os musulmanos em ir a Meca. A estrada actual que liga a capital do paiz a Mafra está perfeitamente construida, e ou o viajante vá por Cintra ou logo directamente áquella villa, o transito é magnifico.

Note-se que não é essa a estrada por onde se conduziram ao local do edificio os importantes objectos que ali existem de peso e volume fabulosos; a estrada por onde todos esses objectos passaram partia de Loures, por isso que os artefactos vindos do estrangeiro desembarcavam em Santo Antonio do Tojal.

Se o viajante parar no sitio denominado Abrunheira, pasma, e duvida mesmo que por ali passassem os corpos colossaes que viu no monumento; pois era essa a estrada antiga, a actual era sómente praticada de Pero Pinheiro a Mafra. É ali que existem as grandes e inesgotaveis pedreiras do calcareo branco que ha no edificio. Que de obstaculos não haveria a vencer? Que forças? Que pessoal preciso?

Ninguem então se lembrava de estradas, não era o pensamento da epocha. Quem tinha aberto uma estrada através do oceano, julgou-se por muitos seculos dispensado de pensar em estradas. Reviveu hoje esse pensamento; é mais util e dá vida a uma nação.

Os romanos não olvidaram tambem essas obras, pelo contrario eram para elles objecto de grande cuidado e grande zêlo; as suas formosas villas estavam ligadas por meio de bellas vias, cujo systema, applicado ás nossas modernas estradas, applaudimos como obra do progresso, quando já elles ha vinte seculos o usavam[1].

Tal é o destino do homem. Encerrado n'um circulo d'onde lhe não é dado transpor os limites, avança e recua alternativamente; o que sabia hontem, esquece hoje, ámanhã recorda, e crendo tê-lo inventado canta soberbo o progresso. Em materias de arte e de construcção os antigos são nossos rivaes e até mesmo nossos mestres[2].

[1] Esse grande povo, tão escravo e tão nobre, deixou-nos em seus monumentos de toda a especie (cumpre confessal-o) bases para o nosso progresso actual. Que temos nós hoje mais do que elles, a não ser o brilhante véu de uma civilisação tão agradavelmente elevada, e pela qual descobrimos n'elles uma sociedade devorada pelo egoismo, gasta pelas devassidões e crimes, e cuja degradação lhes occasionou a sua total ruina?...

[2] As provas d'esta asserção são innumeraveis em Pompeia e Herculanum, onde os objectos de construcção, de arte e de luxo, que ha dezoito seculos existiam, e foram agora desenterrados, igualam, se não excedem, o que hoje temos de mais perfeito.

Como quer que seja, Mafra actualmente tem uma bella estrada para Cintra e para Lisboa[1].

Quando o viajante entra n'essa villa, onde existe o soberbo monumento, não deixam de lhe apparecer logo os *ciceroni,* a fim de lhe prestarem seus serviços para ver o edificio; está elle dividido em cinco secções: igreja, palacio, bibliotheca, relogios e carrilhões, e teclado annexo; tanto os encarregados, como os empregados seus subalternos, têem toda a delicadeza e consideração para com as pessoas que visitam o monumento; e, ou convidados pelos proprios visitantes, ou mesmo pelos *ciceroni,* apresentam-se promptamente nos seus respectivos logares, e prestam os precisos esclarecimentos.

O viajante não deve prescindir de ver os indicados objectos. O jardim e a cerca (juntos ao edificio) pela belleza de seus lagos, pela multidão de suas plantas, mimosas flores e arbustos, e a tapada *(park),* prolongando-se até 2 kilometros, pelos seus frondosos arvoredos, pelo elevado de suas collinas, pelos regatos que serpenteiam nos prados, e finalmente pela muita variedade de caça que n'ella se encontra, constituem agradaveis e recreativos passeios.

[1] Em Mafra ha tambem um hotel muito decentemente servido, onde o viajante encontra todas as commodidades; o asseio e a boa ordem que n'elle se encontra merecem particular attenção.

VIII

Festejos — inauguração do edificio e sagração do templo[1]

Benedicite omnia opera Domini Domino
DANIEL.

A fim de não interromper o pensamento com um objecto, aindaque analogo, certamente estranho á descripção propriamente dita do monumento, resolvi tratar em separado dos festejos que tiveram logar pela inauguração do edificio e sagração do templo, por isso que constituem um objecto interessante e digno de ser narrado.

Chegára o dia 16 de novembro de 1717, e no logar da Véla junto a Mafra estavam abertos os alicerces para o magnifico templo, cuja descripção acabâmos de ver.

N'esse mesmo logar via-se uma formosa barraca de madeira e pannos, cuja grandeza e figura cruciforme era como a do templo: deviam ali celebrar-se os actos religiosos da inauguração.

No frontispicio d'este santuario portatil havia tres portas coroadas por um quadro de pintura representando S. Pedro e S. João no acto de curarem o mendigo á entrada do templo; sobre esse quadro havia ainda um outro, onde se via Santo Antonio, a quem o templo era especialmente dedicado.

Forrada interiormente de tafetá e damasco de diversas cores, guarnecidos de galão e franja de oiro, offerecia a barraca uma apparencia deslumbrante e arrebatadora.

[1] Il s'agit, en effet, de reporter à Dieu la gloire des œuvres les plus étonnantes de l'esprit humain, et d'obtenir pour elles le concours nécessaire de sa constante protection.

(Mr. Pio, bispo de Poitiers, discurso por occasião da inauguração do caminho de ferro de Poitiers.)

A capella mór, que constituia o remate da cruz, ostentava o maior brilho e riqueza que se podia apresentar.

Da parte do evangelho, e levantado sobre seis degraus, achava-se um magestoso sitial decorado de preciosa téla branca, e sobre elle um docel; do lado da epistola via-se outro sitial, elevado sobre tres degraus, e sem docel; junto d'elle havia duas credencias que continham os riquissimos paramentos com que devia revestir-se o patriarcha D. Thomás de Almeida; de envolta com os paramentos viam-se muitas peças de prata necessarias para serviço do culto, e para augmentar a ostentação regia; uma banqueta de seis castiçaes e cruz de prata ornavam o altar.

No lado esquerdo do cruzeiro armou-se um côro para os musicos, todo guarnecido de damasco carmesim; e havia-se ahi collocado um orgão; proximo do côro fôra estabelecida uma bancada para os conegos da patriarchal.

Do lado direito junto a um dos arcos do cruzeiros, e sobre uma balaustrada de ebano, erguia-se uma tribuna decorada de cortinas de damasco encarnado, d'onde el-rei observava o ceremonial; na parte inferior havia muitos bancos para fidalgos e pessoas de distincção.

Todo o pavimento d'esta igreja estava coberto de pannos verdes.

Fôra o dia 16 de novembro destinado sómente para a benção da cruz que devia collocar-se na capella mór do templo.

Eram nove horas da manhã quando se começou o acto religioso na presença de el-rei e de toda a familia real, nobreza e povo; alem dos ecclesiasticos de alta graduação, estavam presentes sessenta e quatro religiosos menores.

Sobre o altar, erguido ao lado da epistola da capella mór, estava a cruz de 5 metros de comprimento, cujo pé descansava sobre uma almofada de damasco carmesim guarnecida de franja de oiro.

Feita a benção da cruz, houve uma solemne adoração tal como a de sexta feira maior; todos, sem exceptuar o monarcha, se prostraram ante ella.

Concluido o edificante acto de adoração, quatro sacerdotes tomando a cruz a arvoraram sobre uma pedra para esse fim preparada, e posta no local onde devia ser no futuro o altar mór, que actualmente existe.

Um soberbo instrumental acompanhava o orgão e vozes nas antiphonas e hymnos proprios d'estas ceremonias religiosas. No dia 16 nada mais se praticou.

No dia 17 pelas nove horas da manhã, no mesmo local

onde na vespera se haviam começado, continuaram os actos religiosos com a maior pompa e magnificencia possiveis.

Ao lado do norte da igreja foi construida uma barraca de campanha, com o unico fim de servir para ali se paramentarem o patriarcha e outras dignidades ecclesiasticas.

El-rei não tardou em apparecer acompanhado de uma força de cavallaria e infanteria [1].

Uma procissão solemnemente organisada, que el-rei acompanhou, se dirigiu ao templo; era ahi que se devia benzer a pedra que o monarcha foi depois lançar nos alicerces.

Sobre a credencia appareciam agora outros preciosos objectos, taes como a urna de marmore, dentro da qual existia um documento em pergaminho, em que el-rei mostrava achar-se ligado ao voto da erecção do monumento.

Outros differentes objectos encerrava a urna, taes como os dinheiros e medalhas com gravuras e legendas allusivas ao edificio, ao pontifice, ao patriarcha e a Santo Antonio [2].

Realisada a ceremonia da benção da pedra, foi esta processionalmente conduzida para o local onde devia ser enterrada; uma escada de madeira de trinta degraus descia aos alicerces.

No sitio destinado para a collocação da pedra estava um banco coberto de velludo carmesim; sobre elle um balde de prata e duas vassouras de urze guarnecidas de cordão de seda e prata; tendo o mestre lançado uma porção de cal no logar conveniente, el-rei, tomando uma trolha de prata, es-

[1] El-rei e o patriarcha ficaram alojados no palacio do visconde de Ponte de Lima, que hoje existe em ruinas.

[2] As medalhas eram circulares, e tinham proximamente 0m,10 de diametro, eram de oiro, prata e cobre, formando tres collecções (como já n'outro logar disse), e continham igualmente as seguintes gravuras e inscripções. A primeira tinha de um lado as effigies do rei e da rainha com a letra: *Joannes V Portugaliæ et Algarbiorum Rex, et Marianna de Austria conjux*, e do lado opposto a planta do templo com a letra: *Divo Antonio Lusitano. Mafra MDCCXVII.* A segunda medalha tinha de um lado a imagem de Santo Antonio sobre uma nuvem, ante ella o rei de joelhos, com a letra: *In cœlis regnat, invocatur in patria*, do lado opposto, o templo, segundo o plano de então, que era a fachada ornada de duas torres, e o convento do lado esquerdo, com a letra: *Divo Antonio Ulyssiponensi dicatum*, e no centro: *Joannes V Portugaliæ Rex mandavit, Mafra 1717.* A terceira medalha tinha de um lado a effigie do pontifice e a letra: *Clemens XI Pontifex Maximus;* e do lado opposto: *Pontificatus anno 17.* A quarta medalha iinha de um lado o retrato do patriarcha com a letra: *Thomaz I, patriarcha Ulyssiponensis occidentalis*, e do lado opposto: *Sancti Antonii Ulyssiponensis templum à Joanne V Portugaliæ rege designatum, et constructum lapidem in signum posuit Anno Dom. MDCCXVII.*

tendeu a cal e accommodou sobre ella a pedra que continha uma inscripção (veja-se a pag. 12); em seguida collocaram-se outras pedras e a urna que continha os dinheiros, medalhas, etc.

Concluido este acto nos alicerces, e tendo el-rei subido para a igreja, ahi se celebrou a missa de pontifical com que se ultimou o acto solemne da inauguração[1].

Esta festa tão imponente e grandiosa, bem longe de ser um luxo superfluo, é um acto de humildade que o homem pratica ante o Ser Supremo, de quem recebeu o ser e a vida.

Por mais que o espirito humano (dizia Voltaire) tenha lançado o ridiculo nas ceremonias religiosas, não deixa de ser certo e incontestavel que o respeito para com a religião é a instrucção mais util, a mais permanente e a mais edificante que póde dar-se a qualquer povo.

Na verdade, o culto une os homens por uma só causa e para o mesmo fim, recorda-lhes, sem os envergonhar, a sua propria fraqueza, e tornando-os iguaes na presença do Senhor do mundo, vale só por isso uma grande lição de moral.

Ao desprezo ou pouco caso que os generaes romanos faziam das ceremonias religiosas attribuiram os historiadores as derrotas de suas legiões; e todavia essas ceremonias eram obra da mais louca e extravagante superstição. Filhas da infamia de seu culto e da abominação de seus costumes, são ellas uma pagina horrivel da historia do mundo pagão e uma prova palpavel da degradação d'esse povo voluptuoso e cruel, por isso que a sua religião era da mesma sorte cheia de um sensualismo abjecto e abominavel; as ruinas de seus templos ainda hoje existentes justificam assás os padres da Igreja que descreveram seus costumes.

Na presença d'estas testemunhas irrecusaveis, o christão bemdiz, com toda a effusão de sua alma, o Deus, cuja misericordia infinita renovou a face da terra, e regenerou o universo por meio de uma religião tão santa e tão pura em seus principios. Só ella póde elevar o homem acima de si proprio, defender e conservar a nobreza de sua natureza e a realidade de suas virtudes; só ella creou, mantem e conserva a liberdade e civilisação actual, que a antiguidade não conhecia.

Mas vamos ao ponto. Estavam concluidos os festejos da inauguração, e ficava dedicado á Divindade o soberbo mo-

[1] Gastaram-se n'esta festa 80:000$000 réis. El-rei deu n'este dia jantar a todo o povo e á tropa.

numento como documento incontestavel da piedosa gratidão do monarcha. Com uma força de vontade inexcedivel trabalhou de tal fórma, que no curto espaço de treze annos essa massa descommunal estava erguida, e a sagração do templo decretada.

Corria o anno de 1730, e o dia 22 de outubro, 41.º anniversario natalicio do monarcha, era destinado para esse tão solemne acto da sagração.

Dias antes já el-rei tinha mandado preparar os objectos precisos e as accommodações necessarias para trezentos frades. Os paramentos haviam chegado, e tudo finalmente se achava na ordem que as circumstancias exigiam.

El-rei, a rainha, o principe, os infantes, o patriarcha, os cardeaes Cunha e Mota, os bispos de Leiria, Portalegre, Nankin e Pará, grandes do reino, conegos e muitas outras dignidades ecclesiasticas, compareceram n'este acto tão solemne, onde o luxo e a pompa deviam tocar o infinito.

A vespera da sagração de um templo, segundo determinam os sagrados canones, é um dia de preparo para a grande solemnidade. A manhã d'esse dia estava destinada para se benzerem os paramentos e todas as alfaias pertencentes ao culto.

Eram sete horas da manhã. O templo estava primorosamente ornado, e brilhavam em seus respectivos logares os doceis, as cortinas, as porteiras, os frontaes e todas as preciosas alfaias, que já foram descriptas.

Na capella mór via-se a cruz, que treze annos antes, no dia da inauguração, tinha sido arvorada n'esse mesmo logar onde agora reapparecia. No cruzeiro havia uma credencia que continha, sobre almofadas de damasco, grande numero de crucifixos que deviam servir nos altares.

Começou o acto pela benção das cruzes, e continuou pela do altar mór, e de todos os mais do templo. Em acto successivo benzeram-se todos os paramentos sacerdotaes que existiam na sacristia.

Concluida a benção das alfaias, quatro sacerdotes retiraram solemnemente da capella mór a cruz grande da inauguração, que foi recolhida na sacristia; e continuando-se ainda a benção no convento, terminou finalmente o acto pela uma hora.

De tarde uma solemne procissão saíndo do hospicio, onde habitava pequeno numero de frades, veiu ao novo templo; e depois de o ter circumdado, observando as disposições do ritual, tornou a recolher ao hospicio: el-rei observava estes actos da janella *de benedictione*.

Esta celebre casa, e bem assim todas as outras casas immediatas, estavam então especialmente preparadas em fórma de capellas, para ahi se dispor convenientemente o que no dia seguinte devia servir á sagração.

Decoradas com riquissimas armações, aguardavam sobre credencias os paramentos com que deviam no acto solemne revestir-se o patriarcha, os bispos, os conegos e outras dignidades ecclesiasticas.

Um riquissimo altar erguido n'uma d'essas bellas casas, ornado com um docel de brocado carmesim, e decorado com seis castiçaes e cruz de prata, continha o cofre das reliquias; ao lado direito do altar estava o throno patriarchal, e sobre elle a cadeira coberta de brocado; da mesma fórma o throno do rei e cadeiras para a familia real, tudo guarnecido de velludo encarnado com guarnição de oiro: junto d'estes objectos estavam os genuflexorios.

Do lado opposto apparecia sobre uma credencia o cofre para as reliquias, a caixa para as sigillar, e assim todos os objectos precisos para tal acto, taes como a escrivaninha, tesoura, lacre, sinete, fita, castiçal, thuribulo, naveta, caldeirinha e hyssope, tudo de prata e de primoroso lavor; junto da credencia via-se um ador de madeira dourado, no centro do qual se elevava um pequeno throno para levar aos logares competentes as respectivas reliquias que deviam ir em procissão.

Proximo da noite, o patriarcha sigillou n'esta mesma casa, na presença de el-rei, as reliquias dos apostolos e evangelistas, que eram as que no dia seguinte se deviam encerrar na capella mór, e fechando-as n'uma caixa forrada de velludo, as depositou sobre o altar.

Chegára finalmente o dia 22 de outubro, eram cinco horas da manhã, e a tropa estava já toda formada no terreiro proximo ao edificio.

No portico do templo via-se, ao lado esquerdo, o throno patriarchal com cadeiras e docel de velludo carmezim, tudo guarnecido de oiro, apparecendo o pavimento coberto de alcatifas; aos lados do throno estavam muitas cadeiras para os conegos e outras dignidades ecclesiasticas.

Sobre uma credencia estavam caldeirinha e hyssope de prata, e outros objectos precisos para o acto religioso.

Junto aos degraus da porta principal estava o faldistorio.

O acto começára por uma solemne procissão (em torno da igreja) que el-rei acompanhou seguido dos infantes e de muitos fidalgos; o patriarcha, depois de benzer o sal e a agua, continuou lançando agua benta nas paredes exteriores do

templo, e batendo por tres vezes com o báculo na porta principal, que estava fechada, á ultima vez foi ella aberta, e entrou a procissão.

Dentro do templo viam-se, ao lado direito, quatro cadeiras para a familia real, ao lado, uma outra forrada de velludo para o patriarcha, e finalmente outros muitos bancos e cadeiras para as differentes dignidades.

Em toda a extensão da igreja estavam dispostas em fórma de cruz certas porções de cinza, nas quaes o patriarcha escrevia com a haste do báculo os alphabetos grego e latino.

Concluida esta ceremonia, dirigiu-se a procissão á capella mór, onde se achavam dois thronos, um para o rei e outro para o patriarcha; defronte via-se uma credencia, sobre a qual estavam varios objectos de prata, oiro moido, incenso, cinza, sal, uma garrafa de prata com vinho branco, uma bandeja com cal e pó de pedra, uma colhér de prata, uma concha dourada, e finalmente outros differentes objectos indispensaveis em actos de tal natureza.

Tendo o patriarcha feito a ceremonia da benção da agua na capella mór, foi em acto successivo benzer a igreja; em seguida subiu á capella do palacio, onde na vespera ficaram depositadas as reliquias, e pondo-as sobre o andor que ali se achava, foram conduzidas ao templo; depois de ter feito um breve discurso, banhou com oleo santo as duas cruzes que nos umbraes da porta principal estão gravadas, e dirigindo-se á capella mór foram aquellas reliquias collocadas no altar.

Um sem numero de ceremonias precederam estes actos, segundo as prescripções do ritual.

No meio do altar estava aberta uma pequena urna, onde o patriarcha introduziu as reliquias (que eram dos doze apostolos), depois do que continuou ainda a benção das cruzes esculpidas nas paredes do templo.

Eram então cinco horas da tarde, e o patriarcha revestia-se para celebrar a missa de pontifical; terminada ella subiu á tribuna da casa *de benedictione*, e d'ahi lançou a benção ao povo.

Não ficava concluido o acto; foi apenas interrompido para tomarem alimento tanto o rei como todas as mais pessoas occupadas n'estes exercicios.

A igreja estava elegantemente illuminada; centenares de luzes davam-lhe um brilho deslumbrante, cujo fulgor fazia scintillar todas as bellezas de arte[1]. O acto interrompido

[1] *Nunca o oiro do novo mundo brilhou com fulgor mais vivo*, disse a tal respeito um critico.

começára de novo por um discurso, e continuára, benzendo-se as reliquias, que no dia seguinte deviam (com iguaes ceremonias) ser collocadas no respectivo altar; eram cinco horas da manhã do dia 23 quando findaram estas ceremonias.

Pelas nove horas achava-se já el-rei na igreja precedido de seu estado, bem como o bispo de Leiria, a quem n'esse dia tocava a celebração dos actos religiosos.

Tratava-se de sagrar as capellas da *Coroação* e da *Conceição* [1].

Com um ceremonial similhante ao do dia antecedente foram nas respectivas duas capellas depositadas as reliquias de santos martyres; seguiu-se a missa, e um discurso pronunciado por um dos frades mais competentes; em seguida fez-se a ceremonia da sigillação das reliquias, que no dia seguinte deviam ser depositadas; e finalmente, pelas tres horas da noite de 24, estava concluida a festa começada no dia antecedente.

Pelas mesmas horas da manhã d'aquelle dia começou-se o acto da sagração das capellas da *Sacra Familia* e *S. Pedro de Alcantara* (hoje capella da *Conceição),* que competia ao bispo de Portalegre, o qual observando todo o ceremonial praticado nos dias antecedentes, depositou no respectivo altar reliquias de santos martyres.

Bem como no dia antecedente, o acto acabou pelas tres horas da noite com a sigillação das reliquias, que no dia seguinte deviam ser encerradas.

Era o dia 25 o quarto dos festejos; e deviam então sagrar-se as duas capellas da nave lateral direita denominadas do *Rosario* e *Confessores*. Era o bispo do Pará quem devia officiar; pelas nove horas da manhã appareceu el-rei acompanhado de seu estado, e bem assim o cardeal Cunha, para assistirem ao acto da sagração, que (da mesma sorte que nos dias antecedentes) devia ter logar nas respectivas capellas. Seguiu-se um discurso religioso; e tendo o bispo de Nankin sigillado as reliquias que no dia seguinte deviam ser encerradas nos respectivos altares, se terminou o acto pelas tres horas da noite de quinta feira.

Era este dia o quinto dos festejos, e o destinado para a sagração da capella dos *Martyres;* o bispo sagrante compareceu pelas oito horas da manhã, e pouco depois el-rei estava presente, acompanhado pela nobreza.

[1] Esta capella, adjacente do cruzeiro, é hoje a de S. Pedro de Alcantara; quando os conegos regrantes, pela primeira vez estiveram n'este convento trocaram os paineis das duas capellas adjacentes, por isso a de S. Pedro de Alcantara é hoje a da Conceição.

Com toda a solemnidade foram encerradas no respectivo altar as reliquias de santos martyres, e depois de um discurso pronunciado por um dos frades para isso destinado, se fez a primeira renovação do sacrario, e trasladação do Sacramento da capella mór para a capella onde hoje se acha; encerrado o Sacramento, a tropa que se achava formada no largo fronteiro ao edificio, deu as tres descargas do estylo.

Finalmente sigillando o bispo de Leiria as reliquias que no dia seguinte deviam ser encerradas, se concluiu o acto.

Eram oito horas da manhã do dia 27, e o bispo entrava na igreja seguido das dignidades ecclesiasticas que o deviam acompanhar no acto da sagração da capella dos *Confessores;* com o mesmo ceremonial dos dias antecedentes foram encerradas as reliquias no respectivo altar, orou um dos frades da communidade, e em seguida foram collocados sobre os altares muitos relicarios que hoje ainda existem. Cantadas as horas canonicas se ultimou o acto d'este dia.

No seguinte (o setimo dos festejos) devia ter logar a sagração da capella do *Santo Christo;* pelas oito horas da manhã o bispo de Portalegre começou o acto com toda a pompa dos dias antecedentes, e encerradas no altar as respectivas reliquias, e recitado um eloquente discurso, se cantaram as horas canonicas e foram sigilladas as reliquias para o dia seguinte (29).

Era este o ultimo dia da grande festa, e o bispo do Pará devia sagrar a capella das *Virgens;* alem das ceremonias dos dias antecedentes deram-se n'este dia (por ser o ultimo) certas especialidades religiosas a que assistiu o cardeal Mota; dois discursos foram pronunciados por dois frades, que para tal fim estavam já destinados.

É impossivel descrever a pompa religiosa com que se celebrou a sagração; el-rei não faltou um só dia, uma só hora, a estes actos: radiante de prazer por ver completa a sua empreza, apenas tinha tempo para descansar e comer. Nada poupou para que a solemnidade fosse grandiosa e magnifica [1].

Estavam emfim concluidos os festejos, o monarcha, cheio de satisfação e de jubilo, havia rendido á Divindade as homenagens que lhe são devidas. Eis o caracter das festas

[1] Devia ser enorme a despeza que se fez n'estes festejos. Como por occasião da inauguração, el-rei franqueára as ucharias, e no primeiro dia da sagração concorreram ali ao jantar 9:000 pessoas proximamente.

religiosas; são ellas juntamente uma recreação e lição de virtude, e é d'est'arte que o homem supporta alegremente o peso do trabalho; é ainda d'esta fórma que apparecem os nobres instinctos do coração humano e o caracter nacional, estabelecendo o principio fecundo de acções generosas, que são a gloria e o sustentaculo das sociedades; só as festas religiosas, reunindo no mais elevado grau este caracter, têem o privilegio de produzir esta alta vantagem.

Mettam-se embora a ridiculo as pompas do catholicismo, supprimam-nas; o povo afastando-se d'ellas não perdeu o gosto das festas; são-lhe precisas; tel-as-ha. Os bailes, os theatros, as orgias e impuros devertimentos, substituirão nobres prazeres; em vez de se espiritualisar, materialisa-se; e a excitação febril dos maus instinctos, a corrupção dos corações, o transtorno da intelligencia, a depressão do caracter nacional, a desordem moral, serão a inevitavel consequencia, os amargos fructos que o povo obterá da suppressão das festas religiosas.

Estava finalmente erguido o famoso monumento. A multidão compacta que havia assistido e acompanhado os festejos afastára-se; e como todos os prazeres d'este mundo, a grande pompa havia desapparecido. Restava porém o aspecto triste e sombrio do monumento, que não deixa todavia de inspirar não sei que sentimento de respeito e acatamento, cuja origem talvez facilmente se não explique.

Aindaque o philosopho condemne asperamente tal construcção, e chegue mesmo a lançar severos anathemas sobre o pensamento que tão audaciosamente concebeu e executou essa empreza, que elle considera de um luxo inutil e de uma vaidade desmedida; ainda mesmo que seja triste e monotona a apparencia d'essa tão grandiosa fabrica que, segundo alguns criticos, é destituida d'esse gosto tão fino que distingue a architectura e esculptura da antiga Grecia, e cujo estylo tem feito considerar o edificio da Batalha como o primeiro de seu genero na Europa, todavia o monumento de Mafra apresenta elementos de proveitoso ensino e excellentes modelos no genero a que pertence; e poder-se-ía talvez avançar ser elle para o artista uma mina de um valor e riqueza inexgotaveis.

Póde a philosophia sentir dor ou prazer, póde prantear ou sorrir, ao considerar como extravagancia a estructura d'esta tão grande e poderosa massa; mas tambem não póde deixar de admirar sua immensidade, cuja solidez, dando-lhe uma duração eterna, inspirará d'aqui a muitos seculos a um poeta como Delille, o grande pensamento que este

proferiu ante as celebres pyramides do Egypto: *Leur masse indestructible a fatigué le temps.*

Aindaque eu me ache em perfeita harmonia com as idéas da epocha actual, em que os esforços do engenho humano pelo desenvolvimento de sua intelligencia se applicam a grandiosos trabalhos, cuja utilidade, immediata para a sociedade, tende a facilitar a communicação e as relações mais intimas entre os povos, a derramar a instrucção, a proporcionar asylo ao infortunio, e finalmente a alargar quanto possivel a esphera da intelligencia na profunda investigação da natureza, comtudo, tambem me parecem excessivamente carregadas as sentenças que, quasi todos os dias, ouço proferir contra esta edificação; creio mesmo, apesar de tudo isso, que nenhum homem de genio deixará de considerar com respeito e admiração essa tão grandiosa massa, como obra da mão do homem tão pequeno e tão fraco que anda de rojo na sua base.

Mas tal é o homem, como novo creador e momentaneo rival do Creador eterno; parecendo-lhe ainda imperfeita a sua vivenda, pretende por meio de seu engenho completar o adorno do universo.

Á vista de uma maravilha como esta tão portentosa, quem ao vel-a deixará de exclamar: Assim é; e os constructores d'este monumento entes são immortaes; sua obra admiro.

Lisonjeada fica pois, ó homem, tua soberba, teu genio, tua riqueza e força, e ufano te vejo com tua obra consummada.

DUAS PALAVRAS ÁCERCA DA VILLA DE MAFRA

A villa de Mafra é formada por dois grupos de habitações, ligados por duas ruas, uma das quaes é traçada em frente da porta do templo do grande edificio. Estes dois grupos constituem: a nova povoação estabelecida junto do edificio, depois que este se concluiu, e onde ao presente se acha a parochia; e a antiga povoação que outr'ora constituia a villa, com sua igreja e torre de alvenaria.

A igreja que, segundo a tradição, foi mesquita arabe, está situada n'um outeiro, onde ha poucos annos existiam ainda os restos de um castello mourisco; é destituida de ornamentação architectonica; as columnas que dividem as naves são grosseiras, como o são os capiteis das que ornam as portas da entrada, cujos arcos são de ogiva.

Na capella mór, bem como em duas capellas co-lateraes, ha muita obra de talha dourada e caryatides bem trabalhadas; junto ao arco da capella mór existe uma inscripção cujos caracteres são desconhecidos.

Não são menos apreciaveis os azulejos em relevo dos dois altares lateraes, e dois frontaes de couro, cujos desenhos são relevados e coloridos, e finalmente encontram-se tres tumulos de marmore, que encerram os restos de individuos da familia do visconde de Villa Nova da Cerveira.

Da parte de fóra da igreja existem algumas campas antigas: n'uma d'ellas, com uma inscripção latina, jazem os conegos regrantes: D. João do Coração de Maria, D. Bernardo do Rosario e Fr. José Patricio. Nomes, para mim, eternamente venerados [1].

Em frente vê-se em ruinas o palacio do sr. marquez de Ponte de Lima Lima, ha muitos annos deshabitado, e cujas paredes estão cobertas pelas parietarias que encobrem a nudez do pobre abandonado.

[1] Aproveitou-se esta campa pelo motivo da legenda, que está a caracter para todos os individuos, diz ella:
Siste viator, cogita paulisper, fui quod es, et eris quod sum.

RAZÃO DE SER

> Il n'y a personne qui ne soit devenu, au moins pendant vingt quatre heures, un personnage.
>
> CHATEAUBRIAND, *Études historiques.*

Como todos ou a maior parte dos individuos que visitam Mafra têem visto ou vão ver Cintra, intentei, estudando os pontos principaes d'esta tão poetica e decantada villa como o que a seu respeito se tem escripto, fazer um breve esboço, que podesse elucidar e guiar o observador na visita de seus edificios e arredores, addicionando-o á minha obra *Descripção do monumento de Mafra.* Oxalá que os meus bons desejos possam compensar as minhas faltas. Não sou escriptor; não tenho pretensões; peço e mereço indulgencia.

J. G.

CINTRA

BREVE ESBOÇO D'ESTA FORMOSA VILLA

SEUS EDIFICIOS E ARREDORES

E nas serras da lua conhecidas
Subjuga a fria Cintra o duro braço.
Cintra, d'onde as nayadas escondidas
Nas fontes vão fugindo ao doce laço.

CAMÕES.

CINTRA

I

A villa e a serra

> . . . Hic inter flumina nota
> Et fontes sacrus frigus captabis opacum.
>
> VIRGILIO.

Cintra, villa antiquissima, está situada a 30 kilometros de Lisboa, na vertente norte da serra do mesmo nome, que se prolonga alterosa e escarpada na direcção de nordeste a sudoeste. As montanhas escabrosas dão ao todo uma apparencia sombria e magestosa; erguendo-se a diversas alturas, são algumas d'ellas coroadas de planaltos, emquanto que outras terminam em crista aguda, e outras finalmente formam um dorso monticulado de variado aspecto, conforme a disposição das accamadações das massas de granito. A variada configuração d'estas montanhas e sua irregular disposição, contribuem essencialmente para o caracter especial que apresentam. Em torno das habitações accumulam-se espessas matas; e as lindas casas de campo, espalhadas e como perdidas nas vertentes das montanhas, por entre arvores de toda a especie, e os jardins mais delicados, tornam este logar um verdadeiro paraizo, um quadro da mais radiante phantasia, animado ainda pelo sussurro das aguas que brotam de toda a parte, e serpeiam sobre tapetes de verdura. As ruas da villa, ora subindo ou descendo, ora contornando uma collina ou afastando-se de um colosso de granito, descrevem figuras as mais variadas.

Parece que esta villa já existia no tempo dos romanos [1],

[1] O grande numero de inscripções encontradas nos arredores de Cintra attesta a presença das legiões romanas e a sua morada n'estes sitios. Em Odrinhas, Collares e Montelavar têem apparecido lapides sepulchraes, cujas legendas se acham bem descriptas e interpretadas na obra *Cintra pinturesca*.

e passando pelas differentes vicissitudes que outras villas e cidades soffreram, achava-se em poder dos mouros no reinado de D. Affonso Henriques, que lh'a conquistou em 1147, convertendo a mesquita do castello na igreja hoje de S. Pedro, e dando á villa o foral, que foi confirmado por D. Sancho I em 1189; cujos privilegios e garantias foram sanccionados e até ampliados por todos os monarchas seus successores. O foral envolve leis civis e militares, criminaes e de impostos.

A serra, essa dama polida, brava e doce, contemplação de amores, como lhe chamou Gil Vicente, é de origem vulcanica [1]. O seu aspecto, apesar de aspero e escabroso, é muito pittoresco; a direcção das suas estratificações não póde bem determinar-se, tão variada é a composição do terreno, mas em toda a sua extensão encontram-se marmores de muitas e differentes cores. O barão de Eschwege, na sua *Memoria geognostica,* descrevendo a serra, diz que as montanhas de Cintra, constituindo um grupo isolado de formação primitiva, se elevam, por meio de formações secundarias, a uma altura de 1:829 pés sobre o nivel do mar, estendendo-se de leste a oeste n'um comprimento de 3 leguas; e aindaque o granito, que constitue a maior parte da serra, forme as maiores elevações, comtudo encontram-se *feldspatho branco ou avermelhado, porphyro, mica preta, quartzo branco sujo, grés, espatho fetido, calcareo alpino e differentes calcareos.*

De todas essas especies, porém, as predominantes são: no *feldspatho,* a *orthose;* no *porphyro* distingue-se especialmente o *côr de rosa e trachytes;* no *grés* a especie que mais se pronuncia é o *bigarré;* o *calcareo alpino* tem as suas camadas em contacto com o *espatho fetido,* e sua côr é cinzento escuro; e o *granito* offerece cores muito variadas. Todas ellas brilham admiravelmente no monumento de Mafra [2].

[1] Exsurgit mons, vulgo *Serra de Cintra,* inter hos colles calcareos et vulcanicos cujos strata, praeter unum spati suilli, sunt saxi cotaceo quartzosi, quorum superiora olim fracta, et divulsa forsan ab aliquo terramotu, cui basi versus occeanum alter mons insidet, *Alvidrar,* cujus strata fere perpendicularia, in ejus basi sunt marmoris crystalini albi, particulis majoris fere instar Parii.

Domingos Vandelli, *Dissertação sobre o vulcão extincto de Lisboa.*

[2] A crusta solida do globo é composta de differentes camadas de naturezas diversas, com certa ordem de superposição, que indica mesmo sua idade relativa. Os geologos estabelecem cinco epochas de sua formação, a que correspondem os terrenos vulcanicos e neptuninos. No primeiro caso estão os de origem ignea, que compre-

As diversas quintas e jardins espalhados n'esta enorme penedia, variando incessantemente, por suas linhas onduladas, a harmoniosa belleza d'esses curiosos objectos, e os troncos annosos de suas arvores, cuja sombra tem coberto umas poucas de gerações, imprimem na alma certo poder suave e melancolico que prende e arrebata juntamente.

hendem o *granito,* o mais antigo das rochas vulcanicas; o *porphyro,* que Werner distingue em tres familias, comprehendendo seis variedades principaes; e *mica preta,* de contextura schistosa, que raras vezes apresenta *quartzo,* emquanto que as duas primeiras abundam n'elle. No segundo caso estão os calcareos, cujos caracteres são diversos, e têem origem nas aguas; a sua composição é representada pelo carbonato de cal, em resultado da combinação do acido carbonico, e oxydo calcico; o puro calcareo é branco. Dos elementos que entram na sua composição procedem as variedades que lhes imprimem o caracter; as cores dependem dos oxydos que os tingem. As camadas de calcareo divergem tambem muito em densidade; d'entre ellas é o *grés* o que offerece maior diversidade de cores, e contém quatro variedades principaes; mas o verdadeiro typo da especie é o que apresenta manchas de *quartzo branco.*

II

Palacio

> Descobre a breves passos altos feitos
> Por entre a espessa e verde rama
> D'alguma mais que humana industria feitos,
> Quaes não cantou moderna ou antiga fama.
>
> L. Pereira.

No centro da villa está o palacio real, essa edificação tão famosa pelas recordações historicas, como pela elegante irregularidade da architectura, com suas chaminés exquisitas, de fórma conica e de grande elevação. As janellas de estylo arabe e caprichoso trabalho, cuja graça e poesia sobresáem através algumas profanações modernas, os arabescos, as grinaldas de marmore á imitação de delicados troncos entrelaçados formando columnas, são de um gosto e graça inexcediveis.

Não se póde precisar a epocha da construcção d'esse palacio, mas a sua geral disposição interna e o pronunciado da architectura arabe levam a crer que os mouros o ergueram e ahi residiram [1]. É certo, porém, que D. João I o reedificou, apropriando-o a seu uso. Continuando desde então a ser frequentado, cada epocha e cada individuo alterou o primeiro estylo, e marcou ahi, por assim dizer, seus pensamentos, attendendo juntamente ás suas conveniencias [2]. É fóra de duvida tambem que nunca este edificio foi defen-

[1] A architectura arabe vem do grego asiatico; introduzida na Hespanha, substituiu em breve o estylo byzantino e levou á França seus phantasticos ornamentos; misturado depois ao velho gothico e ao byzantino produziu o gothico moderno, de que tambem ali se encontra a expressão. É este amalgama e sua irregular disposição que convencem dos trabalhos executados em epochas diversas.

[2] O sr. architecto J. da Silva levantou a planta do palacio, a qual existe na associação dos architectos civis portuguezes, indicando por differentes cores as epochas de suas respectivas construcções.

savel, ainda n'esses tempos de continuas lutas; ao contrario, mostra ter sido sempre habitação de goso e de prazer, quer seja dos reis mouros, quer dos nossos principes e cavalleiros [1].

O palacio comprehende tres pavimentos nobres, alem de dois outros elevadissimos que são verdadeiras excrescencias. No primeiro pavimento são as mais importantes salas; a da entrada é apparatosa; o pavimento é de marmore, e a abobada acha-se apoiada sobre pilares de calcareo branco polido. Logo immediata acha-se outra espaçosa sala toda envidraçada, a que dão o nome de *casa do café;* é maravilhoso o ponto de vista que d'esta casa se gosa sobre a serra.

É tambem muito apparatosa a sala dos *Cysnes,* assim chamada, porque o tecto é ornado de cysnes pintados em molduras; as faces lateraes são azulejadas. A origem de tal ornamentação é desconhecida [2].

Proximo a esta sala acha-se o gabinete onde D. Sebastião resolveu a desastrosa jornada da Africa; existem ainda ali a cadeira e os bancos onde elle e seus conselheiros se sentaram; são de fórma pesada, guarnecidos de azulejos, tendo por desenhos folhas de vide.

Uma das salas mais celebres n'este pavimento é a das *Pegas,* cuja denominação lhe provém do grande numero d'essas aves, que se vêem pintadas nos tectos e nos frisos, tendo pendente do bico um laço ou fita com a letra: *Por bem.* Esta casa é incontestavelmente do tempo de D. João I, mesmo pela origem d'ella que a tradição auctorisa [3]. É quadrada, de 15 metros por lado, e as faces lateraes são azulejadas.

Proxima a esta ha outra sala, onde se acha o notavel fogão de marmore que dos paços de Almeirim foi para ali transportado no tempo do marquez de Pombal.

[1] Em todos os reinados, desde D. João I, se fizeram no palacio importantes obras, como se conhece de differentes cartas e alvarás regios, que contêem disposições curiosas.

D. João II, nomeando um capellão effectivo para a capella do paço, manda dar-lhe por anno 10$000 réis para mantimentos, calculado o trigo a 30 réis o alqueire; o vinho a 40 réis o almude; a carne a 80 réis a arroba, e em dinheiro 100 réis mensaes.

[2] N'esta, como nas outras salas, os azulejos são de louça esmaltada, formando bellos desenhos e configurações symetricas de harmonioso e agradavel effeito.

[3] Conta-se que a rainha surprehendêra D. João I galanteando uma dama; a rainha não gostou, é de crer: mas não havendo intenção criminosa, o rei respondeu que «*era por bem*». Para perpetuar a resposta, e para castigar a loquacidade de algumas damas indiscretas mandou elle ornar a sala por aquella fórma.

Encontra-se tambem n'este pavimento a celebre *casa do banho,* de engenhoso artificio; as faces lateraes são imperceptivelmente crivadas por um numero infinito de orificios praticados em certa altura, por onde a agua é arrojada com grande impulso, e por fórma tal, que não é possivel conservar-se qualquer por um momento no meio da casa sem ficar completamente alagado [1]. No terraço, junto a esta casa, ha uma graciosa columna de granito, encimada por um grupo de pequenas figuras de boa esculptura. Esta columna tambem lança agua [2]. Lindas janellas de um trabalho primoroso olham sobre este terraço, que ao lado tem um tanque com agua. Encontra-se ainda um outro pequeno terraço, interessante pelo revestimento de azulejos, cujos desenhos são espheras armillares; tem um pequeno tanque, que recebe agua por um cysne de marmore.

É ainda no primeiro pavimento que se acha a *capella;* é grande e um pouco escura; tem tres altares; o tecto é pintado sobre madeira, e o pavimento imita o mosaico. Em geral a sua apparencia é pobre e de pouca architectura.

A *cozinha,* que tambem fica n'este pavimento, é abobadada, alta, espaçosa e pouco banhada de luz. Nada tem de notavel a não serem as suas chaminés, que interiormente mostram a mesma configuração conica que de fóra apresentam.

Passando ao segundo pavimento, por uma escada de marmore de mediocre aspecto, encontra-se, entre outras salas, a *sala do lago,* que, pelo seu todo, e mesmo pela originalidade, mostra ser do tempo dos mouros; dizem que era sua casa de jantar. É lateralmente azulejada; os azulejos são parallelipipedos, alternados de cores, verde e azul; tem quatro portas ornamentadas com bonitos arabescos; hastes de marmore, entrelaçadas á similhança de troncos de arbustos, formam os umbraes. No centro da casa ha uma concha de marmore polido que recebe agua, a qual na quéda descreve figuras engraçadas.

Proxima a esta existe outra sala pouco apparatosa, onde se admiram duas torres chinezas de marfim com figuras da mesma especie e natureza.

D'estas salas se passa a uma *tribuna* que olha sobre a

[1] A casa do banho é um irrefragavel vestigio dos arabes, expressado aqui, como no alcaçar de Sevilha.

[2] Similhante a esta, mas com maiores dimensões, ha outra columna no largo da praça, em frente do palacio, cuja espiral termina n'uma roseta que forma um bonito jogo das aguas que de si lança Esta peça de marmore tem na base a letra *B*.

igreja ou capella do paço; é de madeira pintada, pobre de ornamentação e escura.

Passando ao terceiro pavimento encontra-se a respeitavel sala das *armas* ou *cervos*, assim denominada, porque a sua ornamentação consiste em cervos pintados, d'onde pendem os escudos dos brasões das principaes familias nobres de Portugal. É obra de el-rei D. Manuel, que assim quiz perpetuar a memoria de muitos homens illustres, cujos serviços os tornaram dignos de serem considerados benemeritos da patria. No centro da abobada está o escudo das armas reaes portuguezas, em torno os brasões dos infantes de então, e no espaço que torneia esses emblemas os setenta e quatro escudos das diversas familias [1]. Em volta da casa, e em letras de oiro, distribuidas nas quatro faces lateraes, ha a seguinte inscripção:

Pois com esforços e leaes
Serviços foram ganhados;
Com estes e outros taes
Devem de ser conservados.

O restante da parede é guarnecido de azulejos, cujos desenhos são cavalleiros com antigas armaduras. Esta casa é quadrada, de 25 passos por lado, e o portal da entrada é de muito bom trabalho [2].

Perto d'esta sala tão nobre e esplendida apparece o *aposento*, onde quinze annos residiu encarcerado D. Affonso IV. É quadrado e de apparencia ordinaria; o pavimento é de azulejos, que se acham retalhados em toda a extensão de uma das faces lateraes da casa; é este o logar onde o preso constantemente passeava em frente da janella unica que illumina o quarto. Nos toscos umbraes da janella distingue-se o logar da grade de ferro que outr'ora teve. Na parte inferior de uma das portas d'este aposento ha uma pequena abertura por onde se dava a comida ao preso.

Junto a este ha outro quarto com uma fresta ou grade, por onde, sem ser visto, o rei assistia á missa.

É realmente melancholico o sentimento que se experimenta ao contemplar essas paredes, testemunhas silenciosas da dor e das impressões que ali soffreria essa grandeza derrubada.

[1] O escudo dos Tavoras está aspado.

[2] A julgar pelos signaes gravados na pedra, e segundo a interpretação do sr. architecto Silva, foi este portal obra de Francisco Lagarto, porque se encontra ali gravado o reptil d'este nome com um *F* sobre o lombo.

No pavimento superior acha-se uma casa, notavel por servir de *deposito das aguas*, conduzidas da serra, e que ahi são engenhosamente distribuidas, não só para o serviço do palacio, como para diversas casas particulares.

Encontram-se finalmente algumas escadas nobres, mas outras tambem assás mesquinhas, e alguns corredores estreitos, e tudo isto com certa irregularidade que, como disse, mostra bem que, em diversas epochas, e segundo as conveniencias, se faziam as obras que as circumstancias reclamavam.

Resta fallar dos *aposentos reaes*, construidos sob a direcção do sr. architecto Silva, no reinado do senhor D. Pedro V. Esses aposentos foram divididos dentro de uma sala do palacio que media de altura duas vezes o pé direito dos quartos actuaes. Por essa occasião descobriu o mesmo architecto, escondida por cima dos tectos, uma janella no estylo da antiga architectura, que foi collocada no quarto do banho; assim felizmente aproveitada póde ali gosar-se seu lavor e fórma; e no tecto do quarto que foi da senhora D. Estephania collocou-se no mesmo tempo o escudo bipartido com as armas das duas casas reses, ornamentado no estylo arabe.

Apesar das muitas bellezas que decoram o palacio de Cintra, creio que não póde, nem deve elle ser julgado um modelo de architectura, tão alterada se acha a sua primitiva construcção. Não tem duvida que são admiraveis seus lindos columnellos de troncos de marmore entrelaçados, suas janellas, ogivas e arabescos, algumas de suas escadas de fino marmore, e, alem d'isso, as cascatas, o murmurio das aguas, os terraços, os jardins; mas sobretudo são as recordações historicas o que dá a este edificio a maior celebridade. Essas paredes que ouviram os primeiros vagidos de D. Affonso V e abafaram seus ultimos alentos; que viram acclamar seu filho D. João II; que assistiram á ultima audiencia de D. Sebastião, presenciando a resolução de sua desgraçada empreza, depois de presencearem suas aventuras nocturnas; que acompanharam e ouviram as imprecações de raiva e de dor de D. Affonso VI até seus ultimos momentos, observaram tambem scenas de prazer e de goso; e ahi junto d'ella o grande Camões algumas odes modulou a D. Catharina de Athaide.

III

Castello dos mouros

> . . . mais des débris restés à terre, il en est quelque fois des beaux à contempler.
>
> CARREL.

N'uma das altas montanhas da serra de Cintra, ao sul da villa e do palacio, existe o *Castello dos mouros,* ruinas venerandas, edificação de remotas eras que não podem determinar-se. É muito natural que fosse construcção dos romanos. A architectura é barbara e de uma grande solidez, como attestam os restos de suas muralhas. Em 1147 foi elle conquistado por D. Affonso Henriques; D. Sancho I reformou-o; e em 1183 ainda era defensavel, porque achando-se occupado pelos castelhanos, foi torneado pelo mestre de Aviz. De suas torres alterosas, onde outr'ora pousou a aguia do Tibre, onde fluctuou o pendão wisigodo, e as meias luas do arabe, onde finalmente tremulou o estandarte de Castella, tantas insignias poderosas que as quinas abateram, nada resta senão uma parte de suas ameias, e as recordações de envolta com as sombras dos heroes que representaram n'aquelle theatro de mortes. O estylo barbaro d'essa reliquia historica é o ideal de um phantastico lugubre[1]. Esses restos de muralhas são uma pagina mutilada, como já o são outras, como ámanhã serão muitas mais.

[1] Gil Vicente falla de uma tradição popular, pela qual no seu tempo se acreditava que um rei mouro fôra ali enterrado com todas as suas riquezas, que eram guardadas por genios malfazejos.

IV

Pena

> E eram umas serranias mui asperas e abruptas; e lá em cima a topetar com as nuvens o pobrinho e desamparado cenobio.
>
> Fr. Luiz de Sousa, *Vida do arcebispo.*

N'um dos mais elevados pontos da serra de Cintra, sobre massas colossaes de basalto, ergue-se altivo o *Castello da Pena,* sobre as ruinas do convento dos Jeronymos, construido por D. Manuel no mesmo logar d'onde avistou a frota que Vasco da Gama commandava, voltando da sua grande empreza do descobrimento das Indias[1]. Construcção temeraria, levantada no local onde só uma aguia teria audacia de edificar um ninho!!

O estylo architectonico do edificio é o normando-gothico rigorosamente continuado, quer nos corpos que ultimamente se addicionaram ao mosteiro, quer na restauração que se fez ao que estava arruinado[2]. A estrada, que é admiravel-

[1] No tempo de D. Manuel já ali existia uma pequena ermida, onde se venerava Nossa Senhora da Pena. Em 1511 mandou este rei edificar o convento e a igreja, que existe, pelo architecto André Contucci, natural de Sansovino, na Toscana, o qual nasceu em 1460 e morreu em 1529. Este homem, tão celebre e tão notavel pelos seus trabalhos de architectura e esculptura, tendo acabado as suas obras em Portugal, voltou á Italia, onde se encarregou dos baixos relevos da santa casa do Loreto. Genova, Florença e Roma possuem estatuas feitas por este homem.

A parte do edificio construida por Contucci parece que custou 30:000 cruzados. O convento era destinado para 18 monges.

[2] A todos os generos de architectura em uso na idade media se dá vulgarmente o nome de architectura gothica, que designa especialmente o estylo original; distingue-se porém o velho e moderno gothico, ou gothico propriamente dito, que tambem se póde considerar segundo as raças e as nações, ou segundo a execução. O *nor-*

mente aberta na rocha, conduz depois de diversas circumvoluções á entrada de um arco de granito, sob o qual ha uma ponte levadiça. Passando a ponte, e torneando um corredor abobadado, encontra-se essa maravilha de execução, cuja fachada, rica de graciosos arabescos e superabundante esculptura, forma do todo um verdadeiro problema de harmonia. Dois arcos de calcareo branco guarnecem a fachada. O arco principal é de ogiva e de um trabalho surprehendente; troncos de arvores entrelaçados constituem os apoios do arco, uma cabeça monstruosa corôa o vertice da ogiva; e sobre a cabeça ergue-se uma arvore do mesmo calcareo, cujas raizes são por tal sorte distribuidas que formam a cabelleira da mesma cabeça. Aos lados elevam-se duas torres ameiadas e guarnecidas de setteiras e muralhas. Passado o arco entra-se n'um pateo, fechado pela habitação real, igreja, um torreão, varias torres ameiadas e muralhas guarnecidas de setteiras. O phantasioso esmero do trabalho architectonico continua n'este recinto, multiplicando suas bellezas. Vêem-se ahi os restos do mosteiro religiosamente restaurado, a igreja e o atrio taes como outr'ora, no tempo dos frades. O atrio é formado de columnas de granito encimadas de arabescos, cruz de Christo, e florões iguaes aos que guarnecem as portas e janellas. A igreja tem 17 metros de comprimento desde o altar mór; o tecto é revestido de marmore, onde se acham gravados a cruz de Christo e florões; e as faces lateraes são azulejadas de cores verde e azul. A capella mór é de marmore e de um bello trabalho. O altar é guarnecido por um retabulo orlado de diversas inscripções latinas. Contém precioso trabalho de esculptura e muitas figuras de alabastro representando passos da vida de Christo e da Virgem, todas em nichos guarnecidos de columnellos e de varias folhagens do mesmo alabastro [1]. O sacrario é uma obra curiosissima, tambem de alabastro; comprehende duas peças distinctas: o corpo externo de figura cylindrica com sua cupula, e o corpo interno, *Santuario,* de figura pentagonal, com movimento rotatorio no corpo que o circumda. Em cada uma das faces d'este corpo ha gravuras em baixo relevo que representam alguns pas-

mando gothico, que é uma sub-divisão do gothico do norte, vem do velho gothico, que cada povo modificou segundo seus usos e gosto, e ainda conforme o seu estado de civilisação; admitte elle as ogivas e fórmas angulosas e ornamentos caprichosos.

[1] O retabulo mostra ter sido feito em 1532 por occasião do nascimento do infante D. Manuel. É obra de um estatuario francez chamado Nicolau, e custou 4:000 cruzados.

sos da paixão de Christo, e a porta tem a letra: *Panis qui de cœlo descendit,* e na parte inferior *1531.* Tão transparente como o crystal brilham através de suas paredes os raios luminosos de uma luz que se esconda dentro ou se colloque da parte opposta. O côro tem pouca luz, devido talvez aos vidros de côr que ha nas janellas [1]; e conserva os antigos bancos muito em harmonia com a architectura do edificio. A sacristia é pequena, azulejada de branco e verde; vêem-se ali uma estatua, que parece antiquissima e alguns quadros bons.

Junto á igreja está a *habitação real,* novo trabalho construido pelo senhor D. Fernando, segundo o antigo systema architectonico [2]. Proximo fica o *torreão,* a cujo ponto mais elevado se sobe por uma espaçosa escada de calcareo branco com 106 degraus. Lançando d'ahi o olhar sobre os compartimentos da serra, vê-se a *Cruz alta,* erguida no pincaro de uma montanha vizinha, no meio de grandes massas graniticas, dominando o espaço como sentinella ali collocada. Mais baixo descobrem-se os jardins, os pomares, os rochedos escalvados que parece quererem precipitar-se; depois os prados, as vinhas de Collares tão decantadas; mais longe o *Cabo da Roca,* e esse immenso oceano que nos desapparece nos confins do horisonte.

Não ha quadro, diz Chateaubriand, que não encerre uma significação moral; e não é preciso ser poeta ou pintor para interpretar as deslumbrantes scenas da natureza que, qual sonho magico, ali se deslisam a nossos olhos.

Foi pois da montanha onde se ergueu o modesto cenobio, que D. Manuel, debruçado sobre o oceano, e prolongando a vista por suas ondas inquietas, descobriu n'essa estrada triumphal o grande Vasco na volta do oriente. N'este logar bradou elle á rocha que se transformasse em monumento immorredouro da alta empreza, e a rocha ergueu-se em monumento que symbolisa a gloria de uma geração, a historia de um reinado; e lá existe aquella pagina solta da nossa historia, padrão saudoso das grandezas passadas, encimado pela cruz que a brisa bafeja ha tres seculos.

[1] Alguns dos vidros são modernos e de muito merecimento. Apesar d'isso não amo a sombra encobrindo a realidade dos objectos no santuario.

[2] A Pena pertence hoje a Sua Magestade o senhor D. Fernando, por compra que fez do mosteiro e suas dependencias, e que converteu no bello edificio acastellado e quinta que ali se vêem.

V

Arredores de Cintra

Hîc gelidi fontes, hîc mollea prata, Licori,
Hîc nemus . . .

VIRGILIO.

Os arredores de Cintra, tão decantados e tantas vezes descriptos, constituem, por assim dizer, a moldura do maravilhoso quadro que tentámos esboçar. As grandes montanhas e collinas cobertas de arbustos e plantas, as aguas profundamente encaixilhadas pelos rochedos, e do alto d'esses montes e collinas lançar a vista e descortinar o mais vasto horisonte... Oh! Quanto é esplendido! Quantas vezes tenho lastimado não possuir a fecunda intelligencia de tantos homens celebres, para explicar o que tão bem vejo na minha imaginação.

Ao correr a linda estrada de Collares encontram-se, alem da quinta do Relogio e da Regalceira, o campo de *Sente ais* ou *Sete ais,* segundo Lucrecio. Na extremidade do campo, fechado de frente por uma grade de ferro, está o palacio pertencente á casa de Louriçal; é celebre pela convenção ali assignada em 1808, que deu em resultado a evacuação completa de Portugal pelo exercito francez do commando de Junot [1]. Este elegante edificio é composto de dois corpos de alvenaria, ligados por um arco triumphal de magestosa apparencia. O arco é rematado por um trophéu, e sobre o fecho tem uma inscripção latina, com a data de 1802, dedicada a D. João VI. Tem grandes salas [2], e possue muitos

[1] O palacio pertence hoje ao sr. duque de Loulé.
[2] Estas salas estão muito arruinadas.

quadros, entre elles alguns de grande merecimento [1]. A quinta é ajardinada; na parte posterior á entrada da casa ha o grande penedo denominado da *Saudade*. D'este ponto gosa-se um vasto horisonte.

É tambem digno de ver-se o palacio e quinta de *Monserrate*, pelo gosto e luxo de seu ornamento.

Bem notavel igualmente é a *Penha Verde*, casa de campo de D. João de Castro, edificada na serra, e onde existe uma pedra com uma inscripção em lingua sanscrita, que foi interpretada por Wilkins.

Tambem é digno de ver-se o *Conventinho da Serra*, chamado *Convento de Cortiça*, porque com ella são forradas todas as paredes e portas das cellas; construcção de D. Alvaro de Castro e habitação a mais humilde, occupada outr'ora por homens cheios de verdadeiro asceticismo e abnegação.

Ha depois o *Convento da Penha Longa*, edificação de D. João I. Tem alguma esculptura e uma grande cêrca; e por ultimo a *Peninha*, na ponta da serra, igreja edificada por um eremita no tempo de D. João III, sobre enormes penedos, e a que anda ligada uma lenda piedosa. As faces lateraes da igreja são azulejadas; possue um bonito pulpito de mosaico de marmores, de que tambem é decorado o altar mór; ao norte do cabo da Roca fica a *Pedra de Alvidrar*, penedo enorme batido pelas aguas do Oceano.

Como o passeio de Cintra a Collares constitue uma agradavel digressão, não será ocioso dizer duas palavras a respeito d'esta villa, e citar o mais notavel que ella contém.

Collares, 5 kilometros a oeste de Cintra, é uma bonita mas pequena villa. A origem de seu nome tem servido de assumpto poetico [2]. Comquanto não possua edificios grandiosos, todavia são dignos de ver-se as ruinas da ermida de *Milides*, a que anda ligada uma lenda piedosa, o *Convento de Sant'Anna*, a *Varzea* e o decantado *Rio das Maçãs*. Alem d'isso muitas e bonitas quintas e pomares.

[1] Na capella ha um quadro original, que representa uma procissão saíndo do claustro de um convento. É admiravel pela distribuição da luz; ignoro quem seja o auctor, e qual a allusão do quadro. Ha tambem uma copia do quadro de Dominiquino, que é a *Communhão de S. Jeronymo*.

[2] E o tempo, gastador que tudo come,
De Collares conserva o proprio nome.
G. P. de Castro.

MAFRA E CINTRA

PARALLELOS

> A arte é a expressão da sociedade, a historia e a civilisação de um povo.
>
> J. DA SILVA, *Esthetica*.

Tem-se fallado por muitas vezes de Mafra e Cintra, e ao passo que, em prosa e em verso, se ha engrandecido esta, aquella, examinada por bem diversos prismas, tem soffrido anathemas, e a seu respeito formaram-se juizos tão severos, que, respeitosamente direi, acho injustos. Embora Mafra não seja tão pittoresca como Cintra, todavia não é desagradavel; possue tambem bonitos passeios, montanhas alcantiladas e abruptas, extensos bosques, excellentes aguas e ares saudaveis.

O edificio de Mafra e o edificio da Pena, que realmente são dois monumentos, posto seja diversa a sua origem, distinguem-se e recommendam-se por suas bellezas peculiares e por seus meritos especiaes, ou seja em rasão de sua architectura, ou de sua grandeza e situação; cada um d'elles, marcando uma epocha, mostra o animo emprehendedor de homens portuguezes e a riqueza da nação. E este povo intrepido que tinha transposto os mares, affrontado os maiores perigos, levado a civilisação aos povos, então selvagens, da Asia, Africa, America e Oceania, que tinha riquezas fabulosas, podia, devia mesmo, erguer monumentos unicos, se tanto era possivel; e a par de seu genio audaz e emprehendedor andava tambem sua natural disposição para a independencia; e o edificio de Mafra é resultado d'essa disposição, e filho do nobre orgulho de familia.

A Napoleão I dizia Talleyrand, paraphraseando sobre a

conveniencia da hereditariedade, quando o senado lhe apresentou a corôa imperial: «*Grande homem, acabae a vossa obra; por vós fomos tirados do cahos do passado; vós nos fazeis abençoar os beneficios do presente; garanti-nos o futuro*».

Alexandre, olvidando o grandioso pensamento da successão, deu logar ás grandes lutas que se originaram entre seus generaes na partilha de suas conquistas; e assim como Alexandre, Carlos Magno deixa o imperio á anarchia.

Mas no animo de D. João V influiu mais o sentimento religioso, que presidiu á construcção da Pena e a todas as grandes construcções de monumentos em Portugal. «*Ha uma só fibra,* dizia Russell, em 1847 no congresso penitenciario, *que não desapparece ainda no meio da maior perversidade, é o sentimento religioso*».

Não é justo pois ser rigoroso com o passado. Quem sabe se a sociedade de agora, que julgâmos superior á antiga, não parecerá a nossos vindouros, d'aqui a dois ou tres seculos, o que nos parece a nós a sociedade que já lá vae ha igual tempo?... «*O passado*... (disse ha pouco um grande vulto, o sr. José da Silva Mendes Leal) *O passado teve a sua missão, exerceu o seu encargo, mas é passado; servem os systemas politicos, segundo as epochas. Nada ha immutavel senão Deus e a verdade... Não insultemos nada do que jaz, mas não esqueçâmos nada do que foi; o passado existiu, paz á sua memoria*».

Bem diversas na verdade foram as origens e as circumstancias que motivaram a creação dos edificios da Pena e de Mafra; e porque bem diversas eram as epochas, bem differentes são igualmente os seus estylos. Erguida a Pena na idade media, apresenta as fórmas que a regra então prescrevia ou determinava. O *normando gothico,* que domina na Pena, é um estylo gracioso e poetico; este genero que, mais ou menos puro, dominava então na Europa, produziu as mais bellas construcções, quer fossem igrejas, quer fossem castellos feudaes. O architecto historiava e poetisava juntamente nas pedras as mais sublimes inspirações de seu espirito, e as antigas cathedraes, as ruinas e as reliquias d'esses castellos são hoje objecto de admiração. Tantas seitas, por assim dizer, se tinham porém desenvolvido na architectura, que a arte degradava-se de dia para dia, chegando até a perder a harmonia de suas regras. Foi então pelos fins da idade media que outra vez lembraram as regras estabelecidas pelos romanos, e começou a epocha da renascença. Continuaram a ser respeitados os preceitos da

arte, e o estylo classico, de certo muito preferivel, tomou o seu logar.

Diga-se, embora, monotono o estylo romano; mas ao menos não está sujeito aos caprichos do artista, que muitas vezes excedia o seu melhor competidor, só pela novidade e phantasias de execução.

Erguido o monumento de Mafra depois da renascença, é a architetura classica o systema em que se baseou a sua arrojada estructura. Esquecida estava então a arte em Portugal, e nada notavel depois de 1640 se havia feito no paiz. Ludovice amoldou-se aos costumes da epocha, á ostentação do monarcha e aos habitos do povo. O espirito do seculo, que outra cousa não é senão um complexo de costumes que variam sem cessar, pedia construcções de certa natureza, e todas as epochas como todos os povos têem suas tendencias especiaes; que o espirito dominante seja gloria, liberdade, amor da sciencia ou das artes, é indifferente: mas é preciso uma idéa, só assim um povo é grande.

De tempos a tempos, e com intervallo de seculos, apparecem sobre a terra certos genios que, immortalisando-se por nobres e uteis pensamentos, deixam em suas creações a sua imagem. A Pena, construida sobre a rocha inaccessivel e tocando as nuvens, é a verdadeira estatua de Contucci, e o pedestal de D. Manuel e de Vasco da Gama; e as gerações futuras ainda ali hão de indicar um outro personagem não menos importante pelo seu zêlo e esmero na conservação do monumento, e pelo gosto com que tão religiosamente o ampliou, segundo o estylo d'aquellas epochas e d'aquelles homens. Fallo de el-rei o senhor D. Fernando, que ali ficará a par d'elles, porque cada pedra que addicionou foi mais uma pagina escripta n'aquelle maravilhoso poema.

Mafra, essa massa enorme de marmore, triste e pesada é certo, mas grandiosa, é a estatua de Ludovice, e o pedestal de D. João V, cujo espirito seria sempre arrojado em suas emprezas, quaesquer que fossem, e qualquer que fosse a epocha em que elle se achasse. E as gerações vindouras hão de ler com respeito nos frontões d'estes edificios os nomes dos homens illustres que os ergueram, e hão de curvar-se ante elles, rendendo-lhes a devida homenagem [1]. « *Um*

[1] A associação dos architectos civis portuguezes, por proposta de seu digno presidente o sr. Silva, vae gravar em todos os edificios os nomes de seus respectivos architectos. Este acto assás louvavel é o maior elogio que se póde tributar áquelles que os delinearam e deram á execução. O futuro tomará na devida conta o elogio.

dia virá, disse o distincto professor de architectura, o sr. Costa Sequeira, *em que a cega ignorancia, a presumpçosa vaidade e o insaciavel egoismo deixem de usurpar as honras devidas ao merito e á virtude*[1]».

Saudar os genios nas suas construcções, que são seus templos, é um acto nobre, é um acto generoso.

[1] Estudos de architectura civil.

INDICE

Pag.

Prologo 5

MAFRA

I

Idéa geral do monumento 7

II

Começo das obras — inauguração — continuação de obras — sagração — conclusão dos trabalhos 11

III

Frontispicio — torres — relogios e carrilhões — torreões — faces lateraes — parallela da linha de frente — exterior do templo e zimborio 18

IV

Atrio e vestibulo do templo — templo e cupula do zimborio — accessorios do templo — jogo de luz 29

V

Sacristia — casa do lavatorio — casa da fazenda — corredor das aulas — sala de actos — casa do capitulo — campo santo — refeitorio — cozinha — enfermaria — portaria mór — escada do convento — jardim 41

VI

Vestibulo do palacio — escada principal — mezzaninos — palacio propriamente dito — aposentos reaes — bibliotheca — cerca — jardim — tapada 52

VII

Reflexões — pára-raios — canalisação — considerações — notas .. 62

VIII

Festejos — inauguração do edificio e sagração do templo..... 72

Duas palavras ácerca da villa de Mafra..... 83

Rasão de ser..... 84

CINTRA

I

A villa e a serra..... 87

II

Palacio real..... 90

III

Castello dos mouros..... 95

IV

Pena — o castello..... 96

V

Arredores de Cintra..... 99

MAFRA E CINTRA

Parallelos..... 101

PREÇO
400 RÉIS

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

DP
802
M25G6

Gomes, Joaquim da Conceicao
O monumento de Mafra